

Perigosas Nacionais

Flávia Pimenta



no seu SORRISO

Encontros e
desencontros
do amor



TALENTOS
DA LITERATURA
BRASILEIRA

Perigosas Acheron



no seu
sorriso

Perigosas Nacionais

Flávia Pimenta

no seu
somiso

TALENTOS DA LITERATURA BRASILEIRA

Perigosas Acheron

No seu sorriso

Copyright © 2017 by Flávia Pimenta

Copyright © 2017 by Novo Século Editora Ltda.

aquisições

Cleber Vasconcelos

coordenação editorial

Vitor Donofrio

editorial João Paulo Putini Nair Ferraz Rebeca Lacerda Talita Wakasugui

preparação

Fernanda Guerriero Antunes

diagramação

Rebeca Lacerda

revisão Tássia Carvalho

capa

Dimitry Uziel

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pimenta, Flávia

No seu sorriso / Flávia Pimenta. -- Barueri, SP: Novo Século Editora, 2017. (Coleção Talentos da literatura brasileira) 1.
Ficção brasileira I. Título

17- 1337 CDD 869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. _____ Ficção brasileira 869.3

novo século editora ltda.



— Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto

1111 cep 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – sp – Brasil Tel.: (11)

3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.gruponovoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

Dedico esta obra a todos os leitores de “NO SEU OLHAR”, que desejaram conhecer a história de Marina e Otávio. De maneira muito singular, dedico à Bruna, a primeira leitora desta obra e fã de “carteirinha” da Marina.



Agradecimentos A Deus, sempre em primeiro lugar. Obrigada pela vida, Senhor! À minha família maravilhosa – meus pais Devair (in memoriam) e Luzia (mãezinha amada); meus três meninos, Rê, Gui e Gi (amo vocês demais); minhas irmãs Alê e Cacao (the best friends); minhas cunhadas/irmãs, Regina e Renata; meus cunhados Márcio, Ricardo, Sérgio e Marquinho; todos os meus sobrinhos, que me ajudaram e apoiaram, Camila, Sérgio, Bruna, Zé Pedro, Rafaela, Gabriel, Paulinho (afilhado amado) e Zé Dudu. Somos muito unidos, obrigada a cada um de vocês.

Um agradecimento especial, MUITO ESPECIAL, às minhas duas queridas sobrinhas, a arquiteta top Bruna Pimenta Garcia, por toda a ajuda em tantos aspectos, tornando meu tempo maior, pela leitura crítica e auxílio no desenvolvimento deste trabalho, pela inspiração ao título desta obra, e por ser minha filha do coração. E à Dra. Camila

Fedato Batalha, pelo carinho que teve na leitura do meu livro, por dispensar seus conhecimentos como médica. Sua ajuda foi imprescindível, minha neurologista mais linda. Amo vocês, gatinhas.

À minha amiga Paula Sena Capuci, pelas horas de caminhada que resultaram em “terapia” e fatos compartilhados, que contribuíram bastante para o desenvolvimento dessa história. Valeu, amiga!!

Obrigada à editora Novo Século, por acreditar em meu potencial e por sua equipe incrível transformar meu sonho em realidade. Em especial ao Cleber, que foi um amigo nessa jornada. Este livro é decorrência de todo amor e incentivo que tive do meu primeiro trabalho: “No seu olhar”. Foi surpreendente o carinho recebido, obrigada às amigas queridas, Lu, Lika, Ju, Mari, Alê, Cacau e Paula, por, simplesmente, TUDO. Vocês são as melhores amigas que alguém poderia ter.

Obrigada, Nova Andradina, Presidente Prudente e Campo Grande, pela receptividade. Em especial agradeço a Claudia Pimenta, Dra. Dione Hashioka, Adriana Paioli, Nair Russo, Rita Ramires, Cátia Andrade e Regina Fedato, que me ajudaram na divulgação e realização em cada cidade (perdão por não citar todos os nomes, seria difícil, mas elas representam o apoio recebido).

Obrigada a cada leitor, de cada cantinho deste país, que, mesmo sem me conhecer, demonstrou tanto carinho, me prestigiou e me incentivou com palavras amigas e, principalmente, por ter pedido meu segundo trabalho.

Obrigada aos blogs e IGs literários, que me ajudaram a divulgar e fizeram fotos e resenhas lindas do meu livro. Valeuuu!!

Eu usaria diversas folhas e gostaria realmente de colocar o nome de cada pessoa que comprou meu livro. Cada pessoa que curtiu minha página, que me enviou uma mensagem, que compartilhou minha foto. A você, você mesmo, que fez tudo isso por mim: OBRIGADA!

Espero que este livro lhe traga um pouco de todas as emoções que senti ao escrevê-lo.

Queria espalhar bilhetinhos de gratidão pelo mundo! Boa leitura, querido leitor... Ah!, e obrigada de novo, tá!?



Prólogo mAlDiTA!

mAlDiTA! mAlDiTA hora que resolvi vir a este pub! Mal- dita essa Marina, que está em todo lugar! Em cada canto que olho, eu a vejo. A presença dela é marcante. Trouxe a Juliane comigo, uma loira gostosa com quem saio de vez em quando para um sexo casual. Quero mostrar para a Marina que sou indiferente a ela, que esse ciúme idiota que está tentando me provocar com Harter é infundado. Mas, porra, quem eu quero enganar? Estou fodidamente ardendo de ciúmes.

Sou um homem blindado quanto a romances idiotas e mulheres desesperadas para relacionamentos. Tenho 38 anos, sou um empresário bem-sucedido, mas agora, diante dessa petulante da Marina, não passo de um adolescente absolutamente vulnerável.

Estou com vontade de esganar a Juliane porque fica me alisando e querendo bancar a namoradinha. Não ouvi nenhuma palavra que disse até agora e não consigo tirar os meus olhos da pista. Porra, aquele

americanozinho de merda não tira as mãos da cintura da Marina e fica falando no ouvido dela. E a pilantrinha está gostando e se derretendo toda para ele. Preciso sair daqui o mais rápido possível, mais rápido do que eu possa ir até aquela pista, arrebentar a cara daquele mauricinho e arrastar a Marina pelos cabelos. Suspiro, olho para o lado, quando a voz melosa da Juliane me tira do transe psicótico em que estou.

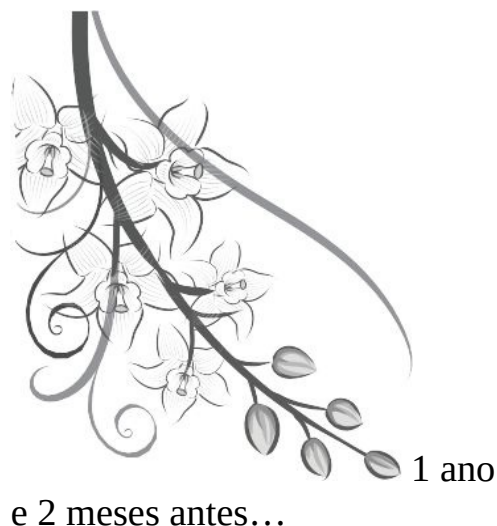
— Tavinho, querido, você está tão calado. O que foi? — Ela acha que sua voz está sensual, mas não escuto nada mais que um chiado.

— Vamos embora, Juliane. Não quero ficar aqui. — Tomo meu uísque num gole só, bato o copo no balcão e saio puto da vida. Não me despeço de ninguém e Juliane vem correndo atrás de mim.

— Calma, Tavinho! Estou de salto e não consigo te acompanhar. Hum, garanhão... Está louco para irmos ao motel, não é? Por isso saí assim tão brusco.

Definitivamente, a pior ideia que tive foi ter trazido essa garota. Faz meia hora que estou rodando pelas ruas, tentando acalmar a minha raiva, depois de praticamente despejar Juliane na casa dela e fazê-la entender que não estava com cabeça para sexo. Mas simplesmente não consigo voltar para casa. A imagem daquela maldita não sai da minha cabeça, insinuando-se e rebolando naquela pista. Mas não darei esse poder a ela sobre mim. De jeito nenhum. Chega! Vou para casa e tirá-la da minha cabeça.

Assusto quando o carro atrás de mim buzina. Nem percebi que o sinal já havia aberto. Arranco dali e desconto no acelerador toda minha fúria. Quando vejo, estou em frente ao pub. Fico dentro do carro por um tempo, até que decido descer. Não sou homem de fugir... E ir para casa atestaria isso. Só voltei para olhar de novo aquela menina e ter certeza de que ela não é ninguém especial para mim.



Marina

estou linDA. Gastei uma grana no meu visual desta noite e estou louca para me divertir muito, beber todas e azarar algum gati- nho; no entanto, desde que cheguei a esta festa, só me estressei. Assim que entrei no salão, de cara já vi umas mil mulheres bem mais bonitas e mais sexy que eu. E fala sério! Chegar a algum lugar supeeeeer se sentindooo e ver um monte de concorrentes em potencial é um banho de água fria... Concorrentes siiiiim, porque homem bonito e disponível está em extinção.

Passado o choque, voltei à minha postura de “muito” gos- tosa, afinal, se você não acreditar em si mesma, sem chances mesmo de ser notada. Esta é uma festa da empresa em que eu trabalho. É o lançamento de uma banda iniciante, e tudo está um luxo, cheio de gente importante e amigos queridos. Como eu ia dizendo, porém, a

noite parece estar rindo da minha cara, porque fico pálida assim que olho para o palco. Tony, meu companheiro de apartamento, está cantando, e nem posso imaginar como ele foi parar ali em cima (e esse seu talento é um segredo nosso, que pode vir a comprometer meu trabalho na LUNEX). Começo a circular para tentar entender o que aconteceu e pego uma taça de champanhe, a qual viro de uma vez. Se eu mal cheguei e já tomei dois banhos de água fria, só bebendo para não surtar.

A banda é apresentada, Tony desce do palco e eu vou ao encontro dele. De repente, ele me puxa e não tenho tempo de

falar nada. Fico entre assustada e ansiosa, e penso: “Será que, enfim, Tony percebeu que eu existo?”. Sim! Porque ele é um gato e mora comigo, mas me vê como irmã, o que é uma tortura para os meus hormônios. Ele continua me puxando até o terraço externo do salão. Meu coração está saltitando e, como tenho uma santa imaginação, consegui organizar meu casamento nesses segundos. ACORDA, MARINA!

— Venha, Marina, preciso falar com você. Vamos a algum lugar isolado? Preciso de ajuda — ele sussurra e continua me levando.

Parece filme de ação.

— Tony, está maluco? O que estava fazendo naquele palco? Por que está me puxando assim? E minha carreira, como fica? Para onde está me levando? Quer me explicar? — dispa - ro mil perguntas.

Tony se aproxima e, por um milésimo de segundos, imagino que serei beijada. No entanto, ele sussurra: — Marina, o Fábio te explica a história do show. Fique tranquila, pois não há vínculos entre nós que possam comprometê-la. Preciso da sua ajuda. Não sei como e nem por que Tavinho, meu irmão, está aqui. Você se lembra dele, não é?

— Tony, que confusão. O seu irmão Tavinho? Claro que me lembro dele. Meu Deus, que loucura está acontecendo?

Uau, que banho gelado!

— Marina, eu preciso resolver um equívoco, mas não posso deixar de saber o motivo da presença de Tavinho nesta festa. Só quero que você se aproxime dele, diga que o reconheceu e tente descobrir o que ele está fazendo aqui e o que quer. Faz isso por mim?

— Sim, Tony, fique tranquilo. Você está nervoso... Se meteu em encrenca?

Ele me abraça, diz que depois explica, agradece e sai correndo. Eu fico parada meio abobada; depois, ajeito-me e vou à procura de Tavinho.

Só por você mesmo, viu, Sr. Antônio?!

Já dizia minha sábia avozinha: “Quem muito se abaixa uma hora mostra o re... er... bumbum”. Não consigo repetir a frase até o fim, como dona Deise. Quem mandou ser muito boazinha? Quem mandou não saber falar não? Pois é, agora vou perder minha noite de vez, procurando pelo irmão do Tony, bancando a anfitriã e perdendo a chance de agarrar um gostoso, porque as gostosas já estão atacando. Já estou vendo: sobrarão os feios pra você, Marina boazinha.

Procuro por ele no salão sem saber o que dizer, se devo chamá-lo de Tavinho ou Otávio. Estou perdida nos meus pensamentos quando olho perto do bar e meu coração para por alguns segundos. NOSSA SENHORA DAS SOLTEIRONAS ENCALHADAS, tende piedade de mim. Que homem LINDO, que DEUS! Se eu achava Tony bonito, é porque não me lembrou do irmão dele. ELE É PERFEITO. Estava tão tranquila para falar com Otávio, mas de repente pareço uma pateta. Aproximo-me, tremendo até os fios de cabelo.

— Oi. Estava te olhando de longe e parece que conheço você. Não, não é nenhuma cantada barata... Você é o irmão do Tony? Idiota, idiota, idiota! Que abordagem mais bocó! No entanto, por não saber como deveria tê-lo chamado, fingi não saber o nome dele. Fico esperando Otávio me olhar dos pés à cabeça, com a maior cara de desdém do mundo, até que ele fala: — Não me lembro de você. Mas, sim, sou irmão do Tony. De onde você o conhece?

Que grosso!

— Ah, eu sou irmã do Paulo. Sou de Caxias do Sul também. Tony sempre foi muito amigo do meu irmão; íamos algumas vezes à sua casa. Só não lembro seu nome.

Mentira deslavada, mas esse homem é muito mal-humorado, então não vou dar o gostinho para ele de saber que sei sim que se chama Otávio.

— Desculpe a indelicadeza. É Marina o seu nome, não? Eu sou Otávio, e não reconheci você. Na verdade, liguei para o seu irmão, porque preciso encontrar Tony urgentemente, e ele me disse que você talvez tivesse alguma notícia dele. Paulo me deu seu endereço e aqui estou eu, em uma festa, depois de procurá-la durante a tarde toda e conseguir a informação de que a encontraria aqui. Foi bom ter sido encontrado justo por quem eu estava procurando. Mas por sorte Tony também está aqui. Eu o vi cantando, porém ele saiu do palco e evaporou. Vocês são namorados? — ele fala rápido e me estende a mão, mas não é nem um pouco simpático.

Ele estava me procurando? Mas que esnobe! Nem sabia como eu era... Iria me encontrar como? E por que quer saber se eu e Tony somos namorados? O que tem de lindo tem de arrogante.

— Eu tenho como falar com ele, e somos apenas amigos. O que houve? Posso ajudar?

— Olha, Marina, em outras circunstâncias eu adoraria ficar aqui conversando com você, mas realmente preciso falar com o Tony. Você sabe para onde ele foi?

— Ele disse que precisava resolver alguma coisa... não entendi o quê. Mas podemos ligar para ele. Não quer mesmo me dizer o que está acontecendo?

— É meu pai... Ele sofreu um infarto e está no hospital, e não para de chamar pelo Tony desde que saiu da UTI. Os médicos acharam que seria bom para a recuperação dele receber a visita do filho. Eu não concordo, mas aqui estou à procura daquele imbecil.

— Nossa, sinto muito pelo seu pai.

Mas que babaca! Bem que o Tony me disse que ele era insuportável.

— Tony não é imbecil — falo mais para mim, mas ele me ouve.

Percebo a cara fechada dele e me calo. Pego meu celular e, então, ligo para o Tony. Na primeira vez, chama até cair;

tento novamente, mas só da caixa postal. Tentamos diversas vezes, até que o Senhor Certinho, depois de anotar o endereço de Tony (ou seja, o meu), resolve deixar para encontrá-lo amanhã cedo. Eu pergunto se quer aproveitar um pouco a festa, mas ele responde rispidamente que não se sente bem em uma festa enquanto o pai está hospitalizado. Compreendo e me repreendo internamente pelo convite. Despedimo-nos e eu vou curtir a noite. E que esse babaca LINDO e GOSTOSO se exploda.

Já perdi a comida, e olha que com fome sou pior que sem paquera. Juntaram-se, então, as duas coisas: o idiota me deixou aqui plantada, faminta e sozinha. Para não perder a noite de vez e para valer toda a grana que gastei no meu visual, vou beber e dançar. Não lembrava que Otávio era tão lindo, derubando as minhas estruturas e deixando-me com as pernas moles e o coração acelerado (o que não é muito difícil).

De longe ele é bem mais bonito que Tony. Não, ele é bem mais bonito que qualquer homem que já tenha cruzado meu caminho. O que tem de lindo tem de chato, grosso e mal-humorado. Bom, talvez esteja cansado da viagem, ou preocupado com o pai... Ah, não adianta querer me enganar! O cara é muito ranzinza. De novo pensando nele, Marina? Deleta!! Partiu pista, me acabar de dançar e quem sabe descolar uns beijinhos.

Após a festa, chego em casa animada e mais sozinha do que estava, e encontro um Tony largado no meu sofá chorando. Faço um café, sento-me ao lado dele e escuto toda a sua história louca. Nunca imaginei que Livia, a minha chefe, fosse a mulher com quem ele estava saindo, nem mesmo pensei em toda a sua omissão dos fatos. Enfim, uma grande bagunça, que indiretamente vai sobrar pra mim. Vendo esse homem derrotado, fico apreensiva, porém preciso contar o motivo de Otávio ter vindo aqui. Crio coragem, conto sobre o pai dele e digo que Otávio virá buscá-lo de manhã.

No outro dia, a presença de Otávio no meu apartamento é sufocante. Esse homem é muito grande em todos os aspectos. Ele decide esperar Tony arrumar as coisas aqui mesmo. Sabe aquelas meninas bem bobinhas? Pois é, sou eu. Falo coisas desconexas, não consigo parar um minuto e fico desconcertada na frente dele. Para ajudar, nós vamos juntos buscar meu carro, que deixei na festa: uma sugestão infeliz de Tony. Pedi que ele me acompanhasse, então não tive como recusar.

Otávio está mais simpático que ontem, porém fala pouco e me olha com desdém. Chegamos, enfim, ao estacionamento da festa, depois do que parecia ser uma viagem para a China. Ele me segue, e eu paro no mercado e compro um sorvete. Subimos ao apartamento como completos estranhos no elevador e, depois, nós três almoçamos num silêncio constrangedor, durante o qual flagrei várias vezes o olhar de Otávio sobre mim, porém indecifrável.

Chega a hora de eles irem embora. Sinto-me aliviada por voltar a respirar sem a presença marcante de Otávio, mas muito triste por Tony estar partindo. Despedimo-nos e minha casa fica vazia sem meu amigo, mas será bom para ele estar com a família e dar um tempo no turbilhão que é o relacionamento dele com a Lívia.



ano e 1 mês antes...

otávio

Mal entro em casa, quando dona Matilde vem correndo até mim com o telefone, dizendo ser uma amiga de Tony querendo falar com qualquer um de nós. Meu corpo estremece na hora, porque eu tenho certeza de quem é, mas atendo fingindo ignorância.

— Alô! Quem é? — pergunto com mais rispidez do que pretendia.

— Oi, Tony!

Sei que ela sabe que não é ele. Está desconversando. Sua voz rouca me pega de jeito.

— Não, aqui é o Otávio. Quem está falando? — continuo fingindo não saber quem é. A voz dela mexe comigo.

— É a Marina, amiga do Tony, não sei se lembra. Eu queria falar com ele... Acho que sua funcionária se enganou.

— Lembro, não esqueceria você. Acho pouco provável que ela tenha se enganado. Dona Matilde disse que a senhorita queria falar comigo ou com meu irmão. — Não dou moleza e entro no jogo.

— Ah, eu pedi para falar com ele e perguntei se todos estavam bem, foi isso. Desculpe o incômodo. Até logo então — ela gagueja, nervosa.

— Pergunta se estou bem e agora não quer saber? E quem disse que está me incomodando? — Eu não iria deixar que desligasse assim.

— Ah, claro... Sim... quer dizer... — A toda espertinha fica sem palavras.

Eu, então, suavizo o meu tom:

— Sim, estou bem, todos nós estamos. E não, você não me incomoda. Seu amigo acabou de chegar, quer falar com ele?

— Sim, quero. Obrigada, Otávio, um beijo.

Pode ser meio imatura, mas o beijo que ela manda me faz sorrir.

— Até mais. Outro pra você.

Entrego o telefone ao Tony, mas, no fundo, não era isso o que eu queria e sinto um ciúme incoerente dele. Fico ao seu lado, tentando ouvir a conversa, quando o que ouço me assusta: — O quê? Você vai casar, Marina?

Meu mundo congela. Não sei por que me importo, mas essa menção me enfurece.

Pela conversa, porém, percebo que não é ela e sinto alívio, o que é estranho. Quando Tony desliga, me conta sobre o tal casamento, que é de um amigo em comum, e me convida para ir com ele. Na hora, recordo a menina de olhos grandes e aceito sem pensar.

— Tony, eu quero te perguntar uma coisa: você e a Marina já namoraram? Já tiveram alguma coisa mais séria?

Ele ri com deboche. Vai me azucrinar, mas quero mesmo saber.

— Humm, senti certo interesse? Estranhei mesmo você aceitar viajar assim, do nada. Qual é? Está a fim dela?

— Você é mesmo babaca, Tony? Não dá para falar nada com você! Eu só perguntei por perguntar, você desconversou e não respondeu.

— Não, Tavinho, eu e Marina nunca tivemos nada. Ela foi uma grande amiga, me ajudou bastante e sempre a vi como uma irmã. Uma vez eu estava meio alto e acabou rolando um beijo... Houve um mal-estar entre nós, mas resolvemos.

Quando Tony fala do beijo, sinto vontade de socar a cara dele. E eu, que sou um homem 100% razão, reprovoo internamente minha súbita reação.

Desde que veio falar comigo, toda atrapalhada, naquela festa, não consegui tirá-la dos pensamentos. O que é no mínimo estranho, pois não me afeiçoo a ninguém, tampouco nutro sentimentos. Sou um cara frio. Acho que nasci desse jeito, ou me obriguei a ser assim.

Os dias voaram e a manhã da viagem chegou. Geralmente, só viajo a trabalho, e — olhem para mim! — estou em São Paulo com meu irmão em frente ao apartamento da Marina, simplesmente porque quero vê-la mais uma vez.

Quando ela abre a porta, percebo que se surpreende com minha presença. Eu fico apreensivo, sem saber se a cara de espanto dela é algo bom ou ruim. Marina nos abraça e nos convida a entrar. Estou sem jeito, sentindo-me invasivo, e, para ajudar, o infantil do meu irmão solta uma das suas: — Ah, Marina. Tavinho está morrendo de vergonha de ficar aqui, mas achei que seria melhor, assim vamos todos juntos ao casamento e facilita nossa viagem amanhã. O que acha?

Minha vontade é a de socar a cara de Tony. Fico tenso até que ela responde: — Claro, Tony. Claro, Otávio. Eu jamais aceitaria outra opção. Vamos tomar um café e nos arrumar para irmos?

Sorrio com certo alívio e vejo o rosto dela enrubescer. Marina sorri de volta e sinto-me revigorado.

— Seu calhordinha de merda, você me paga — sussurro no ouvido de Tony, apesar de, no fundo, ter adorado sua intromissão. Chegamos ao salão antecipadamente, afinal Marina é madrinha junto com o irmão da Carla. Ela está linda. Novamente vestida de azul, como no dia em que a conheci, e essa cor resalta ainda mais a beleza de seus olhos.

Tony me apresenta ao noivo e a seus amigos. São pessoas legais, e nesse instante percebo que eu não tenho um único amigo, ninguém, nem de infância nem da época de faculdade. Sou totalmente sozinho. Desvio-me desse pensamento fugaz e inevitavelmente olho para Marina. Irrito-me por estar tão vulnerável e mais ainda com ela, que parece ser amiguinha de todos os homens deste salão.

Preciso beijar essa menina para acalmar a tensão do meu corpo, apagá-la dos meus pensamentos e voltar tranquilo para casa, afinal uma boa noite de sexo resolve tudo. Já que vim até aqui com esse intuito, farei valer a pena. Como um bom sedutor que sou, começo a caça.



Marina não

esperava que Otávio viesse com Tony. Foi um choque dar de cara com ele no meu apartamento; senti uma descarga elétrica total ao saber que ele dormiria na minha casa. Na minha casa!! Tenho dois dos homens mais lindos do planeta debaixo do meu teto. Sou a filha da puta mais sortuda e ao mesmo tempo mais azarada, porque para um sou a doce irmãzinha e para o outro, uma... hum, sei lá... coisinha?

O casamento foi maravilhoso e a festa está radiante. Só depois de muitas taças de frizante a tensão de ter Otávio ao meu lado foi amenizada. O cara parece meu segurança: fica com a cara fechada, mas todo possessivo, como se eu fosse alguma propriedade dele. Sempre que olho, eu o pego me encarando. E arrasto-o para a pista de dança quando fica intolerável estar - mos na mesa num silêncio constrangedor.

Ele levanta de má vontade, mas me surpreendo, pois jamais diria

que o Senhor Mauricinho dançaria tão bem. O cara é uma delícia, todo sensual. De repente, sou disputada por ele e Tony na pista, e percebo que Tony quer fazer ciúmes para Livia, então aproveito a situação e me esbaldo com os irmãos “Deuses da Beleza” ao som de “Worth It”, de Fifth Harmony.

Depois do brinde aos noivos, Tony vai embora com Livia e me deixa incumbida de cuidar do irmão e de levá-lo para casa. Não que isso seja algum sacrifício, mas Otávio é o cara mais insuportável com quem já estive. Ele é sério, introspectivo, mas

ao mesmo tempo me encara como se estivesse me paquerando; ora parece flertar comigo, ora parece me detestar. É difícil decifrá-lo. Quase no fim da festa, restam poucas pessoas no salão. Paulo, meu irmão, vem se despedir e intuo que está na hora de ir para casa, porque acabei excedendo na bebida também.

— Marina, você veio de carro? — Paulo pergunta todo mandão, como um bom irmão mais velho. — Porque se veio, mocinha, irá embora comigo ou de táxi, entendeu? Pode me dar a chave. — Bravo, ele estica a mão.

Prestes a entregar a chave, a voz de Otávio nos interrompe: — Eu vim com a Marina, vamos para o mesmo lugar e eu posso ir dirigindo — diz e pega a chave da minha mão.

Que cara abusado!

— Você pode ir tranquilo, que eu cuido dessa mocinha — ele avisa meu irmão e pisca pra mim, então subitamente fecha a cara.

Oohh, incógnita.

— Ah, beleza então, Otávio. Fico tranquilo. Foi bom revê-lo. Até mais, maninha, e se cuida. — Paulo beija meu rosto, dá um abraço em Otávio e nos deixa sozinhos.

Estou puta da vida. Quem ele pensa que é para se intrometer assim, decidindo por mim, sem nem ao menos perguntar minha opinião? Levanto minha cabeça, encaro-o carrancuda para questioná-lo, mas sou interrompida por sua mão, que, grosseiramente, tampa minha boca.

— Moça, você usou muito essa boquinha por hoje, já falou e bebeu demais. Então vamos embora. — Ele abraça minha cintura e me puxa para fora do salão.

Perco as forças para questionar, acato sua decisão e sou conduzida como uma marionete. Mas, também, para que ter orgulho quando se tem uma mão grande dessa na sua cintura, me fala? Idiota, burra, tonta, tapada. Sim, esses são alguns dos adjetivos que devem ser atribuídos a mim hoje. Porque eu

simplesmente não sei o que aconteceu. Estou deitada na minha cama, toda descabelada, só de calcinha e sutiã, e totalmente sem memória. Isso é sério? Alguém lá de cima deve estar muito chateado comigo.

Minhas únicas lembranças são: a chave do carro, uma mão na cintura, a porta do carro se abrindo e agora este quarto e este ser descabelado aqui sentado (no caso, eu). Que vontade de chorar... Não pode ser. Se eu transei com aquele “Adonis”, não me lembro de nada: o que fiz, o que falei; se foi bom ou ruim. E se eu não transei, nem imagino o que fiz para estar só de lingerie. Que vontade de morrer! Como eu saio deste quarto agora? Acho que vou desmaiar.

Ouçõ batidas à porta, as quais me tiram deste surto psicótico. Quero fingir não estar ouvindo, quando Tony coloca sua cabeça na fresta, pedindo para entrar.

— Oi, Tony, entra.

Cubro-me com o lençol e vejo que ele está segurando o riso.

— Bom dia. Por que essa cara de bobo, hein?

— Porque você está parecendo o “Bozo” com esse cabelo bagunçado e esse olho todo borrado.

Tampo meu rosto com as mãos. Devo estar horrível, e pior: Otávio me viu assim também.

— Vim só dizer que já estamos indo. O único voo de volta que conseguimos foi este da manhã. Quero te agradecer mais uma vez pela hospitalidade. Obrigado, querida. Sentirei saudades de você.

— Nossa! Vocês já vão? Nem ao menos irão tomar café? Espere eu levantar e arrumar alguma coisa para comermos. Irei levá-los ao aeroporto. Onde seu irmão está? — falo apressada, levantando e tropeçando no lençol, totalmente fora de foco.

— Marininha, não precisa. Estamos em cima da hora, o táxi chegou e Tavinho já desceu com as malas. Eu não sei o que houve aqui, mocinha, mas a cara do meu irmão não é das

melhores. Preciso ir, depois te ligo para você me contar tudo.

— Tony me dá um beijo e sai.

Eu nem tenho tempo de dizer nada.

Contar o quê, meu Deus? Não sei de nada, e agora menos ainda. As perguntas só aumentam. Por que ele não se despediu? Por que está com cara feia? Devo ter sido horrível à noite, mas o que eu fiz??

Que se dane! Ele é um grossooooo, cara insuportável. Não quero vê-lo tão cedo. Mas, sim, estou com muita ressaca, uma dor de cabeça infernal. Tomo um Advil, deito na cama e desmaio, querendo dormir uma eternidade. Adormeço e sonho com aqueles olhos azuis mais lindos.



1 ano
e 15 dias antes...

otávio

O cúmulo DA imAturiDADe foi forçar uma reunião em São Paulo, que poderia muito bem ser por videoconferência, ou até mesmo em Caxias, ainda mais por estar sozinho nas empresas. No entanto, precisava de uma desculpa para ir até lá e encontrar a amiga do Tony. Preciso vê-la e provar a mim mesmo que estou apenas obcecado e que nada tem a ver com aqueles olhos azuis gigantes e expressivos que eu não consigo esquecer.

Ela nem faz meu tipo, é muito novinha, imatura e sem filtro na boca. Não gosto de ser pego de surpresa e muito menos desafiado. Caramba, sou vacinado contra paquerinhas, determinado e bem resolvido a não namorar ou me relacionar; esse tipo de coisa não é para mim. Sou muito ocupado, não tenho paciência com carências femininas e não estou disposto a ficar agradando ninguém. Além do que, um

relacionamento pode levar ao amor, e amor só traz tristezas e decepções uma hora ou outra. Já sou fodido o suficiente para ter que passar por isso. Saio com mulheres diferentes, faço sexo sem compromisso e tenho minha liberdade para aproveitar, nada que eu queira mudar.

Desde que vim de São Paulo, não consigo tirar a imagem dela da minha mente, e às vezes me pego rindo, lembrando-me daquela noite. Assim que entramos no carro, ela encostou-se à porta e simplesmente dormiu. Tive que carregá-la até a cama, tirar sua roupa e fazer um esforço descomunal para não beijá-la

e tomá-la mesmo inconsciente. Falava coisas incoerentes e chamou meu nome várias vezes, um bálsamo aos meus ouvidos.

Ela é tão linda, com uma pele branquinha, pequena, mas com todas as curvas imagináveis para uma mulher gostosa. O cabelo loiro é o que mais me atrai: é natural e realça seus grandes olhos azuis. Dormindo é ainda mais bonita, pois fica com a boca fechada. Fui dormir tão duro e cheio de desejo, que no outro dia estava muito puto para vê-la, afinal, se já tivéssemos transado, teria tirado ela da cabeça. Desci antes que Tony fosse se despedir. Sei que fui mal-educado, mas realmente não queria vê-la.

Agora não consigo pensar direito e em meus pensamentos há uma interrogação. E sou um homem de pontos finais. É isso. Eu só preciso olhar de novo para aquela menina, ter uma foda bem dada e então retomar minhas certezas.

Reunião marcada. Agora preciso dar um jeito de pegar o telefone dela com Tony, sem deixar transparecer qualquer interesse.



Marina Depois

De DuAs xícArAs de café para acordar direito — aliás, sou movida a cafeína, por isso devo ser tão elétrica —, estou indo para o trabalho, atrasada para variar, quando meu telefo- ne toca. Vejo que é uma chamada de Caxias, mas de nenhum número conhecido. Paro o carro no acostamento e atendo, pois me preocupo em ser alguma coisa com meus pais.

— Alô.

— Oi. Marina?

Na hora reconheço aquela voz, e simplesmente minha reação muda. Estou atônita. Puta que pariu! Otávio.gato me ligando?

— Oi, é ela. Quem está falando? — Claro que eu sei quem é, só estou disfarçando. Não vou dar esse gostinho a esse gros- so, que não teve a educação de se despedir de mim e nem me contar o que aconteceu naquela noite.

— É o Otávio, embora eu tenha certeza de que você reco- nheceu a

minha voz.

Que petulante! Ele realmente se acha, ou lê pensamentos?

— Uau, quanta modéstia. A que devo a honra? Ou já devo deduzir também o motivo dessa ligação?

Toma essa, senhor cheio de si.

— Acordamos de mau humor? Só liguei porque estou em São Paulo a negócios e quero convidá-la para um almoço, mas não foi uma boa ideia.

Ai, que arrependimento de ter sido grosseira. E agora? Será que vai desistir do convite? Antes que ele desista, eu me adianto: — Ah, desculpa, é só uma defensiva (“do seu mau humor”, penso). Que legal estar em São Paulo. Otávio, hoje eu tenho um compromisso inadiável no almoço (“MENTIRA, só tenho que me preparar!”). Mas, se estiver disponível, poderíamos jantar. O que acha?

Nossa, será que foi muito desesperador? Tipo, nunca ninguém me convida para sair? Meu estômago embrulha de ansiedade.

— Claro. Podemos mudar para o jantar. Estou hospedado no Devile. O restaurante de lá é espetacular. Podemos nos encontrar às nove horas. Você vai ou eu devo buscá-la? — Ele é muito decidido e mandão também.

Minha vontade é mudar toda a ideia, desde o lugar até o horário, mas não vou correr o risco. É, estou mesmo muito ENCALHADA.

— Combinado. Encontro você lá, é melhor. Até mais tarde, Otávio. — Desligo sem ao menos dar tchau.

Dou risada sozinha, imaginando a cara do Senhor Perfeito. Sério mesmo que vou conseguir trabalhar?

Como deduzi, não produzi nada o dia todo. Fiquei dispersa no trabalho, só pensando na roupa que vou usar hoje à noite, se devo ir de táxi ou de carro, se me atraso ou sou pontual. Faz tanto tempo que não tenho um encontro que perdi totalmente o jeito. Vou ligar para a Paty e pedir uma opinião... Não, melhor não. Ela vai fazer o maior interrogatório. Patrícia (Paty) é minha melhor (única) amiga. Ela é totalmente antirromances, vive me trazendo à realidade e eu, tentando amansar o coração de pedra dela. Então, nós nos completamos.

São oito horas. Já tomei banho, sequei os cabelos e fiz uma *make* leve. Não sou fã de maquiagens, e minha cama está com praticamente todo o meu guarda-roupa em cima, porém não consigo optar por nenhuma roupa. É sempre assim: se você faz

uma faxina no armário, se pergunta: “Para que tanta roupa?”. Agora, se um gostoso te convida para sair, você se deprime: “Não tenho roupa”. INCRÍVEL! Também estou me sentindo gorda. Ah, a quem eu quero enganar? Estou realmente gorda.

Eu vou cancelar, não tenho uma bendita roupa para pôr. Deito na cama desanimada. Essa coisa de homem bonito não é para mim.

Já entendi alguém aí de cima? NASCI PARA FICAR ENCALHADA, FRUSTRADA E SEM SEXO!

Meu telefone apita: é uma mensagem do Otávio pelo WhatsApp. Eu havia salvado o número dele no instante em que ele me ligara, para não dar nenhuma bola fora. Meu coração começa a bater mais que batuque de escola de samba. Alguém lá de cima ficou com dó de mim.

O: — Olá. Espero que não tenha se esquecido do nosso compromisso. Seja pontual, não tolero atrasos. Estou te esperando ;)

O que é essa mensagem? Que perfeito idiota! Isso é uma reunião de negócios ou um jantar entre amigos? Ele é muito babaca. Quer saber? Acabei de decidir: não vou mais. Prefiro ficar encalhada e na seca a me sujeitar a esse arrogantezinho.

OK! TÁ SEM O QUE FAZER AÍ EM CIMA, HEIN?

Na hora respondo:

M: — Oi. Eu não havia esquecido, mas acabei de desistir. Sabe o que eu não tolero? Grosseria e petulância. Tenha uma boa noite, Senhor Pontual.

Assim que envio a mensagem eu já me arrependo. Poxa vida, nunca mais ele vai querer me ver. Tenho um defeito, ou qualida- de, chame como quiser: simplesmente não consigo ficar brava com ninguém; passa-se nem ao menos um minuto e já esqueci.

Geralmente, sou eu que peço perdão, que vou atrás, que me submeto; em qualquer aspecto de relacionamento, certa ou errada, não consigo guardar mágoas. Às vezes me sinto tola, mas eu sou assim. E quer saber? Sou feliz. Já pensou se morre alguém com quem estou brigada ou alguém parte sem saber que eu o amo? Ah, prefiro sempre estar em paz a estar certa.

Droga. Acho que vou mandar uma mensagem dizendo que é brincadeira. Não, melhor não, ele vai me achar muito infantil. O que você foi fazer, Marina? Se não sabe ser fodona, fique na sua.

Fiquei absorta em meus pensamentos, ouvindo Bee Gees e guardando a pilha de roupa no guarda-roupa, que nem vi o tempo passar.

Meu coração está apertado. Detesto ser estúpida com as pessoas, ainda mais quando a pessoa tem 1,90 metro, olhos azuis, porte atlético, e é homem e gostoso. BURRA!!

A campainha toca, assustando-me. Quem será? Não pedi comida e não estou esperando ninguém. Coloco meu robe e vou olhar quem é. Agora sim meu coração é a verdadeira Sapucaí. Simplesmente Otávio Videiro Gostoso.com está parado do outro lado da porta. O QUE EU FAÇO?????



otávio BrAvo é

eufemismo para o que estou sentindo agora. Estou puto da vida. Nunca levei um bolo antes, nunca! E, porra, nem fui grosseiro, só disse do que não gosto. Coloquei até uma carinha no final da frase, e jamais usei algo parecido. Aliás, jamais mudei decisões ou fiz algo por uma mulher. E essa já me fez vir até São Paulo, mudar o almoço pelo jantar e ficar na mão. Que se dane essa menina, eu não vou atrás dela nem a pau. São Paulo é grande. Vou procurar algum clube noturno e me esbaldar com um sexo quente. Amanhã volto para Caxias e esqueço essa pirralha. Rodei com o taxista por uns quarenta minutos, passei em frente a duas casas noturnas e, quando dei por mim, estava em frente ao prédio da Marina. Não é nada demais, só não sou homem de engolir desaforo. Vou descer, falar umas verdades para ela e sair.

Minha vontade é dar umas palmadas naquela bunda redondinha. Foco, Otávio, foco. Só que simplesmente ninguém intimida Otávio Videiro Filho. Subo sem que o porteiro perceba, e isso me irrita ainda mais, afinal ela está sem nenhuma segurança neste lugar. Toco a campainha várias vezes, escuto passos vindo até a porta, depois um silêncio, e toco de novo. Eu juro que, se ela não abrir a porta, eu vou derrubá-la.

A maçaneta gira e a porta se abre. Quando abro a boca para falar poucas e boas, seus olhos grandes e suplicantes me encaram, chegando a ser ingênuos. Emudeço e, puta merda, pela

primeira vez na vida não tenho reação. O silêncio fica intransponível. Nós nos encaramos por segundos, que parecem horas. Penso em virar as costas e sair, mas algo irracional me domina e agarro-a ali na porta mesmo. Enfio as mãos em seus cabelos e a tomo para mim, beijando sua boca com avidez e luxúria, um beijo violento e, ao mesmo tempo, doce. Ela retribui suspirando em meus lábios. Suas mãos sobem por meus braços e toda a tensão sexual que existia vem à tona. Estou tão duro que acho que tenho a sensação de que vou explodir.

Afastamo-nos ofegantes e nos encaramos, até que ela reage e me puxa para dentro do apartamento.

— Melhor entrarmos, antes que os vizinhos reclamem. Sente-se, Otávio. ãh, o que veio fazer aqui? — ela pergunta tímida e ansiosamente.

Marina parece tão indefesa diante de mim, que sinto vontade de arrancar o robe dela e possuí-la no meio da sala, mas não posso ser tão irracional.

— Vim apenas ouvir de você uma explicação por ter me dado um bolo esta noite. — Tento fazer cara de bravo, mas não consigo.

Ela me desarma, e essa menina ainda será minha perdição.

— Ah, é sempre assim que pede explicações para as pessoas?

— Ela sorri. A boquinha dela é mesmo atrevidinha, e gosto do seu raciocínio rápido e descontraído. — Eu já expliquei o motivo em minha mensagem: não gosto de grosseria, Otávio.

— Mas eu não fui grosso com você, apenas lhe disse uma de minhas qualidades. Não suporto esse tipo de sensacionalismo por pouca coisa, Marina.

— Qualidade? Rá-rá-rá! Faça-me rir. — Ela cruza os braços em cima do peito, tampando a minha visão daquelas maravilhas, empina o nariz e fala toda irritadinha: — Defeito, meu querido. D-E-F-E-I-TO. E, se acha sensacionalismo, eu não entendo por que perdeu tempo vindo até minha casa.

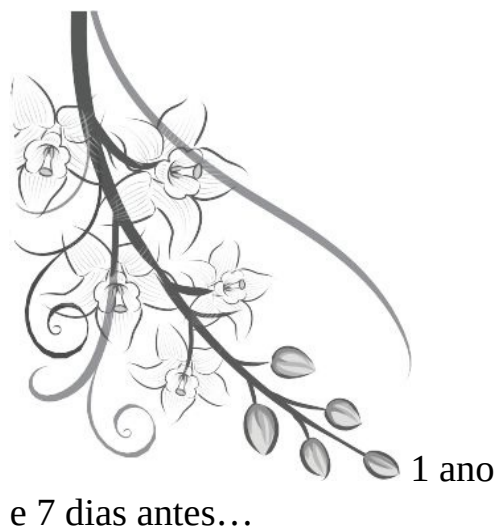
— Quer saber? Realmente não sei o que estou fazendo aqui, tentando conversar com uma pirralhinha que só deve entender de moda. E, também, nem amigos somos, então é melhor continuar assim. Boa noite, Marina.

Virei as costas e me dirigi até a porta, mas Marina me alcança, segura meu braço e explode: — Ora, como você é presunçoso! Vem até minha casa, me beija, fala desaforos e vira as costas como se eu não fosse nada? Não que me interesse sua opinião, mas, para seu governo, sou formada em Publicidade, pós-graduada em Marketing pela Universidade de Massachusetts, nos Estados Unidos, estou concluindo meu mestrado em Comunicação e Prática de Consumo, sou diretora da maior e mais bem conceituada gravadora de São Paulo, e tudo por mérito meu! Não sou nenhuma filha de papai, que herdou empresa para brincar de CEO. Sou eu que pago minhas contas e não vou aceitar que um al-mofadinha qualquer, que não sabe o valor de um aluguel ou da prestação de um carro, venha aqui me chamar de pirralha. Agora sim você pode sair da minha casa. E, realmente, não preciso de amigos assim.

Mais uma vez, essa menina me deixa sem reação. Diante dela, as palavras me fogem, e sou eu quem parece o pirralho. Encaro os olhos dela, que estão pegando fogo, e vou embora.

Passo a noite em claro, pensando no que ela disse. Eu nunca havia me olhado por essa perspectiva... Eu sou herdeiro, sim, mas estudei, trabalho e, ao contrário do que ela pensa, dou valor às coisas. E ela? Caramba, tão nova e com um currículo de tirar o fôlego!

Ah, Marina, da boca atrevida, nas palavras e no beijo. É a primeira vez que, ao beijar uma mulher, sinto emoção e um formigamento no estômago esquisito pra caralho. Vim até aqui para resolver a situação e pôr um ponto final no que estava sentindo, mas volto mais perdido do que nunca.



Marina

Hoje fAz umA semAnA que estou parecendo um robô. Há uma se- mana, dei o melhor beijo da minha vida, falei de modo grosseiro com alguém pela primeira vez e impus minha opinião a respeito de alguma coisa. Geralmente, fico calada e passiva, mas Otávio me desestabilizou. Perto dele, perco qualquer noção. Era para ser algo insignificante, afinal nós nos encontramos apenas três vezes e não temos nem um tipo de vínculo, mas é um inferno! Ele se impregnou em minha pele e em meu pensamento. Pare- ce bruxaria, pois não consigo tirar o cheiro de Otávio de mim e a imagem dele, da minha cabeça.

No trabalho eu estou apática e, pela primeira vez na vida, fiquei sem comer direito (e olha que isso é praticamente im - possível; nem quando tive dengue fiquei sem comer). Devo estar doente, pois isso não existe na vida real. Sabe, essa coi- sa de amor à primeira vista?

Sei lá... Amor? Falei mesmo isso? Preciso beber, dançar e me divertir. É muita tensão, dona Marina.

Chego em casa decidida a sair e cair na farra, quando o porteiro me intercepta com um gigantesco buquê de rosas amarelas, o qual ele mal consegue segurar. Fico surpresa, pois nunca recebo nem panfleto de propaganda, então o que dirá flores? Pegó-o com cautela, porque pode ser algum tipo de macumba. “Esse é o buquê mais lindo que já vi na vida”, eu penso. Nele, há mais de 80 rosas, as quais terei de dividir em

uns três vasos. Seu frio de tanta ansiedade, curiosa para saber quem me mandaria uma beleza assim, quando o cartão cai do meio das flores.

“Marina,

Peço desculpas por minha grosseria. Não tive a intenção de magoá-la. Rosas amarelas significam amizade. Posso ter a sua para me redimir? Se sim, encontre-me no Devile esta noite às nove horas. Se não vier, entenderei sua decisão e não a procurarei posteriormente.

Otávio Videiro Filho.”

MINHA NOSSA SENHORA DAS MULHERES SOLTEIRO-

NAS, o que eu vou fazer? Muito formal, mas, poxa, ele mandou flores e um cartão. Uma parte minha quer desesperadamente ir, mas a parte mais sensata, e que é ínfima, me diz: “Marina, você não tem roupa para ir. Marina, você não vai conseguir olhar para aquele homem lindo sem parecer uma bobinha de 13 anos. Marina, é impossível ser amiga de homem bonito. Marina, se ele não pagar a conta, metade do seu salário servirá para bancar um jantar no Devile. Ah, mas ele convidou, né? Marina...”. Aiiii, chega, consciência sensata de merda! Vale a pena qualquer risco. Eu vou, e com certeza esse homem será a minha perdição. Mas honestamente? Quero me perder e nunca mais ser encontrada.



otávio Se, Há um

tempo , alguém me dissesse que eu me importaria com uma mulher a ponto de estar sozinho com ela em um apartamento, louco de tesão, e simplesmente não a atacar por pura consideração; que eu viajaria de Caxias a São Paulo apenas para vê-la e ainda mandaria rosas com um cartão; e que ficaria à mercê de uma resposta, plantado em um restaurante, suando frio e ansioso, eu diria: “Você é louco! Eu, Otávio Videiro Filho, jamais faria isso! Primeiro: quando quero uma mulher, apenas a tomo, faço um sexo quente e pronto; dou a ela e recebo dela o que eu quero — prazer. Segundo: flores e bombons são usados para conquistar, e eu nunca passo por essa fase, a da conquista; sozinho, já consigo a mulher que eu quero. Terceiro: *esperar* é um verbo inexistente em meu vocabulário; meu tempo é precioso e nunca espero, ainda mais se houver a possibilidade de esperar em vão”.

No entanto, eu fiz tudo isso. Porra, não estou me reconhecendo... Deve ser crise existencial. Eu estou mesmo suando frio.

— O senhor deseja beber alguma coisa? — indaga o garçom, tirando-me do devaneio.

Percebo que estou sentado distraído e simplesmente não fiz nenhum pedido.

— Ah, por gentileza, traga-me a carta de vinhos. Estou aguardando uma convidada, obrigado.

O rapaz, então, se retira. Eu olho no relógio: são nove horas e oito minutos. “Será que ela não vem? Está atrasada para me irritar?” Vou considerar o trânsito de São Paulo e aguardar mais um pouco.

Olho novamente no relógio, e agora são nove e vinte dois. Vinte e dois minutos, para mim, é uma eternidade. Eu abro uma empresa nesse tempo.

Já tomei duas taças de vinho, estou irritado e... chega! Meu limite extrapolou. Viro-me para chamar o garçom e pedir a conta, quando as horas retrocedem e o tempo para. Perco o ar. ELA VEIO. Marina está na porta com aqueles olhos grandes e assustados, olhando ao redor, procurando-me. Eu me levanto e caminho até ela, um trajeto que se torna o percurso mais longo que já fiz. Marina não é o protótipo de mulher que me atrai, pois normalmente gosto de mulheres altas e de cabelos longos. Ela, porém, é baixinha e seus cabelos são curtos. O corpo é escultural, mas ela é uma mignonzinha, e seus olhos azuis grandes contrastam com sua boca rosada e carnuda. Na verdade, Marina é a primeira mulher que desperta meu interesse de verdade.



Marina Ele está

vinDo em minHA Direção. Na minha direção! Acredita? Eu deveria ter pedido para alguém filmar. Quem vai acreditar que esse homem, a “perfeição do Universo”, viria até mim se não fosse para pedir uma informação? Minhas pernas estão bambas e meu coração, depois que conheci Otávio, é a própria apoteose. De repente, eu esqueci como falar, como andar e como respirar. Eu vou morreeer! Ele vem andando lentamente, olhando-me como um predador com sua cara de homem mau. Otávio está ainda mais gostoso com esse terno escuro, os cabelos jogados para trás e os olhos da cor do oceano em dia de fúria. Lindo e gostoso demais para mim. Penso em sair correndo e fugir enquanto é tempo. Se eu tivesse ouvido minha pequena parte sensata... Definitivamente estou perdida.

— Oi, Marina! Que prazer ter você aqui. Então significa que acabei de ganhar uma amiga? — ele fala beijando sedutora- mente as minhas

mãos.

— Oi, Otávio. Obrigada pelas flores, são realmente lindas. E eu vim pela comida. Se isso significar amizade, então, sim, será meu amigo.

Ele arregala os olhos e percebo que ficou tenso com minha resposta.

Antes que seja tarde demais, quebro a tensão: — Estou brincando! Se bem que uma boa comida sempre me conquista.

Ele sorri e me conduz até a mesa. Otávio puxa a cadeira para mim e eu, mais uma vez, queria registrar a cena. A única vez que puxaram a cadeira para mim foi numa dança de cadeiras, e eu caí.

— Espero que você goste de vinho tinto, Marina. Tomei a liberdade de pedir enquanto te aguardava.

Que homem lindo! Para manter uma conversa normal, ou terei que me vendar ou precisarei abaixar a cabeça.

— Ah, sempre opto por cerveja, não entendo muito de vinhos. Qualquer um está bom, não sendo muito amargo. Desculpe o atraso, não foi intencional. Houve alguns imprevistos no trânsito. São Paulo você sabe como é, né?

Faço a besteira de erguer os olhos até ele, que sorri sedutoramente. Seria um perfeito modelo de creme dental.

— Se quiser, podemos mudar para cerveja. Este é um Pinot Noir, extremamente saboroso, feito de uva delicada e bem difícil de cultivar; por isso, é tão especial. Marina, nunca qualquer vinho está bom, você precisa levar em conta as suas preferências, a qualidade da uva, o tipo de comida *etc.* Uma hora faremos uma degustação dos melhores vinhos e lhe explico, ok?

Ele mexe o vinho na taça, sente seu aroma e toma um gole. Cada gesto dele denota uma intenção sexual. Nem sei mais qual é o assunto de nossa conversa.



otávio maRinA não

estAvA BrincAnDo quando falou sobre comida. Ela come tanto quanto fala, mas gosto disso. Cansei dessas mulhe- res que só comem saladinha e não desfrutam um bom jantar, então fiquei satisfeito só de vê-la comer. Ela é inteligente e sa - gaz, e seu senso de humor é irônico e sempre encaixado em alguma situação, deixando as coisas mais amenas.

A noite foi maravilhosa. Havia tanto tempo eu não relaxava apenas conversando e aproveitando uma companhia que não fos- se por trabalho ou sexo. Marina é leve e transmite uma bondade incomum, o que eu pude perceber no tratamento que ela dis- pensou aos garçons e a algumas pessoas que a cumprimentaram. Estou realmente encantado, e agora eu não sei o que fazer.

— Marina, o jantar foi maravilhoso. Gostaria de subir e to- mar uma última taça de vinho na minha suíte?

Senti-me pedindo o primeiro beijo, quando tinha 15 anos, com as mãos suadas e o coração descompassado.

— Otávio, o jantar foi espetacular, mas realmente preciso ir. Amanhã tenho uma reunião cedinho e sinto muita dificuldade com o despertador. — Ela sorri inocentemente, mas é um sorriso sexy pra caramba.

Quando percebo, já estou implorando:

— Ah, é uma pena. Ainda estarei em São Paulo amanhã, após a reunião. Você tem algum outro compromisso? Gostaria de ser minha cicerone?

Meu voo sairá amanhã cedo, mas vou dar um jeito de adiar. Odeio viajar se não for com o jato da empresa, mas, como papai está debilitado, temo que precise dele com urgência. Preciso fodê-la logo e parar de agir feito um homem besta e dominado. No entanto, anseio por sua resposta.

— Claro! Amanhã, às dez horas, já estou liberada. Na verdade, não trabalho no sábado, só vou mesmo atender a esse cliente de fora. Podíamos almoçar juntos, o que acha? Posso pegá-lo aqui no hotel ao meio-dia — ela fala rápido, e a única coisa que assimilei foi: “CLIENTE”! E isso me deixou irado.

— Combinado. Eu aguardarei você. Obrigado pela companhia — digo, sem saber se beijo o rosto dela ou se dou as mãos.

Estou fodidamente com malditos 15 anos mesmo.

Marina se adianta e fico aliviado, pois ganho um selinho que desperta o monstro que há em mim. Quando ela se vira, puxo seu braço bruscamente e lhe dou um beijo de tirar o fôlego. Na hora, meu corpo reage e quero arrastá-la à força para o quarto, porém o cavalheirismo que nunca usei quando se trata de sexo me detém e eu a solto. Acompanho-a até a porta e ela sai ofegante. Eu subo para meu quarto frustrado. “Outra noite com o tesão recolhido”, eu penso. E, mais decidido que nunca, digo para mim mesmo: — Ela vai ser minha!



Marina MinHAs

pernAs estão BAmBAs e não sei como cheguei ao meu carro. Esse homem beija como ninguém: um beijo forte e pos- sessivo, uma língua quente e entorpecente. Ele é imenso, e os braços em volta de mim me fazem sumir dentro deles, e é impossível não sentir sua ereção raspando em minha barriga. Caramba, tô ferrada!

Não tenho reunião porcaria nenhuma; na verdade, quis ga- nhar tempo. Vou marcar uma com a Paty para que me ajude a absorver tudo isso. Fiquei muito tentada a subir. Eu sei que teria a transa da minha vida, mas sei também que não conse- guiria separar sexo de romance. Eu sou assim, não faço sexo por fazer, tem que haver envolvimento, encontros. Pode ser careta, mas, apesar de ser uma doidinha, no fundo sou bem moralista. Nunca fiz sexo por fazer, jamais tive um encontro e mais nada. Namorei apenas três vezes, ou seja, foram três frustrantes relações.

Não sou nenhuma complexada, nem coitada e nem nada, mas ainda

não me dei bem no quesito “sexo”. Se é que existe tudo isso mesmo. Muitas mulheres descrevem loucuras, mas ou elas inventam ou eu realmente não cheguei nem perto do que é BOM.

Meu primeiro namorado foi o Caio, colega de escola, primeira paquera, primeiro beijo e primeira transa. Fomos os primeiros um do outro, um emaranhado de atrapalhadas, medo

e confusão. Descobrimo-nos e conhecemos tudo juntos. Foram quatro anos em uma relação de amizade e conformidade, até que a ida para a faculdade nos separou. Não foi nada traumático nem sofrido; acho que, no fundo, foi nossa alforria.

Os anos de faculdade foram de descobertas: festei e fiz tudo que meus pais nunca tinham me deixado fazer; saí, paquerei e beijei muito, mas tinha medo de me entregar por completo. No fim, quando os meninos vinham com segundas intenções, eu caía fora. Até que conheci Cézar, um gato que já estava no penúltimo ano de Direito. Ele foi bem persuasivo e namoramos nos dois últimos anos de faculdade dele. Nós nos dávamos bem, éramos compatíveis, amigos, mas não havia paixão. Ele concluiu a faculdade e foi para o exterior fazer um curso, eu ainda tinha dois anos de estudos pela frente. Foram caminhos e momentos diferentes, porém também terminei numa boa. E por fim, no meu último ano de faculdade, eu me envolvi com Jorginho. Ele trabalhava na LUNEX e me ajudou a conseguir um estágio. Nosso relacionamento durou pouco tempo e não foi nada de especial.

Como o sexo era uma coisa meio sem graça para mim, não me fez falta. Beijei muito, fiquei com vários carinhas (não sou nenhuma santa), porém, até hoje, até esse beijo enlouquecedor de Otávio, eu não havia ficado tão excitada e desejosa de um homem.

— Paty amada, já está dormindo?

Ligo agora para ela, porque sei que não vou conseguir dormir. Preciso de um chocolate e uma amiga.

— Oi, Marina, eu estava. Mas, já que me acordou, diga o que quer.

O mau humor dela é nossa maior ligação, porque eu sou o avesso, e nós nos completamos. Ela me segura e me pondera, e eu reviro o mundo dela com bom humor.

— Quero ir até sua casa, Paty. Preciso de chocolate, colo e conselho. Já estou a caminho, tá?

— Tá, né? Vai adiantar eu dizer que estou com sono? Não! Então vem. Já que ficaremos acordadas, vou passar um café. Traga chocolate, pois eu não tenho.

Ia dar tchau, mas a mal-humorada já tinha desligado na minha cara.

Paro em uma conveniência e encho uma sacola de chocolates. Sei que não deveria, mas não há no mundo melhor remédio. Tanta gente se entupindo de antidepressivos quando existem chocolates espalhados por aí, sendo vendidos sem receitas, cuja única contraindicação é o ganho de peso. Quer dizer, no meu caso, né? No entanto, eu confesso que sou uma gordinha feliz.

— Entra, Marina. Só você para me tirar da cama neste horário e ainda me fazer comer chocolate e perder minha esteira de hoje de manhã! — Paty já abre a porta reclamando, pega a sacola de chocolates da minha mão e continua resmungando. Só que ela está feliz. No fundo, sempre fica quando estamos juntas.

Paty é carente. Filha única de pais separados, cresceu entre uma relação conflitante, em que ora era disputada, ora era empurrada de um para o outro. Acabou ficando introspectiva e tem poucos amigos, se bem que acho que eu sou a única amiga dela. Ela é produtora de eventos, o que não condiz com sua personalidade, mas no fundo acredito que Paty extravasa as emoções nas loucuras das festas. Conhecemo-nos em um evento da LUNEX organizado por ela, e nossa empatia foi imediata. Desde então, somos unidas.

Há seis meses, Paty sofreu uma grande desilusão amorosa ao se envolver com um cliente rico e poderoso, apaixonando-se perdidamente por ele. Foi tudo rápido, um envolvimento louco e intenso que deixou minha amiga em outro planeta por três meses. Paty se entregou por completo e despedaçou-se quando descobriu que o canalha era casado. A dor dela fez que ficasse

ainda mais reprimida e descrente de romances, mas o tempo é sempre uma grande cura e isso vai passar.

— Vamos lá, dona Marina, sua cara de boba diz duas verdades: ou você aprontou alguma confusão no trabalho, ou encontrou mais um paquera e está na dúvida se dá ou não pra ele. Qual das duas?

— Nossa, quanta gentileza, Patrícia. Dá esse chocolate aí. Lembra-se do irmão do Tony? Aquele que eu te apresentei no casamento do Fábio, sabe? Então, ele está aqui em São Paulo e me ligou — conto tudo para minha amiga, cuja cara de tédio desanima até Santo Agostinho.

— Não disse? Quer dar. Dááá, Marina! Isso tudo é falta de sexo, amiga. Para de frescura, transa com o gostosão, relaxa e pronto. Ele não mora aqui, não vão se encontrar e... tudo resolvido. Agora me deixa dormir.

— Ah, que mau humor, hein, Patrícia! O problema é esse. Eu não vou conseguir essa parte do “tudo resolvido”. Não dá, eu não sou assim. Já estou me imaginando chorando pelos cantos, desiludida, ligando pra ele, forjando encontros. E ele não é um homem de romances, namoricos.

— Ué? E como você sabe? De repente ele se apaixona também e vocês mantêm um namoro virtual com encontros no Natal. Ah, Marina, vida real, belezura. Transa com o cara, deixa seu coração em modo *off* e aproveita. Uma hora ou outra você vai ter que crescer, menina, e entender que castelos e príncipes encantados só existem em filmes. Aliás, Marina, uma pergunta que não quer calar: como sabe que ele realmente quer transar com você?

— Como assim “quer transar com você”? Eu não sou desejável? É isso que minha melhor amiga está dizendo? E outra: que parte do beijo molha calcinha que eu descrevi que você não entendeu?

— Nãoooo! Desculpa, amiga. Tô sem filtro hoje... Dia pés - simo para conselheira. Eu encontrei o dito cujo esta manhã, quando saía da academia, e então já sabe dia ruim.

— Poxa, Paty, e eu despejando abobrinhas em você, quando, no fundo, é você que precisava de colo.

— Ihh! Para, Marina! Vamos voltar ao gostosão do Sul, *tchê* — ela fala com sotaque e caímos na risada. — Saia com ele, amiga, e se arruma bem linda. Se rolarem beijos, ou sexo, faça muito dos dois. Não é possível se apaixonar em um dia, mas, se for o caso, a gente cura a dor de amor com amizade e cho- colates, ok?

— Sim. Você, como sempre, está certa. Agora, vamos pensar na minha roupa. Estou gorda... O que vou usar? Bata? Túnica?

— Ah! Que exagero, você está ótima, Marina! Para de neu- ra. Como vocês irão almoçar e fazer passeios turísticos, coloca um jeans, sapatilhas e uma blusinha bonita. Você já é linda. O menos é mais. Agora, vamos deitar para você não estar com olheiras amanhã. E eu tenho um evento para organizar.

Dormi bem. A companhia da Paty me acalma, e ela tem ra- zão, não vou me precipitar e sofrer antes da hora. Quem sabe nem haverá sofrimento.

Acordei disposta e muito animada. Vou para casa me arru- mar para ir buscar o gostosão. E seja o que Deus quiser.



otávio Eu não Dormi

A noite toda. Culpei o colchão, o hotel, a poluição, mas não adianta me enganar, pois não tenho dificuldade nenhuma para dormir; aliás, apesar da minha vida corrida, essa é uma qualidade da qual me regozijo. O fato é que pensei naquela menina a noite toda, se ela viria, aonde iríamos... E agora estou pronto, plantado na recepção, esperando o relógio marcar doze horas.

— Senhor Otávio, com licença. Tem uma moça, a senhorita Marina, na entrada esperando pelo senhor.

Agradeço, levanto e dou uma conferida no visual, no espelho do saguão, antes de sair. Não costumo usar bermuda, mas coloquei para parecer mais jovial ao lado dela. Não sei por que estou me preocupando tanto com sua opinião. Abro a porta e meus olhos a examinam rapidamente. Marina está encostada no carro, sorridente, com um vestido curto floral e os cabelos soltos esvoaçados pelo vento. Engulo em seco e descubro por que me importa tanto a opinião dela.

— Oi, Marina, boa tarde.

Coloco as mãos possesivamente em sua cintura e lhe dou um beijo bem no canto dos lábios, para que ela saiba quem está no comando. Percebo que Marina enrubesce. Eu, como gosto de ser o dono da situação, tenho vontade de rir, mas mantenho minha postura séria e durona. Ela mal gagueja um oi e eu já ataco:

— Você está linda e estou tentando deduzir aonde irá me levar com esse vestido absurdamente sexy. — Pronto, agora a deixei sem palavras.

— Obrigada. Ele vai nos levar a um lugar que tecnicamente ser sexy não influenciará em nada. E você não está nada mal também. Vamos, entre.

Ela nunca fica sem palavras... Preciso domar essa lingui - nha afiada.

— É azul-calcinha o seu carro? Sério? Isso é cor de carro, Marina? — digo, entrando sem jeito.

O carro é pequeno e apertado, e eu vou no banco de carona: cena inédita e única. No entanto, reconheço que o carro é arrumado, em vista do apartamento dela.

— Olha o jeito que fala do meu bebê. Eu não sou muito ligada a grifes, nem mesmo em casa, com decoração. Sou bem *relax* no mundo consumista, mas a única coisa que me faz surtar é carro. Entendo de tudo, motor, potência e modelos, mas, como meu dinheiro só me permitia comprar um modelo básico, investi na cor, para ser original e diferenciada. — A avidez dela é absurdamente contagiante.

Marina liga o rádio e está tocando “Só Hoje”, de Jota Quest, coincidentemente uma música de que gosto bastante.

— Uma mulher entendida de máquinas é incomum. Eu também adoro carros. Mas azul, Marina? — eu a provoco e percebo que ela fica brava.

Devo admitir que ela dirige muito bem, e fico ainda mais curioso a seu respeito. Marina é especial.

— Eu amo azul, cor do oceano, do céu, dos meus olhos. Quando entro aqui, literalmente estou no meu céu particular.

Ela para no semáforo e dá uma piscadinha linda, toda sexy com seu jeito inocente, e nem percebe isso.

— Desculpa, não quis ser grosseiro. Foi profundo. Vamos conhecer São Paulo no seu céu, então? Além de carros eu adoro

tecnologia e casa grande; sou um consumista nato. O que o dinheiro compra de melhor eu quero — falo naturalmente, mas ela me encara com uma expressão zangada.

— Ei, Senhor Consumista, isso é bom para quem tem dinheiro. Agora, salário contado e promissórias para pagar não permitem muitas extravagâncias. Bem-vindo ao mundo dos assalariados.

Poxa, não acerto uma com ela.

— Mal saímos e já fui duas vezes indelicado. Não quis ser grosseiro novamente, desculpe-me. — Duas frases e dois pedidos de desculpa, uma raridade na minha vida. Preciso encerrar isso logo.

— Ok! Senhor Não-quis-ser-grosseiro-duas-vezes. Está duplamente desculpado. Vamos aproveitar o dia do meu jeito, está bem?

Marina vira e sorri, e simplesmente tenho vontade de concordar com tudo o que ela quer. A tensão se dissipa e, enquanto estamos no trânsito, conversamos sobre carros. Para minha surpresa, ela realmente manja de tudo, parece homem falando, ou melhor, um mecânico.

— Prontinho, chegamos — ela fala entusiasmada.

Marina estaciona próximo a uma praça, e eu fico totalmente desapontado, pois imaginei que ela quisesse algum tipo de intimidade e fosse escolher um lugar reservado, distante. Tento parecer animado e sorrio meio torto. Que ideia mais idiota a minha deixar por conta dela. Ia dar nisso mesmo. Eu devia ter imaginado...



Marina eu HAviA

plAnejADo um piquenique no Ibirapuera. Como sei que ele trabalha muito, está sempre preso no escritório e é um poço de chatice e seriedade, nada como melhorar os ânimos ao ar livre, sem cerimônias. No entanto, não acertei, porque o sorriso sem graça que ele me deu quando estacionei o carro foi um balde de água fria. Não posso transparecer dúvida ou insegurança e começo a falar animada: — Vamos descer? Aqui é o Parque Ibirapuera, o parque urbano mais importante de São Paulo e um dos lugares mais visitados da cidade. É o nosso Central Park. Aqui tem pista de *cooper*, lanchonetes, ciclofaixa, quadras e lagos, os quais dão uma sensação de paz. Simplesmente amo este lugar — digo. E, percebendo que ele não gostou da ideia, continuo: — Ei, você deixou à minha escolha, então disfarça esse mau humor. Vem, me ajuda a pegar a cesta que

está no porta-malas.

Tenho vontade de rir da cara de espanto dele.

Está ventando e meu vestido não para no lugar. Por que não ouvi a sugestão da Paty e coloquei um jeans? Por quê? Eu e minhas burradas.

— Cesta? Não me diga que está planejando um piquenique aqui no meio desse monte de gente?

Ele fica muito gostoso com essa cara de bravo, e é tão alto que fico mais baixinha ainda perto dele. Quando retiramos as coisas do carro nossos braços se tocam, e todos os pelos do

meu corpo se ataçam, minhas mãos suam frio e a insegurança me acomete.

— Deixa de ser ranzinza, Otávio. Permita-se ser jovem novamente e aproveite o dia, que está lindo. Não é nenhum bicho de sete cabeças. Eu trouxe comida, então vamos nos sentar, conversar e comer, apreciando este lugar maravilhoso. Vem.

Puxo-o pela mão, mas já me arrependo, pois só esse contato me incendeia. Ele me acompanha em silêncio, pois está desconfortável, mas não contraria a ideia.

— Adoro aquela árvore e a sombra deliciosa dela. Vamos nos ajeitar ali. — Aponto o local e ele nos conduz com sua autoridade nata.

O arrependimento bate em mim. Eu deveria ter ido a um museu, a uma exposição, a qualquer lugar em que não ficaríamos tão próximos e tão íntimos.

Organizo todas as coisas, forro minha toalha e disponho as cestas de lanchinhos que preparei, o isopor no canto e os panos para nos sentarmos. Otávio apenas olha com os braços cruzados, evidenciando seus músculos na camiseta branca justinha. Está de bermuda cargo bege e sapatos mocassim. Em matéria de gostoso e bom gosto, ele é nota dez. Sempre que levanto o olhar ele está me encarando, minhas ideias ficam confusas: “O olhar é de interesse? De sarcasmo? De curiosidade? De tesão?”, eu me pergunto. O silêncio dele me deixa perdida e totalmente excitada.

— Sente-se, Senhor Calado. Foi tão ruim assim? Se quiser, podemos ir embora — digo.

Ele se senta, não deixando de olhar profundamente para mim.

— Você me pergunta agora se quero ir embora? Depois de me chamar de zangado, velho, chato e me fazer carregar toda essa parafernália? Está brincando, não é? Você iria mesmo embora? — ele fala com certo humor, mas seu tom não me deixa saber se está sendo irônico ou grosseiro.

Definitivamente, não dá para ser amiga desse cara.

Levanto-me e começo a recolher as coisas com uma fúria instantânea. Meus olhos estão marejados e tenho vontade de socar a cara dele, mas de repente sou puxada. Eu me desequei- libro e caio sentada no colo dele. Assustada, sou abraçada com uma força abrupta. Quando volto à consciência, estou perdi- da em seus beijos deliciosos e possessivos. Estou totalmente sem fôlego e ele se afasta, colocando-me delicadamente ao seu lado.

— Calma, moça esquentadinha. Você pergunta as coisas e não gosta de ouvir a resposta? Eu gostei de estar aqui. Tiran- do os adjetivos pejorativos, gostei do lugar e principalmente da companhia.

— Você tem um jeito muito esquisito de me calar, mas eu gosto. — Pisco para ele entre estar sem graça e tentar ser sen- sual. Acho que sou patética. — Como eu não sabia do que você gostava, trouxe alguns tipos de queijos e frios, lanches diversifi- cados e frutas. Para beber, trouxe suco, cerveja e água. Espero que goste de pelo menos alguma coisa — falo sem nem ouvir a resposta dele.

O filho da mãe sabe que me desestabiliza, pois é um poço de sedução.

— Eu gosto de tudo que tem aqui, Marina, de tudo mesmo. Devo admitir que, apesar de irreverente, gostei de vir. A última vez que estive em um parque ainda era um adolescente. Fre- quento academia, então nem exercício faço ao ar livre. Foi bem original. Você costuma vir sempre aqui?

De tudo o que Otávio falou, apenas registrei: “Gosto de tudo mesmo”.

— Venho sempre. Sou avessa a academias e detesto ficar presa e fazer exercícios. Para não virar uma baleia, corro aqui no parque todo final de semana e durante a semana, quan - do sobra uma folguinha. Agora, piquenique também é minha



primeira vez. Quando estou correndo, vejo as pessoas sentadas lanchando e sempre tive vontade de um dia fazer. Como pediu que eu lhe mostrasse São Paulo, comecei pelo lugar que mais amo nesta cidade.



otávio As HorAs se

pAssArAm em uma velocidade imperceptível. Nós comemos praticamente tudo que havia na cesta, conversamos sobre vários assuntos — nada íntimo, apenas amenidades do cotidiano. Marina fala muito, mas não é cansativa. Não suporto pessoas que falam demasiadamente, sem ouvir, perdendo a noção do próprio assunto. Sempre me ausento com uma desculpa quando me vejo diante de alguém assim.

Mas ouvir Marina é gostoso. A voz dela é suave e seu papo, leve. Seu senso de humor transforma contabilidade em uma boa conversa. Neste momento, estou olhando para sua boca, que não para, louco para pausá-la com um beijo. Quero deitá-la sobre esta grama e possuí-la ardentemente. No entanto, como uma pessoa pode ter duas vontades tão opostas e absurdamente fortes ao mesmo tempo? Porque também sinto o desejo de ir devagar, conhecê-la melhor, ter alguns encontros antes do sexo, pois sei que o sexo será o começo e o término de uma

relação.

— E então, minha guia turística? Acho que está me enganando... Demorou muito em um único ponto; não pagarei o passeio completo. Estou curioso: como irá superar um piquenique?

Marina cora e isso enlouquece qualquer raciocínio lógico que possuo. Estou leve, pois tive um dia atípico, porém ótimo.

— Eu sou uma guia de muitas cartas na manga, bonitão. E você vai desejar pagar dobrado ao final do passeio, quer apostar? Vamos, me ajude a recolher as coisas que irei surpreendê-lo.

A rapidez dela em me deixar sem palavras está se tornando minha expectativa mais gostosa.

— Mandona a senhorita, hein? Apesar de estar pagando por serviço completo, vou ajudá-la a recolher as coisas e levar ao “céu”, por ser um menino muito bem-educado.

De repente o silêncio tornou-se nosso obstáculo e minha curiosidade. Esse sentimento, que jamais tive, me aguça.

Marina dirige concentrada e não deixa nenhuma pista de onde está me levando. Aprecio o momento, afinal nunca sou surpreendido, e percebo que minha rotina dominante é cansativa. Marina me faz enxergar um eu desconhecido, um Otávio que gosto de ver, mas que me assusta e me desperta para sentimentos que não desejo sentir.



Marina Se existe

uma pessoa mais BurrA e sem filtro na língua do que eu, desconheço. Acabei de me exhibir e afirmar que já tinha um pas - seio programado, mas, na verdade, só não queria dar o braço a torcer. Nem pensei em uma segunda opção. Parabéns, Marina. Estou dirigindo calada, tentando bolar um lugar para levá-lo, e o único barulho é do rádio tocando “Amei te ver”, do Tiago Iorc, que adoro. No entanto, esse lerdo também podia ter tomado conta da situação. Pensei que iríamos ao piquenique e que depois pintaria um clima e acabaríamos nosso dia no hotel em que ele está hospedado ou no meu apartamento, mas a conversa tomou um rumo descontraído e Otávio não fez nenhuma menção disso. Eu tentei ficar o máximo de tempo possível no Ibirapuera, joguei charme, cruzei as pernas e nada! Aiiiii, meu Deus, o que eu faço?

— Jura que nossa parada é um posto de gasolina, Marina?

— ele fala com sarcasmo quando, depois de andar uns vinte minutos, paro em um posto.

— Não, né, seu idiota?! Parei aqui porque preciso abastecer para prosseguirmos, e também tenho de ir ao banheiro.

— Você e essa mania de me chamar de idiota! — Otávio tenta ficar bravo, mas sorri. — E o tanque do carro está praticamente cheio. — Ele vira o pescoço para olhar o painel.

— Não falo *idiota* no sentido maldoso; é pejorativo. Quanto a abastecer, sou assim mesmo. Um dia acabou o combustível

no meio de um trânsito infernal e desde então adquiri obsessão para não ficar com tanque vazio. Espera um pouco, vou rapidinho ao banheiro.

Que percepção esse homem tem! Sério mesmo que ele tinha que averiguar o tanque? Inventei essa desculpa esfarrapada, então corro para o banheiro para, na verdade, ligar para a Paty e pedir uma luz.

Ai, como eu sou azarada! Larguei o telefone no carro. Fico uns dez minutos no banheiro pensando, quando decido ser sincera e ver no que vai dar. Saio apreensiva e deparo com um Otávio nervoso, dando voltas pelo carro e passando as mãos pelo cabelo. Aconteceu alguma coisa, pois sua expressão não é das melhores, e me aproximo cautelosa.

— Ei, tudo bem? Aconteceu alguma coisa?

Toco no braço dele e sinto tudo dentro de mim se eletrizar.

Ele está tenso e me assusto com seu olhar.

— Marina, você esqueceu seu telefone no carro e ele tocou insistentemente. Não é do meu feitio mexer nas coisas dos outros, mas me preocupou ter tocado tanto. Acabei atendendo, e era sua mãe...

— Fala logo, pelo amor de Deus! O que aconteceu? Você está me assustando, Otávio. — Vou perdendo as forças no final da frase e meus joelhos fraquejam, porque sei que algo de muito ruim aconteceu. Eu sinto. — Diz...

— Seu pai, Marina. Ele sofreu um acidente e está hospitalizado em situação crítica. Sua mãe tentou entrar em contato com o Paulo, mas ele está em um voo internacional, então ela ligou pra você. Eu tomei a liberdade, liguei pro Tony e pedi que ele fosse até o hospital ver se precisam de algo e para que fique com sua mãe, dando todo o suporte necessário, até chegarmos. Minhas forças se esvaíram e eu iria cair se não fossem os braços fortes de Otávio me amparando. Segurei forte nele e meu mundo parou de girar por instantes. Como um filme,

eu consegui ver a cena de uma Marina criança, no colo do pai, sendo acariciada e ouvindo histórias para dormir. Um pai amoroso e presente. De repente, o dragão das histórias sai do livro, avança sobre meu pai e a única coisa que faço para protegê-lo é gritar.



otávio Os gritos

Dela ensurdecem minhas reações. Eu apenas a abraço e sussurro que tudo ficará bem; embora incerto, tento acalmá-

-la. Lugar errado para estar, senhor Otávio. É isso que dá estar envolvido com alguém, pois, de certa forma, você fica responsável pela pessoa, toma conhecimento dos problemas e da vida dela, preocupa-se. E eu sou egoísta o bastante para olhar apenas para mim, por isso não tenho amigos, namoradas ou qualquer tipo de relação. Com exceção da minha pequena família, não tenho vínculo com ninguém, exatamente para evitar todo esse sentimentalismo. Agora, ironicamente, vejo-me absolutamente responsável por uma moça que não é nada minha, e, por mais louco que possa parecer, quero estar ao lado dela e protegê-la com todas as minhas forças. Melhor não pensar nisso.

— Vamos, Marina. Vou levá-la até sua casa, para organizarmos sua ida até Caxias. Consegue me ensinar o caminho? Vou dirigindo.

Ela se afasta, olhando-me perdida, e eu sinto um vazio, uma

necessidade de não soltá-la. Marina assente com a cabeça e seguimos em silêncio, e apenas seu sussurro me direcionando preenche o lugar. Eu também não sei o que dizer ou fazer, pois nunca estive nessa situação.

Chegamos, e ela entra na frente. Eu tiro as coisas do carro e subo em seguida. A porta está entreaberta, pela qual eu entro e vejo-a desligando o telefone chorando.

— Meu pai terá que fazer uma cirurgia às pressas. Eu estou com tanto medo. Não posso perdê-lo, Otávio, não posso. Veja só a ironia da vida... Há meses estou protelando para ir visitá-los; sempre me falta tempo, dinheiro ou até disposição. Agora, em questão de minutos, terei de arrumar tudo isso e talvez seja tarde demais. Por que somos assim, me diz? — ela me pergunta. — Egoístas e mesquinhos, a ponto de nos ausentarmos de nossos pais, não percebemos o passar da vida, e que eles estão envelhecendo e precisam de nós. Eu sempre almejei crescer profissionalmente e não percebi que o preço que tive que pagar foi a distância. Quando a vida te dá um baque desses, você percebe que existem coisas pelas quais não há dinheiro, sucesso ou formação acadêmica que pague.

— Calma, Marina. Ele ficará bem. Não se culpe. A vida se encarrega de assumir sozinha a culpa do que nos faz sofrer. Não é egoísmo você almejar seu sucesso profissional. No fundo, é o que nossos pais almejam também. Você está misturando as coisas. Foi um acidente, não é culpa de sua ausência — tento acalmá-la, mas os questionamentos dela acabam servindo de reflexão para mim também.

— Obrigada, Otávio. Obrigada por estar aqui ainda. Vou comprar uma passagem e avisar na empresa que irei viajar. Se quiser ir, ficarei bem. Você já fez muito por mim.

Marina me dá a deixa de que eu preciso para ir embora, mas não consigo. Parece tão certo eu estar ao lado dela.

— Eu já pedi ao meu piloto para fazermos o voo de emergência. Ele está chegando aqui em São Paulo; liguei quando terminei de falar com sua mãe. Assim que sair a liberação, voaremos para Caxias. Arrume suas coisas e pare de pensar.

Marina me abraça e beija o meu rosto, olhando-me como se eu fosse um “deus” e me desarmando de todas as formas com suas atitudes espontâneas. Sinto uma necessidade ainda

maior de cuidar dela, e, por mais insano que seja eu ficar, é o que quero.

Ela aparece na sala com uma pequena sacola nas mãos e os cabelos molhados ainda do banho. Linda e indefesa, desejo protegê-la com todas as minhas forças.

— Otávio, eu não quero te atrapalhar. Enquanto tomava banho, pensei que, se você ainda tiver compromisso em São Paulo, não precisa me acompanhar. Já abusei muito da sua boa vontade — ela fala baixo, com timidez.

E eu, como o cretino que sou, penso apenas em agarrá-la.

— Meu piloto já avisou que está tudo preparado. Eu chamei um táxi. Vamos passar no hotel para pegar minhas coisas e no máximo em duas horas estaremos em Caxias. Pode ter certeza de que se não fosse possível eu não estaria aqui — acabo sendo ríspido para não demonstrar que, no fundo, eu o faria de qual-quer jeito.

Durante todo o trajeto até o aeroporto, ela ficou calada, pensativa; às vezes, chorando um pouco ou enviando mensagens pelo celular. Eu já estava incomodado com o tanto que ela escrevia e queria saber para quem. Seria algum namorado? Amiga? Não vou perguntar!

Decolamos. Após uns quinze minutos de voo, minha secretária de bordo nos chama: — Senhor Otávio, senhorita, vocês aceitam algo para beber?

Desejam comer alguma coisa?

Já transei com a Lurdinha umas duas vezes durante dois voos longos, e nunca mais quis nada com ela, mas o jeito meloso com que ela fala e pisca esses olhos para mim denota esperança. Preciso que ela entenda que não vai acontecer de novo, porque duas vezes é muito. Vou remanejar a função dela. Marina olha dela para mim com olhos arregalados. Não sei se percebeu alguma coisa, mas seu incômodo é nítido e eu fico tenso.

— Senhorita Lurdes, eu quero uma dose de uísque e algumas castanhas. Marina, você está com fome? Deseja algo para beber?

Ela ergue o olhar e nega com a cabeça.

— Traga um suco de laranja e um sanduíche para ela — eu peço.

Lurdinha sai sorrindo e rebolando, e eu decido: vai mudar de cargo urgentemente.

— Eu não quero comer nem beber nada. Pode falar para sua aeromoça não perder o precioso tempo dela — fala com rispeza e parece estar enciumada.

Eu fico animado, sorrio e finjo que não ouvi o que disse, voltando a minha atenção ao computador que está no meu colo.

— Sabia que é falta de educação não responder às pessoas que falam com você?

— Sabia que é falta de educação ser indelicada com quem lhe está fazendo um favor?

— Ora, agora vai jogar na minha cara o que está fazendo? E foi uma sugestão sua! Depois, por favor, veja o custo da viagem que farei questão de pagar cada centavo. Apenas retire o valor da diária dessa sua funcionária arrogante que mal me olhou na cara.

— Com licença, aqui está o que me pediu, senhor Otávio.

Hora errada para Lurdinha aparecer e servir as coisas com esse decote imenso, insinuando-se para mim.

— Pode colocar aqui na mesa e voltar para a cabine. Se precisar, volto a chamar.

Marina cruza os braços e faz biquinho, como uma menininha birrenta. Minha vontade é dar uns beijos nessa boca carnuda até esse bico se desmanchar. Em qualquer situação de mulherzinha fazendo birra, eu viro as costas e ignoro, pois odeio cenas, porém, como toda reação que tenho diante dela

é oposta ao que sou, levanto e sento ao seu lado, retirando o cabelo dela dos olhos e abraçando seus ombros de lado.

— Por favor, coma só um pouquinho — eu sussurro. — Estamos quase chegando, e seu pai precisa de você forte ao lado dele, está bem? — Beijo a cabeça dela e volto ao meu lugar.

De onde eu tirei tanto cavalheirismo é que não sei, mas sou recompensado imediatamente com um sorriso e um olhar de gratidão.

— Desculpe, Otávio, não quis ser grosseira, mas estouabalada emocionalmente. E você tem razão, vou tentar comer, obrigada.

Que mulher linda! Ela bebe o suco e me hipnotiza com seus lábios carnudos. Bebo o uísque de um gole só e volto a atenção ao notebook antes que eu faça uma loucura. A menina está suscetível e eu aqui com ideias impróprias.

Continuamos o voo em silêncio. O único inconveniente é a Lurdinha aparecendo e se insinuando, e a cara de brava da Marina. Pensar que isso pode ser ciúmes fez meu ego inflar.

Aterrissamos. Meu motorista já nos aguarda e vamos direto ao hospital. Quando chegamos, Tony está na porta. Marina corre em sua direção e o abraça apertado. Sei que é irracional e sem nexo, mas tenho vontade de arrebentar a cara do meu irmão.



Marina SupportAr

Aquela *biscate* da aeromoça foi massacrante. Minha vontade era abrir uma janela e empurrá-la, mas não tenho nada com ele. E eu que deveria ter pulado, para deixar de ser tão idiota e ter ciúmes. Otávio é calado, e só levantava às vezes o olhar, incendiando o meu corpo. Que loucura! Papai correndo do risco de vida e eu aqui, flertando.

Chegamos ao hospital e Tony está parado na porta. É tão bom ver um rosto amigo, que saio correndo feito uma criança, abraçando-o apertado. Eu desmorono e choro o que estava segurando. Não queria ouvir o que ele tem para me dizer, mas preciso ser forte.

— Ei, mocinha, calma! Calma... Está tudo bem — Tony me acalma como ninguém.

Ele me abraça e passa as mãos nos meus cabelos, e eu me sinto mais forte. Escutamos um pigarrear que vem de uma cara nada amistosa de Otávio, e nos afastamos. Enxugo minhas lágrimas e busco forças para perguntar pelo meu pai, enquanto os dois irmãos se

cumprimentam.

— Tony, como meu pai está? Preciso vê-lo, falar com ele. Onde está minha mãe? — Meu corpo inteiro treme e sinto um frio absurdo de dentro para fora.

— Marina, não vou mentir, o caso do seu pai é grave. Durante o acidente, ele perdeu muito sangue, teve uma das veias rompidas, e está sendo submetido a uma cirurgia. Tudo pode

acontecer, mas temos que ter fé e aguardar. Não há o que fazer. Paulo chegou agora há pouco e levou sua mãe em casa para tomar um banho e pegar umas coisas. Por sorte a data de sua volta era hoje. Eu fiquei aqui para te esperar.

As palavras dele vão sumindo, ficando longe, quando mãos fortes me sustentam. Eu ia desmaiar, mas Otávio me segurou e me apoiou em seus braços. Sou levada por ele até uma sala, onde logo volto à consciência. No entanto, perco-me em pensamentos. Os dois não saem de perto e sinto-me protegida e amparada.

Paulo chega com mamãe. Nós nos abraçamos e eu desabo novamente em lágrimas, e ficamos um bom tempo assim, sem conseguir falar. Não havia nada para ser dito, apenas um medo que se refletia em nossos olhares. Nossos apertos de mão nos davam esperanças. Ficamos assim, falando nada e dizendo tudo, durante uma eternidade, até que a enfermeira nos avisou que o médico nos aguardava na sala.

— Senhora Karina, o estado do seu marido é estável agora. Conseguimos reverter o quadro e ele não corre mais risco de vida. Está induzido ao coma apenas para se fortalecer e ficará dois dias na UTI. Existe uma grande possibilidade de ele ficar com sequelas, porém não posso afirmar nada hoje, apenas o tempo nos dirá. Aconselho a irem para casa descansar, pois ninguém pode ficar com ele.

Mamãe nos abraça chorando e nós ficamos firmes para consolá-la. Ela se nega a ir para casa e deixar papai sozinho no hospital, mas, depois de muita insistência, aceita ir descansar e trocar comigo amanhã de manhã.

Saímos da sala do médico após resolvermos toda a burocracia. Mamãe vai com Paulo embora, pois já está tarde. Eu estou cansada e procuro um lugar para ficar, quando, surpresa, vejo que Otávio ainda está aqui. Chego perto com vontade de abraçá-lo, como se fizesse parte da minha vida, mas me contenho.

— Oi. Está aqui ainda? Pensei que tivesse ido embora. Deve estar cansado.

— Oi. Quero saber da situação do seu pai e se precisam de alguma coisa. Eu posso ajudar e ficarei aqui. Você precisa des - cansar, Marina — ele impõe autoridade, porém com carinho.

Parece tão errado ele estar me ajudando, mas, em contra- partida, tão natural.

Explico-lhe toda a situação de papai e ao lado dele me sinto mais forte, mais esperançosa. Depois de um tempão, de chanta- gens e vários argumentos, quase o expulso do hospital dizendo pela milésima vez que não precisa ficar. Quando Otávio vai em - bora, sinto um vazio no peito. Confesso que sua insistência e preocupação me abalaram demais, e, se já nutria algum senti- mento por ele, com certeza me ferrei de vez.

Procuro uma enfermeira e imploro para ter uns cinco mi- nutinhos ao lado de papai, o que consigo quase que como um milagre. Chego à UTI com o coração nas mãos e entro devagar. Vê-lo cheio de tubos e aparelhos, tão vulnerável, me desespera. Aproximo-me com cautela. Queria tanto o abraçar, sentir suas mãos em mim e sua voz grossa dizendo que tudo ficará bem.

— Papai querido, estou aqui. Vim para dizer que o senhor ficará bem. E, depois que sair deste hospital, vai levar uma bronca por ter nos dado esse susto, viu? Perdoe-me por todas as vezes que não fui uma boa filha, por todas as vezes que não pude vir quando chamou, dizendo que estava com saudades, por cada comemoração que perdi. Desculpa, papai. Sai logo dessa cama e fica bem, pois eu sei que o senhor não suportaria depender de ninguém. E me mataria ver seu olhar de súplica. Vamos, levanta daí e prometo que nunca mais falto em um ani- versário seu, que assisto a todos os jogos do Grêmio e que torço por ele, mesmo sendo são-paulina. Por favor, paizinho adorado, não estou preparada para perdê-lo.

De tanto chorar, adormeço na beira de sua cama, quando sou chamada pela enfermeira: — Senhorita, por favor, venha. Não pode ficar aqui tanto tempo.

— Desculpa, obrigada por me deixar entrar. Há alguma sala em que eu possa descansar?

— Há quartos reservados para os médicos. Já arrumei um para a senhorita.

— Obrigada, mas não posso. O plano do meu pai não cobria uma despesa assim, e não quero ter um gasto desnecessário. Fico em uma cadeira mesmo.

— Ah, não terá nenhum custo, querida. O senhor Otávio é um dos nossos maiores investidores e pediu que arrumássemos o melhor quarto para a senhorita. Já está tudo certo, pode me acompanhar. Ele também enviou um jantar para você.

Fico petrificada. Sigo a enfermeira em modo robótico, sento-me na cama e observo várias sacolas em cima da mesa. Não sei se fico brava por sua invasão ou se me derreto toda por seus cuidados. Em outras circunstâncias eu brigaria, pois detesto ficar devendo favores ou que determinem o que faço, mas estou tão cansada física e emocionalmente que me permito ser cuidada. Se tiver que pagar um preço alto por tudo isso depois, eu não sei como farei, mas agora vou jantar, deitar nesta cama e conversar com Deus.



otávio Estou exAusto ,

cansado da viagem e por não compreender o que estou sentindo por essa menina. Tenho certeza de que é apenas esse adiamento de sexo com ela. Como nunca esperei por ninguém, estou ansioso, claro que é isso. Preciso parar de pensar. Fico forçando meu cérebro, mas, quando dou por mim, aqueles olhos azuis estão refletindo nos meus pensamentos. Porra, não sei o que fazer.

Deixo o tempo passar e já faz duas semanas que não a vejo. Desde que saí do hospital, não nos falamos mais. Marina me enviou uma mensagem agradecendo pelo quarto e pelo jantar, me deu uma bronca por tanta comida que enviei enquanto tanta gente passa fome e blá-blá-blá... Ri da mensagem dela. Ela é muito espirituosa. Achei prudente não responder, para não dar nenhum indício de relacionamento. Ela precisa entender que não há esperança de nada. Eu preciso entender.

O pai dela saiu do hospital e milagrosamente não houve ne- nhum

dano. Tudo ocorreu bem. Tony passa praticamente todos os dias para vê-los. Ao mesmo tempo que fico aliviado por ter notícias e saber um pouco dela, fico com um ciúme irracional do meu irmão e acabamos discutindo, porque ele acha que devo ir e ter educação. Eu não tiro a razão dele, pois tenho sido bem filho da puta: contenho-me para não ligar, às vezes passo em frente à casa dos pais dela e penso em descer, mas me detenho. Não vejo a hora de ela ir embora, pois, estando longe, sei que não vou pensar nela nem me importar.



Marina já fAz

DuAs semAnAs que não vejo Otávio. Eu me contive todos os dias em que estive com Tony para não perguntar dele. Ele só pode ser bipolar: em um momento é solícito e gentil, cede o próprio jato da empresa para me trazer, me oferece atenção e conforto no hospital; de repente, porém, simplesmente some. Não respondeu minha mensagem de agradecimento, não fez nenhuma ligação ou visita.

Saber que posso cruzar com Otávio a qualquer momento tem sido uma loucura para mim. Eu tenho me arrumado e até passa- do rímel todos os dias, o que se transforma em um borrão a cada visita que faço ao papai. Se não fosse trágico, seria cômico. Eu não queria me importar, não queria, mas, quando vejo, já estou toda produzida. Graças a Deus papai teve alta e depois de ama- nhã vou embora para São Paulo. Esse frenesi que tenho sentido em relação a Otávio com certeza vai sucumbir a distância.

Eu e papai somos muito ligados. Há uma sintonia fora do comum. Sempre fui sua princesa e ele, meu rei, e pensar em perdê-lo foi a pior dor que já senti na vida. Gratidão a Deus é tudo que sinto agora. Ele teve uma chance e todos nós tivemos também. Papai teve a chance de continuar vivendo; eu, mamãe e Paulo, de dizer a ele o quanto nós o amamos, de pedir perdão, abraçar, fazer promessas e sonhar. Fico pensando em quantos não têm essa oportunidade, quando não há despedidas e, pior ainda, quando ficam lacunas a serem preenchidas.

Sempre amei e valorizei meus pais, sou apaixonada e me- lhor amiga do meu irmão, nunca brigamos, somos uma família feliz. No entanto, nesses momentos vemos que não fazemos o suficiente. Não é suficiente ligar em uma aniversário e não sentir o abraço, não é suficiente desejar melhoras e não levar uma sopa quentinha, não é suficiente desejar boa viagem e não estar na mala. Nós quatro fizemos um pacto, de tentarmos es - tar juntos o máximo possível. Gostaria tanto de voltar a morar aqui, pertinho do meu porto seguro. Paulo vive sozinho, mas mora em Caxias. Apesar de ser piloto e na maioria das vezes estar viajando, sempre que chega tem para onde correr para um abraço.

Sinto falta da minha família, do aconchego do meu lar, e, por mais que eu seja bem-sucedida e trabalhe em uma grande empresa, nada substitui ou preenche o lugar do afeto, do cari- nho e do ser. Como diz o ditado: “Se não vai pelo amor, vai pela dor”. Decido então procurar meios de voltar, pois a vida é muito curta para ficar com saudades.



otávio Hoje umA

coisA BizArrA aconteceu comigo: recebi flores. Um homem recebendo flores não é nada comum, além de ser no mínimo estranho. Fiquei envergonhado na frente da minha secretária, porém fingi ignorar e não dar importância. Pedi que as colocasse em um vaso e deixasse o cartão na minha mesa, mas, desde que o entregador disse que eram de Marina, a curiosidade me tomou. Assim que ela se retira, sento e pego o cartão com as mãos trêmulas. Que efeito aquela menina tem sobre mim! Um gesto que acharia sem noção, de repente, torna-se um dos poucos afetos que já recebi na vida. Leio-o:

“Otávio,

Infelizmente não nos vimos mais. Fiquei sobrecarregada ao organizar as coisas para minha família e não pude encontrá-lo pessoalmente. Queria, por meio destas flores, me despedir e

agradecer. Volto hoje para São Paulo. Obrigada pela viagem, pela atenção; enfim, por tudo. Por gentileza, envie as despesas com o voo para o meu e-mail, pois nós vamos reembolsá-lo. Quando for a São Paulo e precisar de uma 'guia', te ajudo a contratar uma, afinal sou uma negação.

Beijos,

Marina (marina@lotmail.com)

P.S.: Por favor, não inclua os serviços de bordo. ;)”.

Já li o bilhete umas dez vezes, mas apenas consigo focar nas palavras “infelizmente” e “beijos”. Ela tem senso de humor, e me fez rir com a referência ao serviço de bordo e à guia. É uma menina muito espirituosa. As flores e seu gesto me sensibilizaram, e eu não costumo trocar afetos e gentilezas.

Mais uma vez não vou responder. Definitivamente, vou deixar as coisas distantes entre nós; é melhor. Não sou homem para ela. Sou frio e não quero relacionamentos, e Marina é mais que uma simples noite de sexo, deve sonhar com namoros, casamentos e todas essas baboseiras. Melhor não lhe dar esperanças. E é óbvio que não vou cobrar pelo jato, não faz nenhuma diferença para mim.

Procuo não pensar nela, mas, com essas flores sobre minha mesa, é inevitável. Peço para minha secretária retirá-las e vou embora decidido a ignorar qualquer menção ou pensamento sobre Marina.

Minha decisão é posta à prova quando mal entro em casa.

— Oi, Tavinho. Tudo bem? Pela sua cara, teve um dia de merda. Você se despediu de Marina? Eu fui levá-la ao aeroporto hoje. Estava muito bonita e também muito chateada por deixar a família — ele fala para me provocar, mas não vou cair na dele.

— Não, Antônio, eu não me despedi. Não a vi. O amigo dela aqui é você; eu sou apenas o irmão do amigo, e você sabe que não gosto de intimidades com meros conhecidos. E a vinícola? Está correndo tudo bem? — mudo de assunto rapidamente para despistá-lo, mas “muito bonita” e “chateada” ficam martelando na minha cabeça.

Conversamos sobre Heloísa, um novo relacionamento de Tony, e isso eu não consigo entender. Ele acabou de sair de um namoro, foi enganado, sofreu, e já está se encrencando de novo. Muito idiota.

Tony está reativando a vinícola de nosso avô materno e omitimos esse fato de papai, pois ele nunca foi a favor. E, como passou

por uma complicação de saúde recentemente, evitamos chateá-lo ou preocupá-lo. No momento oportuno, contaremos a ele.

Nossa família é proprietária de uma empresa multinacional de papéis e embalagens, e eu sou empresário desde que me entendo por gente. Como diz a mulherada, sou CEO. Grande bobagem esses títulos! Trabalho mais que qualquer outro funcionário. Agora, com papai afastado e Tony cuidando de outros assuntos, mal tenho tempo de respirar, fico na empresa a maior parte do dia, mas, de certa forma, é bom assim, pois consigo afastar dos meus pensamentos certos olhos azuis, certo sorriso inocente.



Marina

11 meses antes...

já fAz um mês que vim De CAxiAs . Não voltei mais para lá, mas falo com papai e mamãe todos os dias. Eles agora resolveram curtir a aposentadoria e vão fazer uma viagem; na volta, ficarão uns dias aqui em casa. Não consigo esquecer o pouco caso de Otávio comigo, pois ele simplesmente não me ligou para falar das flores, nem mesmo se despediu de mim. No aeroporto eu olhava ao redor a cada segundo na esperança de vê-lo. Sou uma tola mesmo de achar que um homem tão poderoso, rico e bonito como aquele iria querer algo comigo. Como ele mesmo diz, sou uma menina.

No entanto, não tenho tempo de ficar resmungando. Que fase, meu Deus! Além de estar sobrecarregada de trabalho, estou fazendo trabalho de catadora: juntando os cacos de todos os meus amigos de

uma vez. Por um lado é bom, assim esqueço meus problemas, paro de pensar naquele idiota e também vejo que dos males o meu é o menor. Juro, porém, que se esse povo não se reerguer quem vai surtar sou eu.

De um lado está a Patrícia, que reencontrou o cafajeste com a esposa em um evento, caiu na fossa de novo e está depressiva. Do outro, tem o Tony, que, de repente, não quer mais saber da Lívia, não quer ouvir nada dela, mas também está sofrendo, pois foi traído e está cego, surdo e mudo com tudo que diz respeito a ela. E eu, depois de toda a confusão que Tony criou, tornei-me amiga e braço direito de Lívia na empresa.

Ela é fechada, mas

gosta de estar comigo, e também não pergunta nada sobre ele. Está grávida, na fossa e a confusão é tão grande que acho melhor nem querer saber. Nem mencionei o fato da gravidez ao Tony; se ele não quer saber, vou respeitar, mas fico louca para contar cada vez que ele me liga.

Agora, o que mais está me matando por dentro é meu irmão Paulo. Ele é o mais velho, sempre me protegeu, foi o forte da família desde pequeno, e vê-lo em uma situação de tristeza e desolação está me despedaçando. Paulo não merecia isso. Desde que me entendo por gente ele namora a Marcela, sua amiga de escola. Praticamente já moravam juntos, estavam planejando casamento para o ano que vem, assim que meu irmão começasse a fazer apenas voos nacionais. Ah, não sei se mencionei! Além de ser um gato alto e loiro e ter olhos claros, ele é piloto. Definitivamente é um partidão, sem contar que é muito bonzinho. A mulher que merecer o coração dele será muito sortuda.

Voltando à tragédia, simplesmente ele pegou a filha da mãe com outro no apartamento dela. Chegando de uma viagem mais cedo do que o previsto, resolveu fazer uma surpresa e acabou sendo surpreendido da pior forma possível. A cínica descarada nem se arrependeu, disse que a relação deles já estava desgastada mesmo e que, mais cedo ou mais tarde, acabaria. Porra, por que não terminou decentemente? Cada vez que olho para ele sofrendo, tenho vontade de esganar aquela mulher.

Paulo tirou licença por uns dias e se hospedou no meu apartamento, e eu estou tentando juntar os cacos que a biscate deixou. Tony me liga de vez em quando chateado, Patrícia aparece em casa com a maior cara de morta-viva e a Livia está uma pilha. Tudo de uma vez. Santa Marina “recuperadora” de corações partidos. E, enquanto isso, o meu está despedaçado, porém fui eu mesma quem o quebrou com falsas esperanças e sonhos tolos.

Hoje vou conseguir tirar o Paulo de casa, pois é sábado, então vamos sair. Convidei a Paty também e vamos todos de táxi,

porque eu sei que eles irão beber para tentar esquecer e eu vou beber para aturá-los.

— Oi, maninho mais gato do universo. Animado para nossa noitada? — pergunto.

Chego em casa preparada para dispersar qualquer desânimo, e ele está largado no sofá, com a barba por fazer, cabeludo, parecendo um indigente.

— Oi, Marininha. Ah, podemos cancelar? Não estou com vontade de sair.

— De jeito nenhuuuum! Já comprei as entradas, convidei a Paty, o Fábio e a Carla. E, de quebra, minha chefe, a Livia, disse que se o tio topa ir ela aparece também. Vamos, levanta daí, toma um banho, faz a barba e fica delicioso para a alegria das mulheres de São Paulo — falo com o maior entusiasmo, embora esteja cansada.

— Não tenho ânimo, Marina. Eu não quero ver mulher nenhuma, vou ser péssima companhia. Vá você e divirta-se com seus amigos.

— Paulo, por favor, né? Autopiedade não combina com você. Não é o fim do mundo. Está doendo? Eu sei que está. Você ainda vai sofrer? Sim, vai. Mas, enquanto você está aí se martirizando, ela deve estar em algum motel vagabundo dando pra algum cara. Então, meu irmão, quando eu sair daquele quarto, quero te ver o mais lindo possível. Ah, e muito cheiroso — despejo de uma vez e corro para o banho, para que ele não tenha tempo de questionar.

A noite foi melhor do que imaginei, são quatro horas da manhã e eu, a Paty e o Paulo estamos chegando bêbados e alegres ao meu apartamento. Foi tudo muito divertido. Fábio e Carla não foram, pois ela está quase para ganhar neném e não aguentou sair, mas Livia apareceu com seu tio e Lipe. Eles são muito

alto-astrais, Lipe não deixou ninguém quieto, contou piada, tirou cada um para dançar, e, entre muitas vodcas e uísques, todos os corações foram recuperados ao menos por esta noite, inclusive o meu.

Estamos mortos de fome e vou para a cozinha preparar um macarrão instantâneo. Paty se joga no tapete da sala e Paulo, no sofá. Escuto da cozinha umas risadas, depois uma música romântica e em seguida um choro. Droga. Estava indo tudo tão bem. Levo nosso jantar, coloco uma porção para cada um em uma tijelinha e um guaraná gelado na mesa de centro, desligo a música, ligo a televisão e dou uma bronca nos dois.

— Masoquismo tem limite, não acham? Foram enganados, traídos e ainda permitem-se chorar por eles? Chega. Ao menos por esta noite vamos fingir que somos todos blindados a senti - mentalismos. Agora provem meu prato gourmet.

Consigo tirar um sorriso deles e isso me acalma.

Acabamos dormindo os três em frente à televisão, e acordo com a maior dor nas costas, pois dormi toda desajeitada em um canto. Levanto meio cambaleando e o que vejo me faz sorrir e ter esperanças. Não sei como nem de onde surgiu isso, mas Patrícia e Paulo estão meio que enrolados no tapete. Minha consciência dá gritinhos de alegria. Seria mesmo o máximo minha BFF e meu irmão juntos! Sem contar que um cuidaria do outro e eu tiraria o maior peso das costas. Estou sendo egoísta, eu sei, mas estou com saudade de ser a protegida.

O domingo foi de muita preguiça. Ficamos novamente os três em casa, na sala, largados no tapete. Vimos séries e filmes, pedimos comida, conversamos e graças a Deus ninguém falou de traição. Percebi uma troca de olhares entre os dois, alguma cumplicidade e nenhum desconforto. Fui discretíssima para não os deixar sem graça.

Depois do banho, fingi uma indisposição e fui para o meu quarto. Paty iria dormir em casa de novo e deixei os dois na sala. Ouvi risadas, televisão, música e depois silêncio. No tem- po deles converso sobre essa proximidade. Amanhã, Paulo volta ao trabalho e sentirei saudades de tê-lo por perto.



otávio não está

fácil , e eu estou cansado demais. De um lado há as empresas, as quais sobraram para mim, agora que meu pai está afastado e o Tony ficou responsável por cuidar das vinícolas. De outro, a fossa do meu irmão, que está difícil de curar. Por isso eu digo: namorar é a maior roubada em que um homem pode se meter, pois só traz dor de cabeça. No entanto, o pior dos meus pesadelos não é isso. Curaria cem Tonys de fossa, cuidaria de mil empresas, se em troca conseguisse tirar aqueles olhos grandes e azuis da minha cabeça. Se eu fosse capaz de esquecê-la por ao menos um minuto...

Nunca mais nos vimos ou nos falamos, desde aquele dia no hospital. E simplesmente estou obcecado; acordo e durmo pensando nela. Não me reconheço, e estou assustado e com medo desses sentimentos, pois são todos recentes para mim. E eu, que sou um

exímio administrador, não estou conseguindo administrar o que está se passando dentro de mim. Por essa razão, sempre fui blindado contra romances. O seu cérebro é você quem conduz, mas as coisas do coração estão absolutamente fora do próprio domínio.

Desde que mamãe morreu e vi todo o sofrimento de papai, prometi a mim mesmo que jamais me apaixonaria e passaria por aquela dor. Cada vez que eu escutava atrás das portas e o ouvia chorando, mais convicto disso ficava. Eu tinha apenas dez anos na época. O tempo passou, estudei, conheci meninas

e mulheres, mas nunca nenhuma me despertou interesse. Mais tarde, dediquei-me integralmente ao trabalho e conheci certas mulheres que só se interessavam por *status* e dinheiro, com as quais sempre me envolvi numa troca simples: sexo gostoso sem compromisso, algumas aparições ao meu lado e todas as regalias que o dinheiro pode proporcionar. Até agora estava perfeito, mas percebo que não, era uma fachada, uma defesa. Preciso voltar a ser como eu era.

Tony está indo a Campos do Jordão para o lançamento de nosso vinho. Fiquei tentado a ir e passar por São Paulo a fim de aproveitar a companhia do meu irmão e ver a Marina, mas fui forte e não sucumbi à tentação. Aos poucos, sei que essa obsessão vai passar; é apenas uma fase.

Despeço-me de Tony, que está radiante, torço por ele e desejo sucesso. Ele amadureceu muito e foi preciso seu afastamento, além do susto que papai nos deu, para nos tornarmos uma família de verdade. E são eles dois que me importam. Nunca precisei ter uma mulher ao meu lado, e assim vai ser.



Marina Como meu

pAizinHo sempre Diz , nada melhor que o tempo, pois ele é remédio para dores, cura para o sofrimento, resposta para as perguntas. Sempre achei tudo muito filosófico, mas, depois do turbilhão que todos os meus amigos passaram e do furacão que passou pela minha vida, tudo se acalmou como em um passe de mágica.

Cheguei agora em casa. Coloquei para tocar “You and me”, de Lifehouse. Após abrir um vinho que há muito está esquecido na geladeira, desabo no sofá com uma taça e fico pensando em como as coisas mudam em frações de segundos. Bom, nesse caso, o u nesses casos, a coisa foi em fração de meses. Sinto-me uma nar- radora, pois vou dizendo a mim mesma como tudo aconteceu.

Primeiro Tony se reencontra com Livia, percebe que tudo foi um mal-entendido e que nunca houve traição. Ele descobre que é o pai das meninas, retoma o relacionamento depois de se desdobrar para Livia perdoá-lo e os dois estão mais apaixonados do que nunca. Participo de

todos os planos deles e nunca vi um casal tão feliz. Já amo essas duas garotinhas como se fossem minhas sobrinhas.

Paulo e Paty engataram uma paquera desde o dia da boate, que virou um namoro virtual e de pontes aéreas. Eles foram feitos um para o outro, e os poucos meses parecem uma eternidade. Estão tentando levar adiante, sobretudo pela agenda lotada da Paty e dos voos do meu irmão. No começo, achei que

estavam apenas se consolando, mas os dois juntos é tão certo, tão lindo. Eu procuro ser imparcial e já falei que não quero ouvir nada de nenhum deles, porque, se terminarem, quero continuar meu relacionamento com ambos do mesmo jeito. No fundo, porém, estou tão feliz e torço muito para que eles façam dar certo.

E enfim um final feliz para todos, menos para a senhora Marina, que, em mais uma noite de sexta-feira, está sozinha no sofá de sua casa, tomando um vinho, suspirando e vivendo o romance dos outros. Perdi a vontade de sair, de paquerar; estou em uma fase muito exigente. Antes eu saía por sair, paquerava, ficava com quem estava a fim; meu lance era curtir. Agora não consigo mais, sempre estou cansada ou desanimada. Tento me enganar ao dizer que isso é resultado de todo turbilhão que enfrentei — o acidente de papai, o trabalho acumulado, os problemas de meus melhores amigos —, mas, lá no fundo, ficou dentro de mim uma lembrança tão boa e um gosto na minha boca que apenas tenho medo de perder e não restar nem isso de Otávio em mim.

Sou atrapalhada e meio avoada, eu sei, mas me apaixonar por um homem que apenas me beijou, que nunca demonstrou intenção nenhuma, que é uma armadura de indiferença e o deus da beleza, já ultrapassa qualquer limite de sanidade. Esperança a mil; chance zero.

Seco a garrafa de vinho e adormeço no sofá.



otávio A Ausência

De mãe em nossa casa nos transformou em homens independentes e amargos, e cada um de nós encontrou sua maneira de viver com a dor. Nunca houve afetos; nossos diálogos limitavam-se a negócios. No entanto, dois acontecimentos fizeram com que enxergássemos a importância um do outro: primeiro, o infarto de papai, que quase o levou à morte, e o medo de perdê-lo me aproximou de Tony; logo em seguida, a notícia de que Tony seria pai.

Agora estamos vivendo a melhor fase de nossa vida. Eu, pai e Tony estamos mais unidos do que nunca. Foram notícias fantásticas consecutivas. Papai não só aceitou a reativação da vinícola, como se propôs a ajudar Tony na administração. Meu irmão nos deu o maior presente que poderíamos ter: trouxe a Livia para junto de nós, uma mulher maravilhosa e muito determinada. Hoje eu entendo tudo que ele fez para conquistá-la, pois ela é uma mulher que vale a pena.

No entanto, tudo isso não é nada perto das minhas sobrinhas, nosso presente maior e alegria de viver, Luiza e Maria Clara. É muito engraçado, elas têm apenas um mês de vida e mandam em todos nós. Aqui em casa é um batalhão de adultos em função das duas. Até tia Marta veio morar conosco, e de repente uma casa de três homens, geralmente silenciosa, tornou-se uma algazarra total. Desde o início fiquei feliz com a notícia da gravidez, sabia que iria amá-las, mas não tinha

a noção do que era amar até vê-las na maternidade. Quando peguei aquelas meninas tão pequenas no colo, senti que não conseguia respirar; era tanto amor misturado com medo que eu chorei. Elas são lindas e, modéstia à parte, parecem muito com nossa família: são loirinhas de olhos azuis, olhos que me trazem lembranças.

Agora que as meninas completaram dois meses, Tony e Livia irão se casar e batizá-las. Estou tentando administrar o fato de que serei padrinho de ambas as cerimônias, e isso será fácil e é motivo de grande alegria e orgulho. O que me desorienta é que Marina vem para cá e será a madrinha. Nunca mais nos vimos, porém sua imagem é a primeira coisa que vejo quando acordo. Esses dias prometem muito autocontrole ou descontrole absoluto.



2 semanas antes...

Marina

feliciDADe é pouco pelo que estou sentindo agora, e eu queria poder traduzir em palavras todo esse amor no meu peito. Estou em Caxias. Acabei de chegar e vim direto ver minhas sobrinhas do coração; elas são o retrato da beleza, são perfeitas. Tão pequeninhas e conseguem despertar em todos nós um amor grandioso. Estou emocionada, pego cada uma delas, beijo, cheiro, tenho vontade de roubá-las. Nunca a maternidade tinha sido relevante para mim, mas agora elas despertam esse desejo em mim.

Vim para ajudar Livia e Tony com os preparativos do casamento. Serão dias corridos, nos quais precisarei me desdobrar em dez, pois quero aproveitar para curtir meus pais e as bebês, e ainda há todas as coisas para resolver. Estou apreensiva, porque serão inevitáveis os encontros com Otávio, e gostaria muito de ser indiferente a ele, mas

não sou imune à beleza, ao charme e à antipatia dele.

Falando no diabo...

— Olha só quem chegou! Se não é minha irmãzinha do coração, minha comadre e madrinha?! Marina, que bom ter você aqui! — Tony abre a porta e entra ao lado de Otávio.

Corro para dar um abraço em Tony. Tempos atrás, quando ele me chamava de irmãzinha, eu queria morrer, mas hoje fico radiante. Ignoro a presença de Otávio e vou sendo puxada por Tony até as meninas.

— Meu irmão mais velho, bem mais velho, que saudades!

— Seguro os braços dele e olho para seu rosto, que estampa felicidade. — Antônio, fecha um pouco essa boca, vai dar câibra. Ele não para de sorrir olhando as meninas, enquanto beija a Livia, que está sentada com elas no colo.

— Oi, meu amor, boa noite. Ah, Tony, agora você vai ter uma noiva mais relaxada. Graças a Deus Marina chegou.

É lindo ver a sintonia dos dois, que, por um momento, esquecem-se de tudo em volta e conversam entre si. Otávio permanece estático no canto, sem se manifestar nem mesmo com um cumprimento. Eu finjo que não notei a presença dele, até que Tony o chama.

— O que está acontecendo, Otávio? Parece uma estátua aí parado. Venha dar boa noite para sua cunhada, para suas sobrinhas e cumprimentar nossa visita.

Fico tensa, meu coração bate mais rápido, e quem vira estátua sou eu. Ele se aproxima, toca meu braço e estremeço.

— Olá, Marina, boa noite.

Os pelos da minha nuca se arrepiam. Ao sentir o hálito quente dele no pé da minha orelha, pareço uma tonta e apenas respondo um fraco “boa noite” com um “tudo bem”, sei lá.

Ele beija cada uma das meninas, a Livia, pede licença e se retira. Da mesma forma pouco cortês que chegou, Otávio sai.

— Que bicho mordeu seu irmão, Tony? Mal nos cumprimentou... Ele sempre brinca com as meninas, conversa comigo sobre os negócios, e hoje simplesmente chegou e subiu, mal cumprimentou a Marina.

Não consigo enxergá-lo fazendo as coisas que Livia citou. Para mim, ele é esse ogro sem educação mesmo.

— Deve estar com algum problema na empresa. Relaxa, meu bem. E então, Marina, vamos sair hoje para comemorar sua chegada? — Tony sempre de bem com a vida, apaziguando as coisas. Os dois são opostos.

— Tony, hoje eu vou dispensar. Estou cansada demais, sabe? Tenho uma chefe virtual que é muito exigente e me faz trabalhar muito, e estou aqui desde que cheguei de viagem. Preciso ir para casa, ver meus velhos, descansar, porque a maratona começa amanhã cedo. Vou pedir um táxi e ir embora.

— Acho que deveria mandar essa sua chefe para aquele lugar, viu, Marina? — Tony brinca e leva um tapa da Livia.

Estar com eles é muito bom.

— Vou levá-la em casa — ele avisa. — Em hipótese alguma vou deixar minha madrinha ir embora de táxi.

Despeço-me das minhas princesas, da Livia, vou até a sala e me despeço do senhor Otávio e da tia Marta. O clima da casa é maravilhoso, a felicidade reina aqui e é contagiante. Menos para um, claro. Olho ao redor para ver se o encontro, mas nem sinal. Quando chegamos até a garagem, Otávio está encostado no carro de Tony, o que me surpreende.

— Tony, eu preciso sair para resolver um problema e ouvi que está indo levar a Marina. Esperei para dizer que eu mesmo a levo, não há necessidade de você sair.

Fico tensa. Quero dizer ao Tony que não quero ir com o irmão dele e sinto meu coração a mil. Minhas mãos estão suando.

— Ah, obrigado, mas tenho que sair de qualquer jeito — Tony me salva. — Preciso ir à farmácia buscar umas coisas para Livia. Eu levo a Marina.

Ufa, que alívio! Começo a me aproximar da porta, quando a voz grossa e absurdamente autoritária nos interpela: — O que tenho que resolver é exatamente na farmácia... ãh... sobre um remédio que pedi. Enfim, me passe a lista que compro para você.

Que abusado! Tony me olha, na dúvida, pois ainda não se convenceu. Otávio, então, joga sujo: — Tony, se eu posso resolver isso, aproveite para ficar com as suas meninas.

Pronto, ele aceita na hora, com a cara de bobo feliz. Tony me pergunta se está tudo bem e eu aceno que sim, fazendo toda a minha estrutura ruir.

Sem me dirigir uma única palavra ou um simples sorriso, Otávio pega as malas e vai em direção ao carro dele mais à frente. Um carro ou um avião, nem sei dizer, pois é o carro mais bonito que já vi em toda a minha vida. Entro também em silêncio. O veículo cheira a poder, uma mistura do perfume amadeirado de homem poderoso com o couro dos bancos. O meu estômago revira e sinto-me quase invisível, tão pequena, porque tudo aqui é grande demais para mim: o carro, o homem e o silêncio.

Otávio liga o som e deduzo que seja pelo volante, pois ele não se mexe. Está tocando “Do you remember”, de Phil Collins, e fico ainda mais aflita. Andamos uns dois quarteirões e o som da voz dele ressoa: — Coloque os cintos, Marina. Além de ser para sua segurança, não quero ser multado.

Grosso, estúpido, idiota!

Ele apenas dá uma ordem e me derreto inteira. A estúpida aqui sou eu. Coloco o cinto e fico na minha.



otávio Simplesmente

não sei o que estou fazendo neste carro, a esta hora da noite com essa menina. Desde que entrei em casa e a vi rindo com Livia, meu discernimento sumiu. Primeiro levei um choque tão grande que parei como uma estátua; depois, fui advertido por meu irmão e fiz a burrada de tocar no braço dela e aproximar meu nariz do seu pescoço, pois o cheiro de Marina me inebriou. Subi até o quarto para recuperar a sanidade, mas minha cabeça só martelava aquela voz. Fiquei como um cão acuado andando de um lado para o outro, até ouvir Tony dizer que a levaria embora. Uma mistura de ciúme e sensação de posse me acometeu. Desci até a garagem e inventei uma desculpa estapafúrdia para o meu irmão. Estou totalmente fora do controle. Não sei o que dizer, o silêncio é constrangedor, mas meramente queria estar aqui.

Passo por uma farmácia e estaciono. Preciso ganhar tempo e ficar mais um pouco com ela. Realmente não sei... Que droga!

— Otávio, eu sei que está sendo gentil em me levar embora, mas, se não for abusar muito da sua boa vontade, poderia primeiro me deixar em casa? Estou cansada e ainda não vi meus pais. O pedido inesperado de Marina piora ainda mais minha situação. Irrita-me o fato de não saber agir diante dela, e isso é ridículo.

— Já que estamos aqui, pego primeiro o pedido de Tony e já te levo.

— Mas você não tem que resolver alguma coisa? Não quero atrapalhar. Pode me levar e ficar à vontade.

Que saco! Ela não podia ficar quietinha até eu decidir?

— Marina.

Ela arregala os olhos quando falo o nome dela em tom enérgico.

— Acontece que eu não tenho nada para resolver — revelo.

— Inventei uma desculpa estúpida apenas para trazê-la, pois queria ter um momento a sós com você.

Agora ela fica boquiaberta e eu, pasmo com minha sinceridade.

— Já volto — digo, bato a porta do carro e fujo antes que ela diga algo.

Levo mais tempo do que imaginava para comprar tudo que está na lista de Tony; aliás, parece lista de mercado. Faço, então, uma anotação mental: nunca mais vou me oferecer para ir à farmácia para ele. Enquanto a atendente pega as coisas na maior lerdeza, eu penso em como agir agora que falei a verdade. Saio abarrotado de sacolas, jogo tudo no porta-malas, respiro fundo e entro no carro. Agora é tudo ou nada.

— Desculpe a demora — digo, virando-me para encará-la.

Percebo, então, que Marina não está mais no carro. No lugar dela há um bilhete escrito num ticket de mercado.

“Caro Otávio,

Odeio sua prepotência de achar que pode fazer o que quiser como bem entender. Se desejar um momento a sós comigo, me convide, pergunte, e eu decido se quero ou não ir. Realmente estou cansada. Peguei um táxi. Boa noite, Marina”

Ela só pode estar de brincadeira comigo! Não é possível que foi embora sem me avisar, sem se despedir! Menina atrevida. Estou louco e me contenho para não arrombar a casa dela e arrastá-la de lá, beijá-la e possuí-la até que entenda que

quem manda sou eu. Nunca fui tão desafiado, então agora é uma questão de honra. Terei essa mulher ou não me chamo Otávio. Acho que já falei isso outras vezes... Isso está se tor- nando um mantra.



Marina Arrogância

é o nome Desse cArA . Quem ele pensa que é? Deci- de que quer estar comigo e pronto? Ah, mas não mesmo que vou ser uma dessas mulheres suscetíveis a seus caprichos. Não mesmo! Quando ele me disse que queria estar a sós comigo, que inventou uma desculpa, meu coração sucumbiu e, cheia de desejo e ilusão, quase me derreti inteira, mas meu bom sen- so me alertou.

Poxa vida, ele surgiu tempestuosamente em minha vida, me beijou e esteve comigo quando quis; em outro momento, po- rém, simplesmente ignorou minha existência. Agora vem com esse papo furado? Lógico que é um estímulo para o meu ego ouvir isso desse Adônis, mas ainda tenho amor-próprio e um pouco de sensatez.

Que delícia estar com meus pais. Depois de comer um pouco de toda

a comida que mamãe fez para me agradar, e de conversar e beijar muito meus velhos, subo para tomar um banho e dormir. Doce ilusão. Rolo na cama a noite toda pensando em Otávio, nesse desejo que sinto, na forma como ele domina meus sentidos. Quando está quase amanhecendo, consigo enfim dormir.

Parece que dormi apenas cinco minutos, pois logo mamãe vem avisar que a Livia estava me esperando.

Desço toda desgrenhada, com moleza e sono. Pretendo falar para Livia ir sem mim apenas agora cedo, mas mal dou bom dia e ela já dispara: — Marina, que bom ter você aqui. Estou repleta de coisas para resolver e nem sei por onde começar. Deixei as meninas em casa, mas não consigo desligar nem por um minuto. Com você tudo será mais rápido e posso voltar logo pra elas. Ah, bom dia, né?

— Bom dia, Livia. Quanto entusiasmo, hein? Venha, vamos tomar um café antes de sairmos.

Sentamos com mamãe e conversamos sobre todos os preparativos do casamento. Bem, elas conversam, pois meus pensamentos estão longe...

Decidimos as flores, finalizamos todos os detalhes com o buffet e deixamos o cerimonial para a parte da tarde. A manhã voa e eu pareço uma zumbi, com sono e aérea. Se Livia percebeu, nem comentou. Ela insiste que eu almoce com eles, mas invento mil desculpas para escapar. Ainda não estou preparada para a reação de Otávio.

A semana voa. Todos os dias ajudei a Livia com alguma coisa, ou simplesmente ficamos conversando e cuidando das meninas. Na hora do almoço e no final da tarde, eu sempre dei um jeito de escapar para não encontrar Otávio.

Paralelo à ajuda que dispensei à Livia, ajudei Antônio nos preparativos da casa para a lua de mel, que seria surpresa. Fiz tudo que pude por telefone, mas hoje inevitavelmente teria que ir até a vinícola com ele. Tentei fugir, mas não tive escolha... Sei que Otávio está ajudando também e iremos nos encontrar. O casamento é amanhã e não nos vimos desde o episódio da farmácia. Seja o que Deus quiser.



otávio pensei em mil

mAneirAs De mAtAr Marina e em um milhão de maneiras de beijá-la. Aquela peste dominou meus pensamentos a semana toda, conseguia me distrair apenas quando eu ajudava Tony nos preparativos da lua de mel. Mas desisti de querer possuí-la.

Não vou me submeter a uma menina imatura! Sou capaz de ignorá-la totalmente; suportarei a presença dela amanhã e semana que vem, na igreja... e pronto. Não temos nada a ver um com o outro, nunca tivemos nada e nada justifica eu me importar com ela.

Preparo-me para ir à vinícola, onde fiquei de me encontrar com Tony, e finalizar os preparativos da lua de mel. Estou feliz por meu irmão.

A casa é linda e imensa, denota poder e bom gosto. Enquanto espero Tony arrumar as coisas na suíte, vou até a cozinha tomar água. Uma voz chama minha atenção e fico em alerta. Marina está aqui. Droga, não sabia que ela viria, senão teria inventado uma desculpa para não vir. Uma hora ou outra, porém, iríamos nos encontrar.

Também, como já disse, ela não significa nada para mim...

— Então leve essas flores lá para cima e diga ao Tony para colocar na mesa, ok? — ela sugere à florista.

LINDA é a palavra mais minimalista para descrevê-la. Marina para subitamente e me olha. A moça, então, sai e o ambiente fica

sufocante apenas com nós dois nos encarando. Parece um jogo de poder, de quem olha mais tempo sem reagir. Eu cedo. Porra, eu abaixo a guarda e constato: ela tem que significar algo para justificar minha sensação... Ou isso ou estou carente demais.

— Como vai, Marina?

— Olá, Otávio. Estou ótima, e você?

— Melhor impossível. O que está fazendo aqui? — sou hostil, mas minha vontade é agarrá-la.

— Ora, o mesmo que você, ajudando Tony nos preparativos da lua de mel. Aliás, se me der licença, preciso terminar umas coisas — fala petulantemente e vira as costas.

Eu, irracionalmente, puxo o braço dela, fazendo que volte o rosto para mim.

— Ei! O que pensa que está fazendo? Me solta. Qual o seu problema, hein, cara?

— Você é meu problema, menina — digo.

Eu, então, puxo-a abruptamente e lhe dou um beijo voraz. Todo meu desejo enterrado vem à tona, e tenho vontade de devorá-la, colocá-la em uma caixa de vidro só para meu bel-

-prazer. Ela retribui, tão desejosa quanto eu, mas passos se aproximando nos fazem recuar.

— Você não pode sair me beijando quando bem entender — ela diz ofegante. — O que está pensando que eu sou? — susurra, limpando o lugar onde acabei de colar meus lábios.

— Não estou pensando, eu sei que você é uma mulher linda, sexy, desejável e que essa sua boca atrevida é um convite a um beijo. Não acabamos ainda, entendeu? — desafio-a com uma ameaça.

— Ei, ei, meus dois ajudantes e padrinhos favoritos. Obrigado por virem até aqui, estou tão nervoso que não teria conseguido sem vocês! — Tony atrapalha.

— Não tem que agradecer Tony. Eu estava aqui com a Marina resolvendo os detalhes da sobremesa, não é, Marina? — eu

tento disfarçar o embaraço. — Escolhemos frutas vermelhas com calda quente de chocolate e sorvete de creme! — Grande babaquice acabo de falar.

— Não, não é.

Por um momento, acho que ela vai contar que estávamos nos beijando. Marina cruza os braços e me desafia:

— Decidimos por torta de limão com suspiros. Ela não pode nunca concordar comigo?

— Decidimos pelas duas opções, Marina, não lembra?

— Dou uma piscadinha sexy, parecendo um menino dispu- tando algo.

Ela se prepara para retrucar quando Tony intervém: — Ah, isso é o de menos. Acho que nem teremos tempo para sobremesas. Mas pode ser as duas. Vamos dar uma volta na fábrica para a Marina conhecer?

Penso no que Tony disse e por um breve instante tenho inveja dele, de viver com tanta naturalidade um compromisso desses.

— Se não se importar, Tony, vou embora. Tenho algumas coisas para resolver com a Lívia. Outro dia conheço — ela diz, dando um beijo no rosto dele e sem olhar na minha cara.

Eu não esperava por essa... Imaginei que ficaríamos mais tempo e teríamos a oportunidade de conversar, mas mal Tony responde e ela sai em disparada. Mais uma vez fico plantado e frustrado. Garota desgraçada! Uma hora, porém, não terá como fugir. Ah, mas não mesmo!



Marina Como eu

posso DeixAr Otávio me beijar assim, sempre quando e como quer? Ele é perfeito, gostoso, beija bem pra caramba? Sim para cada pergunta, e sim também para arrogante, preten- cioso e prepotente.

Saí da vinícola porque sei que se ficasse sozinha com ele não conseguiria fugir, seria presa fácil para aqueles braços musculosos que sabem tão perfeitamente envolver uma mulher.

Tá aí o problema. Ele sabe muito bem chegar em uma mulher e sair dela, e eu, com minha inexperiência, só sei receber. Não vou conseguir me desprender. Poderia ser dele por um momento apenas, da forma como sei que ele se relaciona, ou seja, com sexo e mais nada. Só que trocamos alguns beijos roubados e já não sou mais a mesma, então não vou resistir a um toque ínti- mo, ao corpo dele dentro do meu. O prazer irá me estraçalhar quando acabar.

Fiz bem em vir embora. Foi meio infantil, mas fiz o certo. O casamento é amanhã, então tenho mais uma semana tor- turante de

encontros e... fim. Basta evitar ficar sozinha com Otávio. Depois, volto para minha realidade e a indiferença dele. Preciso fazer alguma coisa para tirar esse homem dos meus pensamentos e do meu coração imaturo.

O casamento de Tony e Livia foi a cerimônia mais comovente que já presenciei, perfeita em todos os sentidos, tudo impecável e lindo, com amor transbordando em cada canto. Para variar, chorei e me emocionei demasiadamente. O que agravou essa explosão de sensações foi o toque possessivo e o cheiro inebriante de Otávio ao meu lado, como padrinho, durante a cerimônia. A impressão que dava era a de ser meu dono.

Minha sanidade lutava entre o desejo de ficar e sair. Enfim chegamos à festa e minha intenção de manter distância não foi necessária, pois o cretino nem chegou perto de mim até agora, o tempo todo rodeado de belas mulheres, esbanjando charme e denotando poder. Cretino. Totalmente bipolar.

Enquanto o olhava furtivamente, também me aproximei de alguns homens solteiros da festa, em especial John, um gatinho americano, meio-irmão da Livia, que elevou meu ego me paquerando descaradamente. Dançamos, bebemos, e estou aproveitando ao máximo a paquera. Acho que até o final da festa rolam uns beijinhos e quem sabe desencano de vez do Otávio.

— Marina, venha. Vamos tirar fotos com os padrinhos — Livia me chama.

Deixo John me esperando na pista de dança, recomponho o visual e vou até a mesa do bolo, onde todos estão posicionados esperando. Paro ao lado de Otávio, que está com a cara amarrada; definitivamente, ele deve me odiar. Quase me desequilibro quando ele me puxa firme pela cintura e, sorrindo, fala por entre os dentes no meu ouvido: — O que você pensa que está fazendo se insinuando para todos esses homens? Quer que eu arranque você desta festa?

Oi? Ele é louco? Quem pensa que é para falar assim comigo? Não sei se interpreto como ciúmes ou babaquice. Nem há tempo de raciocinar, e os flashes me cegam. Outras pessoas se aproximam para tirar fotos e de repente sou arrastada pelos braços de Otávio. Deixo-me ser levada sem protestar. Sinto

medo e ansiedade, meu coração está descompassado. Esse homem está descontrolado, mas o desejo e a bebida falam mais alto dentro de mim e permito.

— Você vai aprender a não provocar um homem de verdade, garota.

Otávio entra no quarto e me joga na cama, tranca a porta e vem furioso para cima de mim. Estou excitadíssima. Meu peito sobe e desce freneticamente e ainda arrumo forças para desafiá-lo com o olhar, porém não sou capaz de fugir.



otávio CHeguei Ao

limite . Ontem, quando Marina saiu da vinícola, tive vontade de ir atrás dela, sacudi-la, agarrar à força aquela gostosa. Passei outra noite em claro. Durante o casamento do meu irmão, fiz um esforço descomunal para conter a excitação ao lado dela, pois todas as suas curvas estavam expostas naquele vestido colado e decotado, e o cheiro doce dela me inebriou. Então, tomei uma decisão: ficaria com alguma mulher da festa e definitivamente iria desencanar.

No entanto, foi uma ideia frustrada. Nenhuma mulher conseguiu um segundo da minha atenção, porque todos os meus sentidos estavam voltados para Marina, que, provocantemente, aproximou-se de todos os homens da festa. Ela se esfregou com aquele playboy americano e me enlouqueceu. Tomei, então, outra decisão: vou transar com ela nem que seja à força. Tenho certeza de que essa obsessão vai cessar no momento em que terminarmos, afinal é apenas um desejo reprimido,

do qual nunca fui privado. Um ano pensando em uma única mulher... Agora chega.

Jogo Marina na cama, enfurecido e louco de tesão. Ela, porém, não se intimida e, desafiando-me, ergue o olhar. A respiração ofegante dela deixa seus seios expostos e eu, sem permissão ou romantismo, deito-me sobre ela erguendo seus braços e beijando seu pescoço. Desço até seus seios, que são

lindos e delicadamente pequenos e redondos. São perfeitos. O gosto dela é maravilhoso, doce, melhor do imaginei.

Tiro o vestido de Marina num tempo recorde. Estamos afoitos e urgentes, e não há tempo para preliminares. Nós nos devoramos com um beijo arrebatador e, sem nos separar, tiramos minhas roupas, trombando nossos braços, com pressa, com desespero. Nunca desejei tanto uma mulher. Não tenho controle sobre mim e penso que, se me afastar, vou morrer. É insano, é animal. Não existe nada com que eu possa comparar. Alcanço uma camisinha e coloco-a sem me separar. Parece que estamos colados.

— Você vai sentir o que é um homem de verdade, menina. Quando eu estiver dentro de você, vai implorar para que eu não saia — falo, mas nem sei se vou querer sair.

Penetro-a e sinto a melhor sensação da minha vida. Ela é apertada, macia, única. Movimentamo-nos juntos, nos beijando e sussurrando loucuras ao mesmo momento. Em tempo recorde, gozamos e quando ela grita meu nome tenho vontade de congelar a cena. FOI ESPETACULAR. FOI ÚNICO.

Caramba, sou “macaco” velho, já fodi desde mocinhas a putas, mulheres lindas, modelos, já transei tanto que nem me dou conta. Agora, essa emoção que estou sentindo, esse coração batendo forte, é tudo novo e, puta merda, de dar medo! O corpo dela foi feito sob medida para mim, pois nosso encaixe é perfeito. Marina é apertada e gostosa pra caralho.

Deito ao lado dela e ficamos em silêncio, ofegantes, esperando nossa respiração se acalmar. Temo por não saber o que dizer. Sempre é simples. Digo: “Vamos tomar um banho que vou te levar”. No entanto, não é isso que quero dizer. Não quero que ela vá. Quero possuí-la mais uma vez, com calma, mas as palavras não saem e ela se levanta, entra no banheiro e tranca a porta. Como um leão enjaulado, ando de um lado para o outro

pensando em como detê-la aqui. Fico enfurecido comigo mesmo por não saber agir.

Marina sai do banheiro e vislumbro seu corpo nu. Perfeição resume. Não é magricela e tem curvas e proporções de uma mulher muito gostosa. Admiro-a, e ela enrubesce, alcança seu vestido e o veste. Quero falar alguma coisa, abraçá-la, só que fracasso. Quando chega à porta, o olhar dela para mim é de esperança, mas eu a decepção. A porta, então, se fecha e eu deito arrependido e perdido dentro de mim.



Marina ele tinHA

rAzão: eu iria conhecer um homem de verdade e iria implorar para que não saísse. Não, ele não tinha razão... Porque ele só foi homem no ato, e, embora quisesse, não im- plorei. Apenas recuperei minha dignidade e saí. Cretino. Ele não demonstrou nada, não pronunciou uma única palavra; o olhar dele denunciava insegurança, desejo, mas eu não iria tentar interpretar. Vesti-me e fui para casa. Parte de mim esta- va magoada e humilhada, mas a outra, maior e insana, estava extasiada. Uma noite e pronto. O dia seria melhor, veria com clareza. E também não foi nada demais, um sexo casual não vai me rotular. Foi consensual, somos adultos e ponto final.

Ah, a quem eu quero enganar? Como ignorar o melhor or- gasmo (ou talvez o verdadeiro) que já tive em minha vida? O peso do corpo dele no meu, seu cheiro, sua força, o olhar dese- joso, sua fúria em me

possuir, seus músculos definidos e fortes bem distribuídos... nada disso sai da minha mente.

Tenho esta noite para criar uma máscara de indiferença, um escudo para proteger meu coração de Otávio Videiro Filho, o homem que abalou minhas estruturas, um cretino frio e insensível pelo qual me apaixonei.

Evitei ir até a casa de Livia e recusei todos os convites de jantar ou almoço. Recebi minha amiga em casa com uma desculpa esfarrapada para não sair, mas hoje será inevitável: é quinta-feira e temos curso para padrinhos na igreja. Estou anestesiada

e a única coisa que me alegra são as meninas. Desde sábado não vi ou falei com Otávio, e ele não me procurou, nem ao menos telefonou. Estou resistindo bravamente para não ceder. Domingo será o batizado das meninas, depois irei embora e fim. Minha amiga Paty e quilos de chocolate irão me reerguer.

Chegamos à igreja e há vários casais de pais e padrinhos para fazer o curso. É tudo bem organizado e o padre pede que todos se acomodem. Vim com Livia e Antônio para ficar perto de Otávio de certa forma. Infantilmente sentei entre os dois, disfarçando a atitude. O curso vai começar e ele ainda não chegou. De repente, a porta se abre e sua voz autoritária pedindo licença e dando boa noite fez eco no salão e no meu coração.

— Desculpe o atraso. Boa noite, Marina.

Ele se senta ao lado de Tony e diz boa noite sem me olhar. Bem, melhor assim, talvez não resistiria a seus olhos azuis profundos.

Fico tensa o tempo todo. O curso está chegando ao fim e com ele minha disposição de disfarçar. Tony recebe uma mensagem avisando que Luiza não para de chorar, Livia se desespera e os dois saem correndo, impedindo-me de ir com eles para não perder o fim do curso e incumbindo Otávio de me levar embora, alheios ao constrangimento que nos deixou. Eu, então, não me concentro em mais nada.

O padre finaliza o curso e eu, sem olhar para o lado, saio apressada. Tento ser rápida para despistar Otávio, mas falho. Ele me alcança na calçada e, como um clichê, puxa meu braço, forçando-me a encará-lo.

— Aonde você pensa que vai, Marina? Eu vou levá-la para casa. — Sua autoridade é sexy e enervante ao mesmo tempo.

— Agradeço, mas prefiro ir de táxi, mesmo porque moramos em lados opostos. Não precisa se incomodar. Boa noite.

— Marina, você vai embora comigo e não há discussão. Não me faça carregá-la à força. Vamos.

Desejo empacar e testá-lo, mas sei que ele me carregaria fácil. Então, para evitar uma cena, fecho a cara e o acompanho até o carro.

Otávio abre a porta gentilmente e eu entro emburrada. Andamos alguns quarteirões e o silêncio está insuportável. Não tem música no carro e é possível ouvir nossa respiração. De repente, ele estaciona em uma rua escura.

— O que foi? Furou o pneu? Porque essa não é a minha casa. — Minha atitude é infantil, mas dane-se, ele que a receba como bem entender.

— Marina, eu quero conversar com você.

— Ah, sério? Então me ligue qualquer hora e pergunte se eu quero. Já te falei que as coisas não funcionam assim comigo. Agora, por favor, me leve embora ou desço e vou a pé.

— Não seja infantil. Não podemos apenas conversar civilizadamente?

— Você sabe o que é ser civilizado, Otávio? Sabe como tratar uma mulher depois de fazer sexo com ela? Conversar, ou se importar? Sabe mesmo? Ah, sim, é bem maduro da sua parte agir como um ogro. Não quero falar com você, me leve embora.

— Desculpe. Eu agi como um ogro mesmo, e isso está me consumindo todos esses dias. Não encontrei palavras naquele momento... Queria dizer o quanto gostei e o quanto você foi especial, mas simplesmente não consegui.

Ele me desarma com sua sinceridade, e ainda mais com seu pedido de desculpas, e eu, como uma boba que sou, já amoleço.

— Tudo bem, Otávio. Passou e não há como voltar atrás. Está desculpado. Agora quero ir, estou cansada.

Na verdade, quero pular no pescoço dele e inalar seu cheiro inebriante, mas recuo antes que seja tarde. Quando dou por mim, porém, tenho um Otávio cheio de fúria me beijando,

puxando meus cabelos e devorando meus lábios, suas mãos deslizando por todo o meu corpo e voltando ao meu cabelo. Tenho a sensação de que ele vai me consumir e não tenho forças para empurrá-lo.

— Senti saudades, quis ligar para você, mas cada minuto que passava ficava mais difícil. Quero ter você novamente, Marina. Vamos aproveitar enquanto está aqui.

Estava entorpecida por seu beijo, suas palavras doces, até que a realidade me chacoalhou: “Ele quer aproveitar, por enquanto”, penso. Como sou burra. Encontro forças sabe Deus de onde e o empurro. Saio do carro, bato a porta bruscamente e vou embora a pé. Ele, como o insensível que é, não me chama e permite que eu vá sozinha. Quase me arrependo diante destas ruas escuras e da distância. A culpa é minha mesmo, por criar expectativas infundadas.

Desabo na cama e choro por não ser moderna o suficiente para fazer sexo casual como tantas fazem por aí. Choro por não ter para ele a importância que ele tem para mim, e por que é tarde demais para anular esse sentimento. Com todas as minhas forças, imploro ao meu coração que o esqueça, e adormeço na esperança de que ele me obedeça.



otávio estou

tentAnDo entenDer o que falei de mais para que ela sa-ísse tempestuosamente do meu carro. Estávamos num melhor momento e havia conseguido dizer, com a maior dificuldade, o que estava sentindo. Nunca usei palavras como: “senti sauda- des” ou “desculpa”. O que será que ela estava esperando que eu dissesse? “Quer namorar comigo?” Realmente é melhor evitá-la mesmo, pois ela é muito infantil e complicada. Eu que-ria uma noite de sexo para esquecê-la, e eu tive, foi fantástico e pronto. Agora consigo retomar as rédeas da minha vida.

Apesar de tudo, não posso deixá-la ir sozinha a uma hora dessas nestas ruas escuras, mas também não vou pedir que volte. Discretamente e sem me deixar notar, sigo-a até sua casa e a espero entrar. Faço um esforço descomunal para não descer e agarrá-la, olhando suas curvas e seu traseiro delicioso na mi- nha frente

provocante. Marina é linda, uma menina muito sexy e durona, devo admitir.

Desabo em minha cama e sonho com ela.

Dois dias depois...

Ontem, trABAlHei Até tArDe na empresa e evitei estar em casa para não encontrar Marina ou ouvir todos falando sobre ela, porém foi inútil. Eu mesmo não consegui tirar aquela garota da

minha cabeça, nossa noite, seu gosto e seu cheiro. Não pude me concentrar em nada, e estou puto da vida. Mas que merda! Hoje é sábado e, mesmo não tendo nada para fazer, fugi de casa, isolei-me em meu escritório para tentar entender o que estou sentindo.

Para complicar, Tony e Livia marcaram um encontro à noite em um bar. Irão todos os nossos amigos e parentes, uma espécie de despedida, pois amanhã, após o batizado das minhas sobrinhas, a maioria vai embora, inclusive a Marina. Estou decidindo se isso me deixa aliviado ou frustrado.

Chego tarde da noite em casa. Livia e Tony já saíram, papai e tia Marta estão com as meninas e um batalhão de babás. Minha cunhada é pirada mesmo. Brinco com elas e vou para o quarto. Penso em ficar aqui, mas não posso deixar que uma mulher dite as regras do que eu devo ou não fazer. Decido ir àquele bar e ligo para uma de minhas ex-amantes, pois não irei sozinho. Marina precisa entender que não temos nada, que foi mais uma na minha cama. Eu preciso entender isso. Vou me divertir com todos, depois ter uma noite boa de sexo e com certeza volto à minha velha rotina.



Marina

Dia de hoje...

Consegui recuperar meu orgulho ferido e tentei entender que Otávio não fez nada demais, ele é apenas um homem casual, de todas as mulheres e de nenhuma em especial. Mas por que ele tinha que ser tão lindo e gostoso? Por que eu não podia ser mais liberal e menos sonhadora? E por que, quando penso nisso, sinto um ciúme tão irracional e tenho vontade de esganá-lo?

— Filhaaa, a Livia chegou — mamãe grita avisando.

Estou terminando de me arrumar e vamos todos a um barzinho legal.

— Já vou, mãe. Pede para esperar um pouquinho.

Hoje a Livia e o Tony ganharam um “vale night”. As meninas estão muito bem cuidadas, e vamos sair para nos despedir. Amanhã,

após o batizado, todos voltam às suas rotinas. Fábio e Carla estão aqui com o filhinho deles, um menino lindo, o qual deixaram na mansão com as gêmeas. Paulo, Lipe, Luís, John e Otávio também vão. Caprichei na produção e estou bem sexy. Hoje ou Otávio me nota ou perde de vez, porque não vou dispensar uns beijos no gostosinho do John. Depois, volto para Sampa e a ausência de homem bonito, gostoso e disponível.

— Oi, compadres. — Beijo o rosto deles quando entro no carro. — E aí? Estão preparados para a balada? Ainda sabem o que é isso?

— Ah, Marina, é capaz de pegarmos uma mamadeira em vez de uma cerveja, viu?

Caímos na risada e vamos até o barzinho falando das pequenas. Às vezes, quem está de fora pode achar cansativo, mas nós simplesmente amamos falar daquelas loirinhas.

Chegamos e a festa está bombando. É um bar, tipo pub, restaurante e boate em um mesmo ambiente, um lugar novo, moderno, amplo e muito bem montado, uma das melhores casas noturnas de Caxias. Estão todos aqui menos o Otávio. Cada vez que alguém entra olho para a porta, com o coração acelerado na esperança de que seja ele. Depois de um tempão, quando achei que ele nem viria mais, volto da pista toda suada de tanto dançar com John e Lipe, e então fico estática. O idiota está acompanhado de uma loira lindíssima, alta, cabelos longos na cintura. De FATO, é linda. Ele está com as mãos na cintura dela, com aquela cara feia de quem chupou limão, mas está lindo, muito mau pro meu gosto. Disfarço e finjo que não os vi e corro para o banheiro.

Encaro-me no espelho e toda a produção está traduzida em um rímel borrado, cabelo grudado e muito suor. Tento reparar o estrago, me recomponho e volto decidida: hoje o americano é meu. E você, Otávio, perdeu.



otávio mAlDiTA!

mAlDiTA! mAlDiTA hora que resolvi vir a este pub! Mal- dita essa Marina, que está em todo lugar! Em cada canto que olho, eu a vejo. A presença dela é marcante. Trouxe a Juliane comigo, uma loira gostosa com quem saio de vez em quando para um sexo casual. Quero mostrar para a Marina que sou indiferente a ela, que esse ciúme idiota que está tentando me provocar com Harter é infundado. Mas, porra, quem eu quero enganar? Estou foddidamente ardendo de ciúmes.

Sou um homem blindado quanto a romances idiotas e mulheres desesperadas para relacionamentos. Tenho 38 anos, sou um empresário bem-sucedido, mas agora, diante dessa petulante da Marina, não passo de um adolescente absolutamente vulnerável.

Estou com vontade de esganar a Juliane porque fica me alisando e querendo bancar a namoradinha. Não ouvi nenhuma palavra que disse até agora e não consigo tirar os meus olhos da pista. Porra, aquele

americanozinho de merda não tira as mãos da cintura da Marina e fica falando no ouvido dela. E a pilantrinha está gostando e se derretendo toda para ele. Preciso sair daqui o mais rápido possível, mais rápido do que eu possa ir até aquela pista, arrebentar a cara daquele mauricinho e arrastar a Marina pelos cabelos. Suspiro, olho para o lado, quando a voz melosa da Juliane me tira do transe psicótico em que estou.

— Tavinho, querido, você está tão calado. O que foi? — Ela acha que sua voz está sensual, mas não escuto nada mais que um chiado.

— Vamos embora, Juliane. Não quero ficar aqui. — Tomo meu uísque num gole só, bato o copo no balcão e saio puto da vida. Não me despeço de ninguém e Juliane vem correndo atrás de mim.

— Calma, Tavinho! Estou de salto e não consigo te acompanhar. Hum, garanhão... Está louco para irmos ao motel, não é? Por isso saí assim tão brusco.

Definitivamente, a pior ideia que tive foi ter trazido essa garota. Faz meia hora que estou rodando pelas ruas, tentando acalmar a minha raiva, depois de praticamente despejar Juliane na casa dela e fazê-la entender que não estava com cabeça para sexo. Mas simplesmente não consigo voltar para casa. A imagem daquela maldita não sai da minha cabeça, insinuando-se e rebolando naquela pista. Mas não darei esse poder a ela sobre mim. De jeito nenhum. Chega! Vou para casa e tirá-la da minha cabeça.

Assusto quando o carro atrás de mim buzina. Nem percebi que o sinal já havia aberto. Arranco dali e desconto no acelerador toda minha fúria. Quando vejo, estou em frente ao pub. Fico dentro do carro por um tempo, até que decido descer. Não sou homem de fugir... E ir para casa atestaria isso. Só voltei para olhar de novo aquela menina e ter certeza de que ela não é ninguém especial para mim.



Marina estou

DAnçAnDo “Believe” , uma música da Cher que adoro, tentando fazer meu coração obedecer ao meu cérebro e agar- rar esse gatinho do John, mas cada vez que me aproximo dele vem a imagem de Otávio em minha cabeça. Ele foi embora com aquela loira linda, sem nem ao menos olhar para trás, e eu, como uma idiota masoquista, estou aqui pensando nele, deixando passar uma chance dessas.

Despisto John por alguns minutos e corro até o bar. Se sóbria não estou conseguindo, então vou dar uma ajudinha a mim mesma. John é um querido e já deu várias indiretas, só que estou dando uma de que não compreendo o seu inglês (o que não deixa de ser um pouco verdade) para não magoá-lo. É sem- pre assim, aquele velho aforismo... João, que gostava de Maria, que gostava de Pedro, que gostava... Bem acaba em mim: eu gostando de Otávio.

Peço uma vodca para acelerar o processo. Estou voltando à pista

quando de repente sou puxada bruscamente, e fico apavorada ao ver de quem são essas mãos fortes e possessivas. Otávio está aqui, e furioso; esse cara tem problemas sérios.

— Ei, me solta! Você pirou? Para de me arrastar assim ou farei um escândalo aqui.

Ele não responde e não para de me puxar. E eu não faço nenhum escândalo. Quando dou por mim, estou dentro do carro dele, totalmente descabelada.

— Você pode me explicar o que está acontecendo, Otávio? Você tem que parar com essa mania de chegar e me puxar à força dos lugares. Eu não sou propriedade sua. Isso é crime, entendeu?

Ele está com olhos em chamas, passando as mãos pelos cabelos. E eu temo.

— VOCÊ ESTÁ ME ENLOUQUECENDO, MENINA! — ele fala alto, quase em desespero, e vem para cima de mim.

Tento recuar assombrada, mas ele segura meus braços e, em uma velocidade surpreendente, me beija. Seu beijo é explosivo e quente. Um beijo faminto e possessivo. Sinto que, se pudesse, Otávio me engoliria.

Desisto de me afastar, desisto do meu amor-próprio e Otávio me sobrepuja. Ele se afasta ofegante e acelera o carro. Meu coração está aos pulos, estou suando frio, entre excitada e chocada, mas não falo nada, não reajo e deixo-me ser levada.

Chegamos a um hotel. Ele desliga o carro, mas em seguida liga novamente, respira fundo e sai. Imagino que tenha se arrependido e vá me levar para casa. Sem pronunciarmos uma única palavra, continuamos andando a uma velocidade exagerada. Um rock pesado toca alto e o pânico começa me dominar. Otávio para em sua casa, estaciona na garagem, abre a porta do carro e me puxa para seus braços, como o velho brutamonte que é; por incrível que pareça, sinto-me protegida.



otávio minHA

sensAtez se foi desde que conheci Marina, e tenho tido atitudes contraditórias ao meu jeito sereno de ser. Impetuosa- mente, entrei naquele bar e a tirei de lá como um verdadeiro homem das cavernas, porque, se eu a ouvisse outra vez me dizendo que tenho que perguntar primeiro se ela quer falar comigo, não iria responder por mim. Estou possesso comigo por ter vindo com aquela idiota da Juliane, possesso com aquele imbecil do americano se jogando em cima dela... enfim, vim consertar minha burrice. Estou ardendo de ciúmes.

Marina questiona minha atitude, mas nem eu sei dizer por que fiz isso, só tenho vontade de beijá-la e sentir seu corpo novamente. Roubo-lhe um beijo violento e saio do estaciona- mento feito louco. Vou direto a um hotel, mas de repente me pareceu tão errado ficar com ela num lugar qualquer, e tão incerto como fui até lá, que segui para a

minha casa.

Evito pensar e impulsivamente a retiro do carro, subindo direto ao meu quarto. Tranco a porta e minha excitação chega ao ápice, olhando seus grandes olhos azuis assustados e desejosos. Tenho vontade de devorá-la. E o faço.

— Venha, menina. Venha ser minha novamente.

A carinha dela de inocente e sua submissão elevam meu ego e sinto-me o maior dos machos. Com inédita sutileza tiro suas roupas, e ela treme a cada toque dos meus dedos. Como ela é linda! Tem o corpo mais perfeito que já vi, do qual beijo cada

pedacinho. Deito-a nua na cama e, sem tirar meus olhos dos dela, fico nu também.

— Ah, Otávio... — Marina sussurra apenas essas duas palavras, o suficiente para me enlouquecer ainda mais.

Deito-me sobre ela e nossos beijos sincronizam com o movimento de nossos corpos. É uma sensação tão gostosa que explodimos em prazer.

Terminamos satisfeitos e ofegantes. Agora não vou cometer o mesmo erro de ficar calado, então me deito de lado, puxando-a para que fique de frente. Nossos olhos se fundem e o seu tão azul parece meu céu.

— Ah, Marina, o que você está fazendo comigo?

Passo as mãos nos cabelos dela, e seu sorriso me desarma. Ela me beija como uma garotinha travessa e eu sorrio também. Sinto uma ternura indescritível que me acalma e ao mesmo tempo me amedronta.

— Quer tomar um banho? — pergunto.

— Não sem antes tentar entender o que está acontecendo. Você me deixa confusa. Ora parece que não se importa comigo, ora parece ser meu dono. Estou perdida nessa sua confusão, Otávio.

— Eu me importo com você, eu a desejo, Marina, mas não queria sentir nada disso. Nunca deixei que sentimentos regessem minha vida, então estou tão confuso e perdido quanto você. Venha, agora quero lavar esse corpo divino — sou sincero com ela e comigo mesmo.

Eu realmente não queria sentir nada disso. Tá difícil pra burro assimilar esse turbilhão de sentimentos.



Marina

ApAixonADA? Sim, 100%. Vulnerável? Sim, 1.000%.
Para cada pergunta um sim em letras garrafais.
Suas palavras me sedu- ziram ainda mais, pois eu
sei que ele não é um homem de amabilidades.
No banho ele é tão gentil, lavando cada pedaço
do meu corpo e despejando beijos e carinho.

Novamente, estamos excitados e voltamos para a cama e nos amamos com calma e paixão. Estamos molhados e eu cavalgo sobre ele. É muito sexy vê-lo com seu olhar predador. Uma voz dentro de mim diz que ele fez sexo com tesão, mas permito pensar que sentiu o mesmo que eu. Sua perfeição no quesito sexo somada à sua beleza fora do normal o torna o homem mais TUDO que já conheci.

Não quero quebrar o clima, mas preciso conversar. Será inevitável ir embora e não quero deixar as coisas estranhas. E começo da pior forma possível.

— Por que voltou àquela festa? Sua namoradinha te dispen- sou, é isso? — Não deixo de ter mágoa na voz.

— Não tenho namorada, ela era apenas uma amiga. Voltei porque estava com ciúmes de você, porque precisava sentir seu cheiro, seu gosto, porque eu queria você. — Ele é direto, um atributo à sua maturidade, e isso me deixa sem graça.

— Ah. — É o diálogo coerente que consegui manter. — Bem, preciso ir embora, você pode me levar? — Pronto, fugir é a melhor saída.

— Porque a pressa? Fique esta noite comigo. Amanhã irá embora... Vamos aproveitar o momento.

Um alerta: “Só uma noite”. É isso.

— Não. Realmente preciso ir. Amanhã é o batizado e precisamos ter uma boa noite de sono — dou essa desculpa cretina.

— Vou levá-la então, mas espere eu me trocar e não saia correndo, ok?

Ele me dá uma piscadinha sexy e eu sinto alívio por ir embora, mas decepção por ele não insistir.

— Com coisa que você se importa... Quinta-feira me deixou ir a pé sozinha naquelas ruas perigosas e escuras. — Faço beicinho ofendida.

— Quem disse que você foi sozinha? Segui você até que estivesse segura em sua casa, só fui embora quando entrou e apagou a luz. Está pronta? Vamos?

Oi? Ei! Como? Ele me seguiu? Que lindo, que fofo.

Durmo com essas palavras ressoando na minha cabeça. No fim, ele é um ogro bem romântico e eu me apaixono um pouco mais. Não, um muito mais.



otávio mAis umA

vez tive mArinA em meus braços e novamente não foi suficiente para acalmar meus desejos, os quais, ao contrário, tornaram-se mais pungentes. E não sei o que fazer com eles. Tentei discernir durante a noite o que pode ser tudo isso, mas não fui capaz. Só sei que ainda a quero.

Hoje é o batizado das minhas princesas e também é o dia de Marina ir embora. Mesmo que eu optasse por me relacionar, não seria possível. Sou possessivo e ciumento, e não admitiria um namoro a distância. Vejam só! Eu falando em namoro? Te-nha paciência! Será crise pré-quarentão?

Talvez sejam todos esses acontecimentos, o casamento de Tony, o batizado, a presença constante da Marina. Esse turbilhão pode estar me deixando confuso. São raras as vezes que clamo por minha mãe, mas hoje é uma delas. Não sei o que fazer. Queria um colo, um conselho. Lembro-me das cartas que ela deixou e que estão com papai. Preciso pegá-las e quem sabe encontrar alguma resposta.

Na igreja encontro Marina radiante, linda de vestido azul, aliás, é sua cor preferida (e passou a ser a minha também, a cor dos seus lindos olhos). Ela está com a família dela. Pen- sei em tratá-la a distância, mas, como um ímã, sou levado até ela. Cumprimento a todos igual e formalmente, e Marina sorri, doce e maravilhosa. Não demonstro, mas meu desejo é abraçá-la e não a soltar mais. É uma sensação de posse inexplicável.

Uma voz enjoativa me chama. Marina fica lívida e não é para menos, pois Juliane está vindo em nossa direção. Lembrei que ontem, para fazê-la ficar em sua casa, falei do batizado e ela se convidou a vir, então não tive escapatória. Poxa vida, não poderia ser pior hora.

— Oi, Tavinho, achei que fosse me buscar em casa. Como não apareceu nem atendeu, vim de táxi. — Ela se aproxima para me beijar e eu recuo, lançando-lhe um olhar mortal. Tar- de demais.

— Se me dão licença, vou deixar o casal à vontade. — Mari- na me olha triste e se retira.

Eu não tenho chance de explicar. Mando Juliane se sentar e o batizado começa.

A cerimônia é linda e minhas afilhadas são perfeitas. Eu daria a vida por minhas sobrinhas, e meu irmão e Livia es- tão felicíssimos. Meu par é Marina. Quando vamos segurar Maria Clara, nos tocamos diversas vezes, e cada toque me faz estremecer. No entanto, ela tem um olhar triste e isso está me matando, pois sou culpado por isso. Durante a festa tentarei explicar da melhor maneira. Ser avesso a relacionamentos não me torna um cafajeste, afinal.

Doce ilusão... Fico a maior parte da festa tentando afastar Juliane de perto de mim. Juro que mataria essa mulherzinha com minhas mãos. Os poucos momentos em que consigo ficar sozinho, perco Marina de vista, que também não fez questão nenhuma de se afastar de John. Mato dois ainda hoje!

Minha cunhada faz um discurso maravilhoso e conta que decidiu morar definitivamente conosco aqui em Caxias. Que alívio, terei o prazer de ver minhas sobrinhas crescerem. A exultação do convívio. As emoções de toda família estão à flor da pele, uns pela alegria de que Livia ficará aqui; outros, pela tristeza da mesma notícia. A hora de Marina ir também está chegando, e não posso deixá-la viajar sem me explicar e

despedir. Vejo-a entrando em casa e encontro a oportunidade perfeita para conversarmos.

— Marina, espere. Preciso falar com você.

— Estou indo embora, Otávio, o que quer falar? — Ela não retruca ou me desafia, apenas olha abatida e isso me fere.

— Sobre a Juliane, eu nem fazia ideia de que ela viria. Não temos nada, e queria que você soubesse. — Jamais me justifi - quei com mulher nenhuma e isso é difícil pra caramba, mas não posso deixá-la magoada.

— Fique tranquilo, você não tem nada com ela e também não tem nada comigo, portanto não me deve explicações — ela tenta ser durona, mas sua voz vacila.

Vou agarrá-la outra vez, pois é meu jeito de dizer que me importo, quando duas vozes ao mesmo tempo nos chamam: a da Juliane e a do merda do americano.

— Tavinho, amor, ainda bem que te achei! Está tão ruim sem você lá fora. Vamos comigo?

Que nojo dessa voz! Tento tirar as mãos dela de mim enquanto Harter fala com Marina, com seu inglês de bicha.

— Vamos, Marina, vou levá-la. Já peguei as chaves do carro de Tony.

Desgraçado! Ele coloca a mão nas costas dela e a conduz para a saída. Marina abaixa a cabeça e vai embora com aquele filho da mãe. Juliane, agarrada ao meu braço, torna a cena mais patética ainda. Quero gritar, jogar essa menina longe, es - murrar a cara do “importado” e sequestrar Marina. Acabou. Empurro Juliane e subo para o meu quarto. Tenho ódio pela minha estagnação e por Marina ser tão facilmente consolada por outro. Melhor assim, ameniza minha culpa.



Marina Eu sABiA

que precisAria De muito cHocolAte e do ombro da mi- nha amiga Paty. Praticamente desde que vim de Caxias, há duas semanas, estou na casa dela, que tem tido muita paci- ência comigo, quando nem eu aguento mais minhas lamúrias. Fiquei arrasada no domingo quando Otávio apareceu com a loi- ra a tiracolo. Ele poderia ao menos ter esperado eu vir embora para aparecer com outra, afinal havíamos feito amor uma noite antes. Burra! Quem disse que ele fez amor? Veio depois com aquelas desculpas, e quase vi sinceridade em seus olhos, mas a tempo aquela mulherzinha me tirou do meu torpor. John, que ficou durante todo o almoço ouvindo minha história, me levou para casa e foi muito querido tentando me consolar.

No estado em que estou, parece que terminei um noiva- do de cinco anos e perdi o amor da minha vida. No entanto, foi apenas um homem de alguns encontros e de duas transas. Nem eu acredito que esteja

sofrendo tanto assim, estou pior que protagonista de novela mexicana. Mas o que fazer se me apaixonei de cara, se tive duas noites de sexo tão incríveis que valeram mais que todas que já havia tido na vida?

Estou me afundando em trabalho e em chocolate; com certeza, logo estarei nova em folha para outra. Não falei mais com ele, nem mesmo perguntei nada a Lívia em nossas conversas. Os primeiros dias foram os piores, pois me afundei em autopiedade, na expectativa de receber um e-mail ou uma ligação.

Cheguei a ponto de dormir com o celular e o notebook do meu lado na cama, para não correr o risco de perder alguma coisa, até que Paty os confiscou. O silêncio dele, porém, além de me machucar, foi mostrando que Otávio não se importa e nunca se importou comigo.

Semana que vem Paty vai viajar com meu irmão para Pa - ris e ficarei sem meus dois melhores amigos. Pensei em visitar meus pais, mas o fato de estar na mesma cidade de Otávio só iria piorar as coisas. Preciso encontrar uma maneira de reagir e ficar bem. Não aguento mais chorar, e nem pensar de ir cor - rer no Ibirapuera, afinal é o mesmo que ver a fotografia dele. O sofrimento está tão grande que até cogito me matricular em uma academia.



otávio A lixeirA Do

meu computADor está cheia de e-mails não enviados. Formulei diversos deles e os excluía a cada vez que ia apertar enviar para Marina. Assim como pretendo excluÍ-la dos meus pensamentos. Mas está difícil.

Já fiz de tudo, tenho saído com algumas mulheres, experi - mentado sexo nas suas mais diversas formas, mas é tudo muito frustrante. Quando acaba, é sem graça. Fica um vazío no peito e eu só me recordo do seu sorriso, seu jeito de menina, seu corpo perfeito. Afundei-me no trabalho, mas, assim que fico sozinho na empresa, o silêncio leva meus pensamentos até ela. Marina é imatura, não é nenhuma modelo ou executiva bem-sucedida, nem mesmo foi um relacionamento ou uma pessoa do meu convívio. Não há uma razão plausível para eu estar tão encanado assim. Pode ser por ela ter sido a primeira mulher a me negar algo, ou a me desprezar, mas eu consegui possuí-la, então também não justifica. Deve ser obsessão, ou coisa mal resolvida, o que, com todo controle que tenho sobre mim, vou resolver. Vai passar. Porra, tem que

passar.

Ela também é orgulhosa, não ligou e pouco se importou. Foi embora amparada por seu amiguinho, e talvez eu tenha imaginado ter visto sentimento em seus olhos; talvez ela não tenha ficado triste, apenas acanhada por ter sido pega com outro. Que seja, ela é como as outras mulheres.



Marina SoBrevivi

uma semAnA sem meu irmão e minha melhor amiga.
Afundei-me em trabalho e, por mais absurdo que possa parecer, me matriculei em uma academia e não faltei nenhum dia. Já faz um mês desde que vi Otávio pela última vez, a fase aguda de choro e tristeza passou, mas não consigo esquecê-lo um só minuto. Ele é meu primeiro e último pensamento do dia.

Hoje vou ao médico fazer uma consulta de rotina, pois não tenho me sentindo bem. Eu falo que exercício não é bom, mas Paty insistiu que eu devia procurar um médico, para uma avaliação física do que posso ou não fazer. Além de ver pressão, batimentos, enfim. Já faz tempo que não consulto, então procurei um clínico geral, assim faço uma bateria de exames.

Após meia hora na sala de espera, sou chamada à sala do médico, um doutor muito fofo, querido, com o qual simpatizo à primeira vista. Ele deve ter uns 60 anos, mas é um coroa muito charmoso, lembra

demais o meu pai e tenho vontade de abraçá-lo. Contenho-me e conto a ele sobre a academia, as tonturas, a falta de apetite. Enquanto espero que me peça mil exames, ele apenas pergunta quando foi minha última mens- truação. Opa! Ele é ginecologista? Qual é a desse velho?

— Olha, doutor, isso não tem nada a ver. Só quero saber se posso fazer ou não academia. E então?

— É exatamente isso que preciso saber para lhe responder, minha querida, pois, pela minha humilde experiência, todos os

sintomas que você descreveu são de uma mulher grávida. Há essa possibilidade?

Abro os olhos em uma sala muito clara, com fortes luzes brancas no teto. Estou deitada em uma maca. Mas que diabos? Aos poucos, vou me dando conta do consultório, do médico e, meu Deuuuuus do céu, da sua pergunta. Esse doutor deve estar senil. Começo a me levantar para sair da maca e sumir, quando a realidade me assombra. Atrasada. Muito. Transei sem camisinha, não tomo anticoncepcional. Parabéns, Marina, parabéns vai receber o prêmio da maior otária de toda a história da Modernidade.

— Olá. Que bom que acordou! Você teve um mal súbito e desmaiou. Por precaução, vou deixá-la mais uma hora aqui em observação. Enquanto estava desacordada, colhi seu sangue e o resultado sai daqui a pouco. Também pedi que a enfermeira venha lhe aplicar um soro, pois está fraca. Há alguém que possa ficar com você? Algo que eu possa fazer para ajudá-la?

— N-n-não, doutor... É... ãh... existe a possibilidade. Eu não pensei, mas sim.

— Fique calma, logo vamos saber. Se quiser, ligue para seu parceiro e vocês poderão abrir juntos o resultado. Assim que o exame sair, volto aqui. — Ele afaga minha cabeça e sai.

Estou aturdida. Começo a chorar compulsivamente depois que a enfermeira aplica o soro. Primeiro porque odeio agulhas, segundo porque nunca fiquei num hospital sem minha mãe e terceiro porque posso estar grávida. Ah, mas em um milhão de burrices, a minha tinha que superar. Paty chega logo depois que eu ligo.

— Ei, mocinha, o que foi, hein? Já falei que você trabalha demais, uma hora iria pifar.

— Paty, como sou burra. Mil vezes uma otária.

— Ei, o que foi? Está doente?

— Posso estar grávida — solto a bomba sem rodeios.

— O quê? Está louca? De quem? Ah, não, Marina! — Patrícia me olha com pena, da mesma forma que todos irão olhar agora para uma menina novinha e mãe solteira.

— Não sei, Paty. No primeiro dia nos precavemos; no segundo, foi um momento de bobeira, transamos afoitos e nos esquecemos do preservativo. Uma coisa imperdoável, claro, de gente burra e ignorante, fazer sexo sem camisinha e ainda mais ocasional. Bom, como não tenho parceiro, não tomo remédios há anos, mas foi UMA vez, Patrícia. UMA! Não pode ser. Não pode.

— Poder pode, mas não vamos sofrer antes da hora — ela tenta me consolar, mas fica dando exemplos, péssimos, por sinal, de pessoas irresponsáveis que não usam camisinha, e eu fico pior ainda, até que o médico entra.

— Olá, Marina, vamos ver o que o exame diz para nós? Posso abrir?

Aceno que sim com a cabeça, meu coração para de bater por alguns segundos e...

— Positivo. Parabéns, mamãe. — Ele sorri e vem me abraçar. Eu emudeço, pois não tenho reação.

Ele passa o endereço de um obstetra, me receita algumas vitaminas, mas estou alheia a tudo. Paty pega as receitas, anota as recomendações e eu só consigo falar quando já estou deitada em sua cama.

— Aqui, Marina, tome este chá. Você precisa falar, gritar, chorar, ter qualquer reação, amiga, senão irá explodir.

— Quando imaginei ter um filho, tinha intenção de planejar, comemorar com meu marido quando o resultado fosse positivo. Mas e isso agora, Patrícia? O que vou fazer? Como posso chegar para o Otávio e falar: “Olha, você vai ser pai, viu?”? Ou para meus pais: “Estou grávida de um cara com quem transei duas vezes, papai!”? Duas vezes, Patrícia! Caracteriza irresponsabilidade, até golpe em um homem milionário. Eu sabia que não dava para essas coisas de sexo casual. Eu sabia. Agora tenho

vinte e quatro anos, estou grávida e não tenho coragem de contar isso a ninguém. O que vou fazer?

— Amiga, vamos pensar pelo lado positivo da coisa? Você vai ter um filho de um dos caras mais lindos do universo, ou seja, somado à sua beleza, seu filho será o deus nórdico da perfeição. Você é jovem e tem um ótimo emprego, então terá pique e condições de cuidar do bebê, que já é sortudo por ter uma madrinha apaixonada por ele. Eu sei que tirar essa criança nem é uma cogitação, então a ame, minha querida.

— Nunca, jamais faria isso, mas ainda estou na fase de negação. Desculpa, pequeno — digo, passando a mão na minha barriga e, chorando, deito no colo de Patrícia. — Madrinha, é?

— Não aceito outro título. Vem cá, amiga, chora tudo que precisa hoje, porque amanhã terá que encontrar forças para encarar essa situação. Eu estou ao seu lado para o que precisar. Amigos são sempre a cura para a dor de amor, remédio para toda tristeza e força para qualquer fraqueza. Ainda que você tenha apenas um amigo, se esse for verdadeiro, você terá um tesouro para a eternidade. Amo ter e ser amiga, e seria incompleta sem essa dádiva.



otávio juro que

tentei. fiquei quatro meses em silêncio. Evitei qualquer coisa relacionada à Marina, até meu irmão, por ser seu melhor amigo. Não liguei, fiz um esforço descomunal para tirá-la da minha cabeça, mas fracassei. Foram malditos quatro meses de solidão. Não queria sentir nada disso, mas vi que não temos muito querer quando se trata de sentimentos. Eu emagreci, não tenho dormido direito, estou sem sexo, sem ânimo e até no meu trabalho estou sem êxito.

Apaixonar-me foi mais forte que a minha decisão de não querer ninguém. Assumo que só consegui ser desprendido por não ter encontrado a pessoa certa, porque hoje me importo com outra pessoa, sinto saudades, preocupação, desejo, ciúmes, e esse sentir está me enlouquecendo. Não sei o que fazer com esse turbilhão de sensações. Vou procurar Marina, dizer tudo isso e experimentar viver um relacionamento. Seja como for, não será pior do que a angústia e a

solidão nas quais me encontro.

— Por favor, ligue na sala do meu irmão e veja se ele pode me receber agora — peço à minha secretária, que responde que ele já me aguarda.

Essa virtude é tão admirável em Tony. Ele está sempre disponível quando o assunto é família.

— Oi, Tony. Obrigado por me receber.

— Oi, Otávio. Você anda ausente, cara. O que está havendo? Nunca mais foi à vinícola nos visitar, e parece que você some

sempre que vou à casa de papai. As meninas estão tão lindas, e você nunca deixou de vê-las. Está com problemas?

— Tony, eu vou dizer uma das coisas mais difíceis pra mim. Sim, estou com problemas, e são problemas sentimentais, ou seja, coisa complexa de resolver. Nunca contei a vocês, mas eu e Marina tivemos um episódio. Saímos algumas vezes e pensei ser apenas mais um caso, acontece que não consigo tirá-la da minha cabeça e, para minha desgraça, nem do meu coração. Eu não sei nada dessas coisas de romantismo, sou muito prático e racional. Decidi procurar Marina e queria pedir sua ajuda, já que são amigos e que você tem experiência no assunto.

— Nossa, quanta informação. Fico feliz que tenha me procurado. Eu e Livia sempre suspeitamos de algo, mas, como vocês nunca falaram nada, nós respeitamos e deixamos pra lá. Tavinho, por que esperou quatro meses para tomar essa decisão? Porque achou que ela estaria esperando por você?

— Porque eu tentei esquecê-la. Primeiro achei que fosse obsessão, falta de sexo, mas cada dia que passava eu percebia que gostava dela. Sei que Marina não deve estar esperando por mim, é jovem, linda. Por isso preciso da sua ajuda, quero reconquistá-la.

— Realmente ela não está esperando por você, Otávio. Não sei por que você não ficou sabendo, mas Marina se mudou para Nova Iorque. Há um mês ela foi embora e, na verdade, não entendemos o motivo. Ela disse a Livia que não podia contar, mas que confiássemos nela, que seria por um período de no máximo um ano. Pediu afastamento da LUNEX e parece que nesse tempo iria trabalhar para o pai da Livia. Acho que foi John que acertou tudo, e ela iria morar com eles até que se ajeitasse por lá. Bom, é só isso que eu sei, mas, se soubesse antes o que você estava sentindo, teria te contado. Sinto muito.

— Porra! — Dou um murro violento na mesa de Antônio e derrubo alguns porta-retratos, fazendo um barulho estrondoso.

— Tony, esquece tudo que te falei e, por favor, não diga isso a ninguém. Ironicamente, esse americano fode mais uma vez com a nossa família — termino e saio enfurecido.

Eu sabia que esse negócio de se apaixonar não daria certo, é sofrimento garantido. E, quando resolvo arriscar e baixar guarda, vem a vida me certificar de que eu tinha razão esse tempo todo. Besteira para tolos. A filha da mãe não ia perder a oportunidade de se agarrar ao americano, filho de cantorzinho famoso. Desde que foi embora, devem estar juntos... E eu, nutrindo esperanças. Mas hoje, por bem ou por mal, tiro essa menina da minha vida.

Vou para casa, abro uma garrafa de uísque e subo para o meu quarto.

Antes de morrer, mamãe deixou algumas cartas para mim e meu irmão, as quais há pouco tempo foram encontradas. Peguei-as com papai e guardei-as no meu quarto. Ainda não li nenhuma por não sentir necessidade, mas hoje estou mais perdido do que quando aos meus dez anos fiquei órfão de mãe. Procuro, então, em suas antigas palavras algum consolo, conselho ou remédio para a dor que estou sentindo.

“Para Otávio, quando se apaixonar.

Querido filho, sinto tanto por não conhecer a mulher que conquistou seu coração. Ela deve ser muito especial, pois seu coração sempre foi reservado a poucos. Apaixonar-se significa abdicar-se um pouco do eu, significa entrega, doação, e nem sempre estamos preparados para tanto. Mas seu coração irá conduzi-lo.

Se essa paixão for recíproca, regozije-se, pois são poucas as pessoas que têm a chance de amar e ser amada.

E isso é sublime. Se não for, o que posso dizer é que essa moça não sabe o homem maravilhoso que está perdendo. Quando dói achamos que não há cura, mas confie em mim: vai passar, meu querido.

Ou ela vai perceber o quão errada está, ou no futuro você irá descobrir um novo amor. Sinta meu abraço, meu carinho e minha felicidade por saber que, independentemente do resultado, você foi capaz de amar!!

Com amor,
Mamãe”

Meu grito parece um uivo machucado, e eu pareço um animal ferido. Atiro o copo de uísque na parede, deito em minha cama e choro por todos esses anos que não chorei sendo forte por papai e por Antônio. Permito-me a fraqueza, permito-me sentir a dor da perda de mamãe, a dor da saudade da minha menina Marina.



Marina — Você

vAi, joHn , e eu não me perdoaria se você ficasse. Por favor, é aniversário das suas sobrinhas, você tem que ir. A Livia já não vai me perdoar... Se você também não for, a culpa irá me assombrar o resto da vida.

Será aniversário das filhas de Tony e Livia, minhas afilhadas amadas. Eu não tenho como ir e John se recusa a ir também para ficar comigo.

— Marina, você pode ganhar o bebê a qualquer momento. Não posso deixá-la sozinha agora. Você só tem a mim e ao papai aqui... Como vai fazer? Eu que não me perdoaria de deixá-la. E se essa criança nasce?

John e Michael, o pai dele, foram meu amparo desde que eu soube da gravidez. Sem coragem de contar a alguém, me afastei da empresa por motivo de saúde, pedi que Livia confiasse em mim e inventei à minha família um curso de um ano ininterrupto nos Estados Unidos, até que o bebê nascesse e fosse mais fácil de dizer com ele em meus

braços. John não só me recebeu em sua casa como arrumou um trabalho como assessora de marketing de Michael. Eles me acolheram como se eu fosse da família e não me deixaram sair da casa deles. Ficarei aqui até ganhar meu filho e então voltarei ao Brasil e com a verdade que espera para ser dita. Apenas eles e Patrícia sabem sobre a gravidez.

— John, a Patrícia chega depois de amanhã. E há todos os funcionários da casa, já acertei com o hospital e o médico, a malinha dele está pronta. Não é possível que no único dia em que estarei sozinha ele resolva nascer. Vá, por favor, seu pai está no aeroporto te aguardando. Anda!

— Tudo bem, Marina, eu vou, mas me ligue se acontecer alguma coisa que volto na hora. Se cuida, não faça esforço, e vou pedir que o motorista faça plantão aqui vinte e quatro horas por dia, ok?

— Obrigada, meu irmão do coração. Boa viagem! Dê um grande beijo nas minhas princesas, os presentes delas eu entreguei ao Michael. Espero que a Livia acredite na história de alergia contagiosa que inventei e possa me perdoar. Tire muitas, muitas fotos, inclusive de Otávio, para que eu pisoteei mais um pouco meu coração.

— Você sabe que não precisava sofrer, não é? Sabe também que eu não me considero seu irmão. Vou ter que me segurar para não socar a cara feia daquele Otávio.

— John, ele não tem culpa, pois não sabe de nada, e nós nunca tivemos um relacionamento. Então, absolva-o de sua ira, ok? Agora vá antes que seu pai tenha um treco.

Depois que ele sai, respiro aliviada. De certa forma, ele me representará na comemoração. Desde o início abri o jogo com John, de que estava grávida de Otávio e que gostava dele. Após um mês em que estava aqui, ele se declarou e até quis assumir a paternidade do meu filho, mas fui franca: meu coração não poderia ser de mais ninguém. Ele respeitou, porém nunca perdeu a esperança.

Não teve um dia sequer que eu não tenha tido o desejo de ligar para o Otávio e contar, não teve um só instante em que não tenha sentido saudades. Sei que não posso privá-lo da verdade. Se vai ou não assumir a criança eu não sei, mas ele deve saber.

Assim como meus pais e toda a família de Otávio. E meu prazo está se esgotando.

Eu tinha decidido por não ver o sexo da criança, mas John me acompanhou em um ultrassom e pediu para saber. Saí da sala e ele recebeu a notícia, porém sua discrição em comprar um enxoval inteiro azul foi óbvia o bastante para saber que estou esperando o João (aquele que é amado por Deus).



otávio Hoje, minHAs

soBrinHAs completam um ano de vida, e a festa que meu irmão está organizando parece um casamento. A comemoração será na vinícola e terá muitos convidados. Amo minhas princesas mais que tudo neste mundo, porém não tenho o mínimo de vontade de ir. Primeiro que odeio essas convenções sociais e, depois, porque sei que o pai de Livia e o irmão com a namoradinha Marina também estarão presentes. Claro que já superei e estou namorando uma advogada da minha empresa... Quer dizer, tenho saído mais vezes que o costume e ela rotulou nossa relação como namoro. Deixei por isso mesmo, pois não fará diferença em qualquer decisão que eu venha a tomar. De todo modo, não queria ver Marina com John. Isso me causaria um mal-estar, mas não há o que fazer. Mandeí entregar um carrossel na vinícola para as meninas.

Queria ter dado um pônei a cada uma, mas Livia me proibiu, então foi

o mais perto que consegui chegar. Passo na casa de Emanuelle – a Manu, minha nova companhia – e sigo para a festa, demonstrando uma confiança bem maior do que de fato estou sentindo.

Involuntariamente, procuro Marina durante a festa toda. Seus pais e seu irmão estão aqui, mas nem sinal dela. O estranho é que John e Michael chegaram desde o início. Será que ela não veio? O que aconteceu? Bem, não é da minha conta.

Durante as fotos, depois dos parabéns, tenho a certeza de que ela não está aqui, então cumprimento o americano com uma simpatia mais que forçada, e é recíproca a hostilidade; não haveria possibilidade de não sermos cordiais. Pergunto com sarcasmo se a namoradinha não veio e quase caio para trás quando ele diz que sim, que foi até a sala descansar, pois estava passando mal por causa da viagem.

Com o coração aos pulos, e sem refletir, disparo até a sala. Que se dane a coerência, eu só quero vê-la. Procuro na sala, na casa toda e nada. Estou voltando ao jardim, quando uma moça deitada no sofá me chama a atenção. Nunca a tinha visto. Ela se aproxima e pergunta se eu falo inglês, ao que assinto.

— Eu já tentei falar com diversas pessoas, mas ninguém fala inglês. Estou procurando por John, meu namorado. Estou meio perdida... E voos me causam náuseas.

Sinto uma repentina afeição pela moça ruiva de *piercing* no nariz e toda tatuada. Se ela é namorada dele, significa que ele e Marina terminaram, mas também não me influencia. Levo a moça até John por curiosidade, e não gentileza.

— John, você perdeu esta jovem senhorita. Cuidado ao deixar belas damas sozinhas por aí.

— Não acho que esse seja um conselho de sua alçada, mas obrigado por alertar.

Cara arrogante! Tenho vontade de matá-lo. Deveria encerrar essa conversa estúpida, mas ainda insisto: — Você e Marina romperam o namoro? Ela não veio e você está com a ruiva. — Assim que as palavras saem da minha boca me arrependo. Que cara mais infantil eu me tornei.

— A ruiva tem nome e é Jess. Não que lhe interesse, mas eu e Marina nunca namoramos, somos apenas parceiros de trabalho. Seu irmão sabe o motivo de ela não estar aqui. Até logo. Sabe aquela vontade de dar socos no ar? Eu não sabia que isso era real, mas era o que eu queria estar fazendo neste exato

momento. Por que essa informação me deixou tão feliz? Deve ser o ego masculino, ou a sensação de que não fui trocado logo de cara. Não sei e, como já disse, não importa. Ela está em outro país e eu, vivendo outra realidade.

— Tony, eu vim me despedir. Parabéns pela festa, foi uma recepção extraordinária, minhas sobrinhas estavam radiantes. Boa noite — digo.

— Ah, você sabe o motivo de Marina não ter vindo?

Fica uma esperança de que ela se importe comigo e não tenha vindo por minha causa.

— Parece que está com uma alergia contagiosa, e, além de isso ser perigoso, não permitiriam que embarcasse. Michael nos disse que no mês que vem ela retorna ao Brasil. Estou com saudades da minha comadre.

Meu irmão parece mulherzinha falando. Despeço-me de todos, inclusive de Manu, alegando uma forte dor de cabeça, deixo-a na casa dela e vou para a minha. A felicidade que estou sentindo é surreal, meu coração está batendo forte no peito e o sorriso no meu rosto não se desfaz.

Chega de fugir do destino, já ficamos tempo demais longe um do outro, e saber que ela nunca esteve com John me dá esperança de que, quem sabe, ainda pense em mim. Tomo minha decisão, vou buscar minha felicidade de grandes olhos azuis, de uma linda boquinha afiada. Não vou esperar mais um mês, buscarei Marina, que será definitivamente minha.



Marina Hoje meu

DiA foi De puro saudosismo e masoquismo. John man- dou as fotos do aniversário e vi que a festa estava linda demais e as meninas pareciam verdadeiras princesas. Todas as pessoas que eu amo em um único lugar e eu a milhares de quilômetros de distância com o coração tão presente. Ver cada um me re- meteu a uma lembrança gostosa e uma saudade imensa, mas a foto de Otávio fez meu estômago contrair de um desejo pun- gente, uma dor lasciva, e eu chorei muito por não poder dividir com ele nossa bênção que está dentro de mim.

— Ei, ei, mocinha, vamos parar de chorar?? Daqui a pouco você vai desidratar e eu não viajei tudo isso para ver uma Mari- na cheia de sofrimento. Vamos lá, preparei uma sopa deliciosa para nós.

Patrícia chegou ontem à noite e já me fez um bem danado tê-la aqui pertinho de mim.

Depois que jantamos, deitamos na varanda para conversar. Paty me atualiza de tudo e fico melancólica. Não vai ser fácil voltar com uma criança nos braços e despejar tudo de uma vez em cima de todos. Hoje, arrependo-me por ter sido impulsiva e fugido, mas não há mais volta para o que passou, então tenho que arrumar forças para escancarar a verdade.

— O que meu irmão tem achado dessa minha vinda repentina, Paty? E o que ele achou de você vir me ver?

— Ele não engoliu essa história de curso não, mas também não fica perguntando. Disse apenas uma vez que, seja o que for, confia em você e que está triste por não ter confiado nele, mas fica mais tranquilo por você ter confiado em mim. Agora minha vinda gerou ciúmes, desconfiança. Eu amo seu irmão, nós nos damos bem, mas se ele continuar com essa insegurança, comparando-me com aquela piranha da ex dele, indiretamente ou não, termino com ele. Juro.

— Ah, tadinho do Paulo... De todos, foi o que mais senti em ter que mentir. Nós nunca escondemos nada um do outro, e sei que vai enlouquecer quando for titio. Tenha paciência com ele, amiga, foi tudo recente e ele ainda tem medo. Não tenho dúvidas de que é louco por você, mas pode deixar que, quando tiver oportunidade, vou dar uma bronca no meu irmãozinho.

“Paty, obrigada por estar ao meu lado, por não ter me recriminado, por ter apoiado minhas decisões mesmo não concordando com elas. Não que precisasse, mas você provou ser a mais perfeita melhor amiga que existe no mundo. Vem cá me dar um abraço.”

Paty se levanta e nos abraçamos forte. Eu acabo chorando novamente, levo outra bronca e resolvemos atacar um pote de sorvete. Quando ela volta com a bandeja, o sorvete e as taças, paralisa vendo-me sentada e olhando assustada para a barriga.

— Ai, meu Deus, Paty. Aiiiiiiiiiii! Acho que a hora chegou.

— Minha bolsa rompeu e uma contração fortíssima me pegou desprevenida. — Estou com medo — digo.

— Calma, Marina, tenha calma. Vou chamar o motorista e pegar suas coisas. Fique quietinha aí.

Patrícia é a paz de que eu precisava e não se desespera em nenhum momento, organizando todas as coisas em frações de segundos. Durante todo o caminho até o hospital, ela vai beijando minha cabeça e me abrandando. O que ela está fazendo por mim é mais do que aquilo que uma irmã faria, e eu serei

eternamente grata, mas, egoísta ou não, queria tanto ter minha mãe aqui, meu pai segurando minha mão, dizendo que tudo dará certo, e Otávio, com aquela cara brava, esperando para ver o rostinho do João.

Arrependo-me por não ter contado nada e me sinto uma egoísta. Eu não tinha o direito de lhes tirar esse momento. Agora, o pavor me acomete. E se algo acontecer comigo? Ou com meu bebê? Ah, meu Deus querido, me ajude, por favor.

As contrações aumentam, diminuindo os espaços entre cada uma delas. O médico chega e manda me anestesiar. Eu já havia optado por fazer cesariana, e, tão rápido quanto pude imaginar, ouvi o choro do meu filho dentro daquela sala enorme.

A emoção é arrebatadora. Olho ao redor e vejo a Paty deixando a filmadora cair. Os médicos agem e falam depressa. Eu quero pegar meu filho, senti-lo, mas foi me dando uma tontura e de repente... a escuridão.



otávio DesDe A noite

Do Aniversário DAS meninas , venho me organizando para viajar até os Estados Unidos. Decidi deixar o orgulho de lado, mudar a minha decisão sobre não me envolver e dar uma chance a esse turbilhão de sentimentos que me acometeram. Se eu penso na Marina, me importo com ela e sinto sua falta, devo sentir algo a mais por essa garota. E quero descobrir o que é ao lado dela, se ela der uma chance.

Minha secretária entra na sala assustada, avisando que Tony ligou e mandou que eu fosse urgente para casa. Com o coração na boca, dirijo o mais rápido que posso e tudo de ruim passa pela minha cabeça: “As meninas, meu pai...”. Tento ligar, mas ninguém atende. Estou à beira do desespero, pensando em papai e no quanto nossa relação melhorou; não seria justo perdê-lo. Desço como um foguete do carro e vejo todos na varanda da frente. Há um clima tenso claro, mas sinto alívio em ver todas as pessoas que eu amo num mesmo lugar. Essa varanda

representa, neste instante, a minha felicidade. Aproximo-me cauteloso, pois sei que coisa boa não é. A feição de todos é no mínimo estranha.

— O que houve? Vim o mais rápido que pude. Pegou fogo em algum lugar? — indago, beijando meu pai e minhas sobrinhas e sentando-me, a pedido de Tony.

— Otávio, o que tenho para dizer é difícil, muito complicado, mas você precisa ser forte. A Marina passou por uma cirurgia,

teve uma grande complicação e está em coma. Talvez não haja mais salvação, ela corre risco de vida, mas está em uma das melhores clínicas do mundo.

Meu mundo para de girar, me falta o ar e sinto vontade de me encolher e gritar. Se havia dúvidas de que gostava dela, elas acabaram de ser sanadas, pois foi uma das piores coisas que ouvi. Talvez eu não tenha a chance de dizer mais nada. Que merda de sina! Que destino!

— O que aconteceu? Foi por causa daquela alergia? Onde ela está? Quem está com ela? Não pode ser.

Frustrado, passo as mãos nos cabelos, andando de um lado para o outro. Sento de novo quando Tony diz que não acabou. Ah, o que pode ser pior?

— Otávio, você terá que ser forte. — Tony coloca as mãos em meu joelho e fala pausadamente como se eu fosse criança: — A cirurgia à qual Marina foi submetida era uma cesariana. Essa gravidez foi o motivo de ela ter ido embora do Brasil sem falar nada a ninguém, nem mesmo a família dela sabia. O bebê passa bem, mas precisa do pai dele, que é você, meu irmão.

As palavras do meu irmão vão diminuindo à medida que vou perdendo os sentidos. Eu tenho um mal súbito e nem consigo absorver a informação. Passam-se alguns minutos até que eu volto a raciocinar direito, e a negação me assola. Não é possível que ela esteja entre a vida e a morte. Essa maldita história não pode se repetir, Deus não poderia ser tão cruel assim. Não, não pode ser meu esse filho, deve ser daquele americano imbecil. Mil vezes não! Isso é um pesadelo.

— Eu não tenho nada com essa mulher, e o que acontece com ela não é problema meu. Esse filho é o quê? Uma fuga do seu irmão, Lívia? Por que o palhaço aqui não vai assumir filho de ninguém. E, francamente, não entendo por que me tiraram do trabalho para isso.

Estou levantando para ir embora, quando sinto um forte tapa na minha cara. Não acredito que a Livia me bateu. Impetuosamente, inflo o peito para cima dela, mas Tony ferozmente me empurra e caio sentado na cadeira. Apoio os cotovelos no meu joelho e com as mãos na cabeça me sinto o maior cretino. Mesmo que Tony não falasse, eu já me sentia um merda.

— Está louco, Otávio? Sua arrogância e presunção chegaram ao limite. Ao contrário de você, o irmão de Livia está disposto a assumir o S-E-U filho. E foi por medo dessa sua reação de merda que Marina fugiu, ou por vergonha, ou sei lá o que, mas os motivos agora não importam. O que importa é que ela está a milhares de quilômetros, entre a vida e a morte. Tem um bebê que é de nosso sangue, coisa de que não tenho nenhuma dúvida, pois Marina é uma mulher íntegra e só não está sozinha porque o americano que você desdenha está cuidando dela. Agora saia do seu egoísmo, seu grande cretino, e busque seu filho.

— Me desculpem. Tudo isso é muito louco, são informações fortes demais de uma vez. Descubro que tenho um filho, o qual nem imaginava ter, e que ele está a ponto de perder a mãe. Eu não sei o que fazer, Tony, não sei.

Na frente de todos eu choro. Papai vem me abraçar e deito a cabeça em seu colo, não tenho mais nenhum resquício de força ou orgulho.

Tony, bondoso e atencioso como sempre, organiza nossa ida aos Estados Unidos. John mora em Nova Iorque, e por mais que eu o odeie devo ser grato a ele. Durante a viagem, Tony conta os detalhes que ele também só descobriu agora. Patrícia, a amiga de Marina, contou para Paulo, que deu a notícia a seus pais e a ele. Neste momento, já estão todos com Marina. Tento pensar que a criança possa não ser minha, mas lembro-me da última noite em que não nos cuidamos, da nossa irresponsabilidade, do seu sumiço e, por fim, do bater do meu coração e sei que sim: ele é meu.

Nova iorque...

Ver Marina em coma mexeu comigo de uma forma anor- mal, fiquei louco, com vontade de quebrar o hospital, socar a cara de todos os médicos. Como não havia nada para ser feito? Como não? Eu sou um homem rico, pago o que for preciso para tê-la de volta, para ver seus grandes olhos azuis e seu sorriso de menina.

Não posso ignorar o fato de que escondeu a gravidez e fugiu de mim, mas o seu estado crítico a absolve de tudo. Tenho de- sejo de carregá-la no colo e velar seu sono, até que o calor dos nossos corpos a faça abrir os olhos.

Saio do quarto onde nos deixaram a sós e o nervosismo me assola. Estou a alguns passos de conhecer a pessoa que será a mais importante da minha vida, de ter nos braços uma extensão de mim. O percurso de minutos no corredor até a ala da ma- ternidade se transforma no que parecem décadas. Novamente estou sozinho, pois todos permitem que seja só meu o momento.

— Senhor, vou deixá-los a sós. Seu filho acabou de acordar, é o único bebê da maternidade. Pode tirá-lo do bercinho se de- sejar — a enfermeira me avisa.

Ela sai e eu congelo, pois sinto um medo inconcebível de me aproximar e não sentir nada. A passos lentos, chego perto do berço e, como se sentisse a minha presença, ele me olha. Meu coração dispara. Vejo nele meu rosto. Os olhos dele são azuis e grandes como os da mãe. O medo se esvai e um desejo pungente de pegá-lo e protegê-lo me toma. Ele é MEU. Porra, meu filho! Eu daria minha vida por ele neste instante, e todo amor que já senti um dia fica minúsculo diante do que estou sentindo por esse pequeno.

O momento é tão íntimo. Desajeitado, eu o pego no colo. Ele é grande, uma criança perfeita, o menino mais lindo do universo, e eu, que nunca imaginei ser pai, sou um filho da

puta sortudo por ganhar um presente desses. Não há dúvidas de que é meu filho.

— Ei, garotão, eu sou seu pai. Eu não sabia sobre você, mas agora nada nem ninguém no mundo vai nos separar. Vou lhe dar nome, cuidado, proteção e o maior amor do mundo. Bem-vindo, filho.

Minhas lágrimas são de emoção e nada se compara a esse sentimento.

— Ei. Será que posso conhecer meu sobrinho agora? — Tony se aproxima de nós.

Orgulhoso, apresento a ele meu maior prêmio.

— Este é seu tio mala. Quer pegá-lo? — pergunto a Tony.

Sentimento é coisa estranha mesmo, a menos de um dia nem sabia que tinha um filho, e hoje já não imagino os outros dias da minha vida sem ele.

— Tony, como é possível você amar, mais que a você mesmo, uma pessoa que acabou de conhecer?

— Que garotão bonito. Venha com o titio. Parabéns, Otá- vio, coisas do coração não têm explicação, nem tudo está sob nosso controle.

— Tony, não posso perder Marina, não seria justo comigo, com ele. Não quero que tenha o mesmo destino que nós... Me ajude, meu irmão. Faça o que for possível, contrate um médico de cada país se for necessário. Eu não quero que ela morra.

— Nem tento mais segurar as lágrimas, pois o medo é tão assustador que chorar tornou-se a reação mais diminuta. — Quero pensar positivo, porém meu lado sensato me alerta que ela pode não resistir.



Marina estou

voltando Ao Brasil com um pavor imenso. Tudo o que sei sobre mim é o que pessoas, que supostamente eu devia conhecer e amar, me falam. Despertei após dois meses de um coma cuja sequele foi a amnésia.

Fiquei quinze dias no hospital me submetendo a exames, análise com psicólogos, rodeada por rostos amáveis, cuidados exagerados daqueles que não faço a mínima ideia de quem sejam.

Estou no avião com um homem estupidamente bonito — que acho intragável e pelo qual supostamente devia estar apaixonada —, com uma mulher doce e boazinha — que, pela semelhança, não há dúvida de que seja minha mãe, mas que não me remete a nenhuma lembrança — e, o mais aterrorizante, com um bebê maravilhoso. Dizem ser meu filho, mas, se não fosse a cicatriz na minha barriga, eu jamais acreditaria que tinha dado à luz. Estou acuada, insegura. Sei que ninguém está mentindo, mas eu deveria sentir qualquer coisa, ao menos pela criança, aquilo que dizem de sexto

sentindo materno, elo. No entanto, estou vazia.

— Dona Karina, a melhor coisa será Marina ficar na minha casa. Ela terá todo o respaldo médico, e também estará próxima de João. Tenho certeza de que aos poucos vai retomando a memória. A senhora tem livre acesso, ou pode ficar lá se desejar.

— Tudo bem, Otávio, eu não teria estrutura nem física nem emocional de cuidar de Marina neste estado. Obrigada por tudo que tem feito por nós, por minha filha. Jamais teríamos condições de arcar com as despesas daquele hospital. E obrigada principalmente por ter ficado todo esse tempo conosco. Não sei como agradecê-lo.

Eles falam como se eu não estivesse presente. Então finjo estar dormindo, porque eu simplesmente não tenho passado, nem do meu nome me lembro. Estarei sujeita ao que disserem no local em que me conduzirão.

Minha cabeça vira uma confusão total quando chegamos à casa que será minha moradia. Há tantas pessoas me esperando, sou recebida por abraços, palavras de fé, sorrisos, mas nenhum rosto me é familiar. Não sinto absolutamente nada. Deduzo que sou uma boa pessoa, afinal todos são maravilhosos comigo, e fico triste por não conseguir retribuir esse afeto.

— Espero que fique à vontade no quarto que preparamos para você. Tudo que o médico solicitou foi providenciado para que se adapte com maior facilidade. Contratamos babás para cuidar do nosso filho, então você só tem que descansar e se esforçar para tentar lembrar algo. — A voz autoritária e severa de Otávio me arrepia o corpo.

Como eu pude gostar desse homem e ainda ter engravidado dele? Ele me causa asco.

— Para seu governo, senhor, o que tenho feito desde que acordei daquele maldito coma é me esforçar para tentar fazer essa droga de cabeça lembrar quem eu sou. Por favor, saia, me deixe sozinha.

Deito na cama e desabo em lágrimas. Meu Deus, o que será de mim? Estou com medo, sem memórias e ainda sou acusada de querer estar assim! Às vezes penso se não teria sido melhor permanecer inconsciente.



otávio estou me

sentinDo um merDA , a ponto de enlouquecer. Odeio e amo Marina na mesma medida. Há cinco meses minha vida deu uma reviravolta de 180 graus: ganhei um filho maravilhoso - so, mas perdi o amor da única mulher de que já gostei na vida. Quando tudo aconteceu, fui para os Estados Unidos e fiquei dois meses clamando a Deus para que Marina acordasse. Quando recebemos a graça de vê-la viva, veio o desespero da sua perda de memória. Foram quinze dias de exames frustrados. Assim que os médicos a liberaram, viemos para o Brasil e Marina está morando conosco há quase três meses.

No entanto, é um inferno. Ela não sabe quem sou, parece me odiar, me ignora e eu fico puto da vida. Todos pedem que eu tenha paciência, que devo reconquistá-la, tratá-la com carinho, mas, quando vejo, estou tão irritado que acabo ofendendo-a e sempre brigamos.

Tenho me dividido entre as empresas e meu filho. Quando vejo aquele bebê indefeso, sem o amor da mãe, sinto mais raiva de Marina e de sua falta de memória. Sem contar que meu autocontrole para agarrá-la e beijar sua boquinha afiada está se esvaindo; aliás, sua boca afiada não mudou nada.

Chego em casa e todos os dias é a mesma rotina. Vou direto ver meu filho e saber como passou, minha sorte é ter papai e tia Marta, que ficam de olho o tempo todo. Mantenho a esperança também de alguém vir correndo dizer que Marina se lembrou

de nós. Meu filho é lindo, um menino bonzinho que quase não chora. A impressão que tenho é a de que já tenta ser forte pela mãe. Ele dorme no quarto comigo e sou eu quem cuida dele durante a noite.

O silêncio e a indiferença da Marina são um soco no peito. Tenho vontade de sacudi-la e quem sabe colocar sua cabeça no lugar. Papai conversa muito comigo e me aconselha a ter resignação. Minha família tem sido imprescindível. Livia vem quase todos os dias e passa as tardes conversando com Marina, contando coisas sobre ela. Minhas sobrinhas são apaixonadas pelo primo e ele se acostumou com a presença delas. Tudo estaria perfeito se não fosse essa fatalidade.

Já é madrugada. João está em seu berço dormindo e eu, tentando acalmar meus pensamentos para dormir também. De repente, a porta se abre e Marina entra na ponta dos pés. Eu finjo estar dormindo e meu coração bate forte. Ela se aproxima do berço olhando nosso filho e começa a chorar.

Sinto um aperto no peito por vê-la tão vulnerável e, sem refletir, aproximo-me abraçando-a por trás. Imaginei que iria repelir meu gesto, mas ela se vira, apoia a cabeça em meu peito, chora e permite que eu acaricie seus cabelos.

— Calma, Marina.

— Não aguento mais, Otávio. Parece que vou enlouquecer! Que monstro eu me tornei? Uma mãe que não reconhece o próprio filho? Que não sente amor pelos próprios pais e irmão? Queria ter morrido ao ver a dor que tenho causado a todos vocês. E se nunca mais recuperar a memória? Acho que vou embora daqui começar uma vida sozinha do zero.

— Não fale uma idiotice dessas. Escute-me, VOCÊ VAI RECUPERAR a memória, entendeu? Eu nunca, jamais permitiria que você nos abandonasse. — Chacoalho seu braço e sem querer estou sendo duro.

Ela então recua e se afasta, dizendo:

— Você não tem esse poder sobre mim, Otávio. — E ela sai. Perdi a chance.

Mais uma noite em claro, tentando entender o porquê disso tudo.



Marina não tenHo

Amigos, fAmília , amor, não tenho vida. Todos os dias são só mais um dia: acordar, respirar e sofrer. Todas as pessoas à minha volta se esforçam para me animar. Claro que já gosto de cada um deles, mas é tudo no presente. Sou uma pessoa sem passado. Nada, branco total. Não sei quando perdi a virgindade, no que me formei, o que fiz esse tempo todo. Estou curiosa para conhecer meu apartamento em São Paulo, ver se tenho alguma lembrança. Na casa dos meus pais, vi fotos, meu quarto, mas nada, nem um estalo sequer.

Otávio tem se esforçado para ter paciência comigo. Vejo que para ele é difícil qualquer tipo de amabilidade, então recuei um pouco quanto à minha implicância. Se eu disser que não sinto nada por ele, estarei mentindo; há uma atração pungente e sempre que ele chega eu começo a suar frio. João, meu filho, é a criança mais linda e boazinha. Ele tem muitas características minhas, tenho cuidado dele a maior parte

do tempo e sinto que o amo, mas nada tão forte como acredito que seria o amor materno; porém, sinto-me responsável por ele. O médico disse que é um grande avanço.

Patrícia tem ligado sempre. Ela chora toda vez, dizendo que sente falta da amiga dela, e confesso que isso me irrita, afinal não tenho culpa de estar assim. Livia é mais coerente, conversa horas a fio comigo sem cobrar nada e já contou muito a meu respeito do ponto de vista dela. Minha mãe também chora

quando não consigo chamá-la de mamãe, então procuro “dizer” a palavrinha mágica sempre que lembro. Papai é um homem maravilhoso, é muito fácil ser filha dele e amá-lo; de todos, é a pessoa em quem eu mais confio. Meu irmão é boa pessoa, mas muito ausente. Diz ele que não tem estrutura para me ver assim, por isso pouco aparece.

Há quinze dias Otávio me convidou para um baile de gala, uma festa da empresa. Fiquei de pensar e ainda não tive coragem de dar a resposta. Meu tempo está se esgotando, pois a festa acontecerá neste sábado. Soube por Livia que é uma festa de casais e que se eu não for ele terá que arrumar uma companhia apenas para não estar sozinho. Por um lado, quero que ele se dane, que vá com alguém e me esqueça, mas fica uma voz na minha cabeça me incomodando com essa possibilidade. Pode ser ciúmes, não sei. Aliás, NÃO SEI tem sido minhas duas palavras preferidas.

Otávio não poderia ser mais gentil. Na quarta-feira, decidi que faria companhia a ele no baile e na quinta-feira, quando acordei, havia uma caixa imensa no sofá do quarto com um simples cartão.

“Marina,

Obrigado pelo sim. A cor desse vestido tem um significado especial. Se não lembrar, crie um agora.

Otávio”

Abro a caixa ansiosa e me deparo com o vestido azul-claro mais lindo que já vi na minha vida, ou seja, uma vida de meses. Há duas caixas: na maior, uma sandália prateada de saltos altíssimos, e eu me pergunto se já usei salto alguma vez e se sei andar; na caixa menor, um conjunto de colar e brinco de brilhante maravilhoso. Tudo isso deve ter custado uma fortuna. Fico olhando o vestido, tocando seu tecido macio de uma seda pura e tentando enxergar algo, mas nada me vem à mente.



otávio Estou mAis

AnimADo e com uma esperança fervilhando no peito. Primeiro foi o sim de Marina em ser minha companhia no baile; depois, o jeito que me agradeceu pelos presentes. Recebi um abraço apertado e um beijo espontâneo que enrijeceu meus músculos, sem contar que ela tem sido mais simpática com todos e principalmente tem ficado com João a maior par - te do tempo.

À noite João ficará com papai, as babás e as priminhas para irmos ao baile, por isso decidi passar o dia com meu filho. Ele é um garoto muito grande, forte, tem grandes olhos azuis e sorri sempre, uma característica herdada de sua mãe. Eu sou um empresário bem-sucedido, impaciente e rígido, porém esse menino me transforma de uma maneira assustadora. Ele me faz sorrir nos piores dias, me faz perder (ou ganhar) horas deitado ao seu lado brincando.

Meu amor por ele é tão surreal, que chega assustar, por isso fico bravo com Marina. Sei que ela não tem culpa, mas, sei lá, um pai e

uma mãe não têm por obrigação olhar para seu filho e saber que é seu? Diferenciá-lo da humanidade e amá-lo incontestavelmente? Fico puto da vida quando ela olha para o meu filho com aquele olhar distante, e tenho vontade de sacudir seu corpo até que acorde. Empenho-me ainda mais, portanto, em dar amor a ele. Não posso privá-lo do sentimento que mais me fez falta na vida.

O dia foi exaustivo. Dormi uma hora e agora estou renovando. Terminei o banho, vou colocar meu smoking e passar no quarto de Marina para chamá-la. O nervosismo está me atrapalhando, parece que vou ao meu primeiro encontro. Depois de tanto tempo, será a primeira vez que vou sair com ela como homem e mulher e meu autocontrole está se esvaindo. Desde todo o acontecido estou sem sexo, não tenho vontade de sair com outra pessoa, mas é fisiológico, estou a ponto de explodir, e é emocional. Queria que fosse com ela.

Bato à porta e os segundos que ela demora a abrir me fazem suar frio. A porta se abre e derreto. Ela é para mim como a lua é para a noite. Mais idiota? Impossível! Perco a fala, a postura, me perco em seus olhos arregalados, que me olham assustados.

— Oi. Já estava me perguntando se tinha ido sem mim. Estou pronta faz tempo.

— Não cometeria essa grosseria jamais. Vamos?

Ofereço-lhe meu braço, e ela o toma com um sorriso no rosto. Permito-me ter esperança, e espero que nada estrague nossa noite. Despedimo-nos de João e saímos em busca de um momento de redenção.

No trajeto, coloco para tocar “Meu erro”, Paralamas do Sucesso. Além de gostar dessa música, a letra dela tem muitos significados. Olho de canto de olho e ela parece gostar também. Percebo que nós não temos uma história, uma música; tivemos poucos momentos juntos. Recordo-me, então, do vestido e arrisco perguntar, mesmo temendo quebrar o clima: — Marina, o vestido lhe trouxe alguma ideia? Aliás, desculpe a indelicadeza, você está linda, lhe caiu perfeitamente.

— Ah, obrigada. Confesso que olhei por várias horas, tentando lembrar, mas a única coisa que vinha em minha cabeça era o céu. Ele me remete à sutileza do infinito. Devo ressaltar que você tem muito bom gosto, é lindo e destaca

meus olhos — ela fala baixo, tímida, mas parece que gritou no meu ouvido.

Eu fico eufórico. Ela pode não ter se lembrado, mas deu o mesmo significado, teve a mesma concepção. Desejo parar o carro e beijá-la, tocar seu rosto assustado e afundar no meu céu. No entanto, sorrio e digo: — Muito boa comparação, Marina, uma definição perfeita, que cabe a seus olhos, que me devolvem o infinito do céu todas as vezes que te olho.

Ela cora e sinto-me revigorado.



Marina QuAnDo

ABri A portA Do quArto e vi aquele deus da beleza ainda mais perfeito dentro daquele smoking, quase desequilibrei dos saltos. Tive uma reação imediata à presença marcante dele: mãos suadas, coração acelerado e uma excitação inédita. Todo o trajeto é meio estranho. Sinto uma familiaridade, a música não é estranha, embora nunca a tenha escutado. E falo sobre a cor do vestido como se fosse poesia. O momento é magico e é a primeira vez que me sinto eu mesma.

A festa é ainda mais bonita do que eu imaginava. O lugar, as pessoas, tudo é impecável e extraordinário. Estou feliz por estar aqui, Otávio não me deixou sozinha nem por um minuto e estou segura ao seu lado. Sempre que nossos olhares se cruzam, meu coração dispara e o cheiro dele me inebria.

As apresentações e conversas polidas se encerram, o jantar é

servido, as homenagens terminam e o baile começa efetivamente. Permiti-me tomar algumas taças de vinho e relaxei. Embora a Livia e o Tony estivessem conosco, fiquei a maior parte do tempo com Otávio e conversamos sobre diversas coisas. Ele é muito requisitado e várias mulheres se aproximaram, algumas se insinuaram, mas em nenhum momento ele me deixou de lado. Apresentou-me a todas e sua mão na minha cintura permaneceu a maior parte do tempo. Gostei disso.

— Conceda-me a honra desta dança, senhorita? — Otávio levanta e estende a mão.

Olho sem saber como agir.

— Creio que não é uma boa ideia. Não sei dançar, acho.

— Então vamos descobrir? Confesso que dançar não é uma de minhas especialidades, mas podemos tentar. Vamos?

Estendo a mão e seguimos para a pista, que já está tomada por casais elegantes. Ele me conduz com domínio, seu toque é forte em minhas costas, é muito sedutor. A música é suave e romântica. Pergunto qual é e ele me diz que é de Lionel Richie, “Stuck on you”. Fico na mesma, mas é linda. Otávio é intenso, me puxa para si possessivamente, e apoio-me em seus braços fortes quase sumindo dentro deles. Meu coração está batendo num ritmo descompassado e estou em pânico. Tudo que possa vir a acontecer será minha primeira vez, ao menos para minha cabeça. Tenho vontade de sair correndo e me esconder, ao mesmo tempo que queria esquecer o mundo e me entregar para esse homem.

Perdida em minhas desordens, sou desperta pelas mãos dele, que sobem da minha cintura para o pescoço; no percurso, passeiam por meus braços nus, que se arrepiam. Neste momento decido ouvir meu coração, afinal minha cabeça anda sem razão e meu corpo necessita do corpo dele.

— Marina, geralmente não pediria, eu tomaria sem me importar, mas agora realmente importa eu saber. Permite-me beijá-la? — diz ofegante com a boca próxima da minha.

Nossa diferença de tamanho faz que ele olhe para baixo e eu, para cima, mas mesmo assim nossos corpos se encaixam perfeitamente.

— Se você não se importar em me ensinar, porque tecnicamente esse seria meu primeiro beijo, sim, quero ser beijada.

Bastaram essas palavras para despertar fúria em Otávio. Ele me beijou da forma como imaginei... não, melhor do que imaginei. Um beijo violento, pungente, de um homem que sabe o que quer, sabe agir, e eu faria qualquer coisa que ele pedisse.

Nosso beijo é cinematográfico, se estou fazendo certo não sei, mas é a melhor sensação que senti.

Esquecemos as pessoas ao redor e só paramos quando nossa respiração falha.

— Marina, sou capaz de possuí-la aqui mesmo se não sairmos imediatamente. Venha.

Ele nem precisava avisar, mas seu pedido exigente, na sua voz grossa, sucumbe-me a uma submissão total. Saímos como dois fugitivos, sem soltarmos as mãos. Há um medo oculto de nos perdermos um do outro.

O percurso é tenso e silencioso, e meu coração está quase saindo pela boca. Não tenho noção para onde estamos indo, pareço um animal acuado; sei que ele não faria nenhum mal, mas sei também que de qualquer forma vou me machucar. Otávio é muito para minha sanidade. Ele é grande em todos os aspectos, beleza, força, tamanho, inteligência e atitude. É um homem másculo e decidido, e perto dele sinto-me diminuta; se eu não tomar cuidado, ele vai me devorar.

Paramos em um hotel luxuoso. Otávio conduz a situação e apenas o sigo. Com sua autoridade, deixa o carro e pede a melhor suíte. Não disse nada desde que saímos da festa, mas me olha profundamente tocando-me com firmeza.

O quarto é lindo. Otávio tranca a porta e tira o casaco e a gravata. Assustada, eu vou recuando a cada passo que ele dá em minha direção, até que a cama bloqueia. Ele me empurra e deita sobre mim. Vou ter uma taquicardia se meu coração não sossegar; de certa forma, essa será minha primeira vez.

— Não me olhe assim assustada. Em vez de me deter, esse olhar atíça o dominador que há em mim e tenho vontade de devorá-la.

— I-isso é novo pra mim, é... ah... estou com medo, Otávio — gaguejo feito uma idiota, mas realmente estou apavorada.

— Isso é novo para mim também. Não o sexo, mas o sexo com amor. Venha ser minha como deve ser.

Ele me beija de forma extraordinária. Meu medo se esvai e agora só duas palavras me envolvem: SEXO e AMOR.

Ele disse que me ama. Ficou implícito, mas disse.



otávio não

Demonstro , mas estou tão assustado quanto Marina.
Tocá-

-la depois de tanto anseio, fazer sexo após todo esse tempo e ter amor envolvido... é tudo inusitado, contudo esses sentimentos são menores que meu desejo.

Ela treme a cada toque enquanto tiro seu vestido. Seu corpo é lindo, perfeito. Está com uma calcinha minúscula pela qual é possível ver a cicatriz que, de certa forma, é minha marca em seu corpo, de que me pertenceu e deu-me um pedaço de si. Sorrio com essa constatação e beijo o local com devoção. Vou subindo até sua boca e, se pudesse, devoraria mesmo essa mulher.

O sexo foi fantástico, me senti um “fodão”, fui o primeiro homem da vida dela, ao menos dessa nova Marina. Senti sua entrega, sua emoção e sei que aos poucos vou reconquistá-la. Apesar da minha necessidade avassaladora, tomei cuidado e fiz um esforço descomunal para esperá-la e gozarmos juntos. Precavi-me com preservativos, porém queria senti-la por inteiro. Agora, deitado ao lado dela, desejo dizer

tantas coisas, almejo possuí-la de novo, mas estou limitado e odeio estar encurralado.

— Ei, mocinha, vai dormir? Vamos tomar um banho?

— Ah, não consigo sair daqui — ela sussurra e dorme de repente.

Preocupado, vejo se está mesmo respirando. Sorrio vindo do seu corpo divino, nu à mercê dos meus olhos. Tomo uma

ducha, deito e cubro Marina, e velo seu sono e sua ingenuidade. Acabo dormindo também.

— Não tire ele de mim. Não, por favor, nãoooo!

Os gritos de Marina me despertam e levanto assustado. Ela está deitada e se senta na cama suando frio. Constatato que teve um pesadelo.

— Ei, calma, estou com você. Venha aqui. — Puxo-a para mim.

Marina se aninha em meu colo.

— O que foi? Sonho ruim? — pergunto.

— Um monstro! Ele queria tirar João de mim, e eu segurava, mas ele puxava. Ah, que sensação horrível! Preciso vê-lo, Otávio, me leve para casa.

Espero até que ela se acalme e vamos embora. Desejava ter ficado aqui fazendo amor a noite toda, mas seu pesadelo me deixou aflito também, e ver sua preocupação com João foi um passo importante.

Ficamos aliviados quando chegamos e nosso filho estava dormindo feito um anjinho no berço. Desperto a babá para que vá para seu quarto e, quando fico a sós com Marina, o desejo em mim reacende.

— Ei, venha aqui. — Estou na beira da cama e ela se senta na minha perna. — Está mais calma agora?

— Sim, estou me sentindo tola por ter reagido impulsivamente... Desculpe.

— Shh, sem pedidos de desculpas. É melhor estarmos aqui com ele de qualquer maneira. Quer dormir aqui conosco?

— Dormir é a última coisa que farei, mas, sim, quero ficar aqui. Seu sorriso de entrega e suas palavras foram um bálsamo e bastaram para que eu a beijasse e a despissem novamente. Perdi as contas de quantas vezes a possuí e só adormecemos quando amanhecia o dia.



Marina Hoje é

Aniversário de dois anos das meninas e, como o aniversário de João é na outra semana, decidimos fazer uma festa única para os três. Escolhemos um tema de fazendinha, que alegra a todos e é unissex.

Quando se tem dinheiro, é tudo tão mais fácil. Eu e a Lívia tínhamos apenas o trabalho de decidir as coisas e pagar alguém para fazê-lo. Otávio está parecendo uma criança: se deixasse por conta dele, era capaz de construir um parque de diversões só para a festa. Ele é exagerado em tudo, mas, quando o assunto é nosso filho, extrapola qualquer limite de racionalidade. Por ele, o menino ganhava um carro de aniversário.

Estamos juntos desde que ficamos na festa da empresa, e isso foi minha maior alegria nos últimos tempos. Apesar de gostarmos da companhia um do outro, de termos um sexo maravilhoso, há uma lacuna a ser preenchida. Sinto que não estamos cem por cento na relação. Talvez seja minha memória, a falta dela no caso, mas sempre

fica um receio. Não há uma entrega total da parte de nenhum dos dois. Eu tenho medo de magoá-lo, de não agir direito, e Otávio parece esperar que a cada momento uma luz brilhe em cima da minha cabeça e eu de repente me lembre de tudo.

Claro que amo meu filho, e também aprendi a amar todos à minha volta, mas nada... não tenho nenhuma lembrança sequer. Fico às vezes meio perdida, choro escondido; é péssimo

não ter passado e sentir esse vazio. Há um mês, Otávio me levou aos Estados Unidos e fiz os mais modernos exames neu - rológicos que existem, ouvimos diversas opiniões e os médicos estão chegando à conclusão de que pode ser irreversível.

Na volta passamos em São Paulo, visitei a LUNEX, minha antiga empresa, revi os amigos e nada, branco total. No meu apartamento não reconheci nada, apenas tive a certeza de que é meu pelas fotos e pelos documentos. Meu irmão ficou com o apartamento para suas idas a São Paulo, já que está em um relacionamento com minha amiga Patrícia. Nossa relação esfriou bastante e sou impotente diante de tudo. Vejo que muitos esperam minha reação e confesso que é cansativo; se não fosse por Otávio e João, já tinha sumido. Nosso relacionamento é discreto. Sei que todos desconfiam, mas decidimos não criar expectativas, até porque me tornei uma montanha-russa. Dormimos juntos, mas mantenho meu quarto, para onde me refugio quando o desespero me assola.



otávio estou

esgotADo . Marina é maravilhosa, nosso sexo é perfeito, mas tenho que pisar em ovos; ela parece uma desconhecida às vezes. Sinto saudade de seu humor, suas birras e imposições. A Marina de hoje é passiva, comedida e consente em tudo que faço. Há momentos que quero explodir, gritar, sacudi-la para ver se reage. Gosto dela, sinto prazer e vontade de estar ao seu lado, porém sobra uma tristeza, uma impotência e tudo se transformou em uma rotina massacrante.

Viajamos até os Estados Unidos e estava esperançoso de que num toque de magia tudo seria resolvido, mas foi frustrante: nenhuma melhora, e agora há uma desesperança. Fico mais tempo nas empresas do que em casa. Não tenho sido nenhum cafajeste, nunca procurei nenhuma mulher, porém muitas vezes sinto vontade de fugir de tudo isso. O que me detêm são os olhos azuis mais perfeitos do mundo, o sorriso mais sincero e revigorante da minha vida, meu menino.

Hoje é aniversário do João. Eu daria o mundo a ele; todos me chamam de louco, mas simplesmente eu daria. Livia organizou uma festa fantástica e Marina ficou ao seu lado feito uma besta, irritando-me totalmente com sua concordância em tudo. Acabei sendo imaturo e nem a procurei esses dias. A festa acontecerá na vinícola na casa de Tony. Liguei dizendo que iria me atrasar e só os encontraria na festa. Precisava de um tempo, de um pouco de ar.

Quando chego, João vem correndo ao meu encontro. Pegoo no colo, girando-o no ar. Ele tem o mesmo tamanho das priminhas, apesar da diferença de um ano, é um menino grande e inteligente. Papai se aproxima e arruma uma desculpa para pegar o garoto de mim; ele transformou-se depois que se tornou avô. Aquele homem tirano e frio não existe mais, é um bobo diante das crianças e altera até a voz infantilmente para falar com elas.

Depois que cumprimento os convidados, enfim dou de cara com Marina, que está linda. Um brilho no seu olhar me faz sonhar com sua recuperação, mas, quando ela fala comigo, sinto na hora sua distância comum. Beijo o topo da sua cabeça, elogio sua roupa e a festa, trocamos uns comentários sobre a decoração e só. Tudo ensaiado e robotizado. Na verdade, eu me sinto assim, não sei se é recíproco. Ela não tem feição nenhuma, sempre apática, mas parece feliz quando estamos perto um do outro. Ninguém percebe, parece que tudo está indo às mil maravilhas. Talvez esteja e eu seja um cretino exigente mesmo. Cantamos os parabéns, cumprimos o protocolo de fotos, e no fim estamos todos cansados, inclusive João, que está choroso querendo dormir. Acabei bebendo para relaxar e não posso voltar dirigindo. Marina ainda não teve coragem de dirigir, então decidimos aceitar o convite de Tony para dormir aqui. Relaxo e fico bebendo com meu irmão e as mulheres entram para organizar as crianças.

Estávamos em uma conversa agradável, quando ouvimos um grito, um choro estridente do João. Tony e eu saímos correndo, derrubando as cadeiras, à procura de onde vinha o som. Os gritos aumentavam e o choro de João também, à medida que íamos nos aproximando. Eu estava louco, o medo tomou conta de mim e me apavorei.

A cena com a qual nos deparamos era horripilante, angustiante. A babá gritava por socorro com João molhado em seus

braços chorando, e Marina boiava de bruços na piscina gigante. Pulei na piscina e retirei Marina desacordada, fiz os primeiros socorros desajeitado, e nem tive tempo de pensar. Um agito ia acontecendo ao meu redor, mas eu só conseguia enxergar Marina morrendo e me deixando de vez. Caio sobre ela chorando, clamando misericórdia a Deus. Sou tirado de cima dela, e ela é levada. João também é levado e eu sou sedado para não esmur- rar os médicos, minha família, ou matar alguém. De repente silêncio, pavor.



Marina Assim que

A festa termina, eu e Otávio ficamos para dormir na casa de Tony e Livia. As crianças estão cansadas e entramos para colocá-las para dormir. Peço à babá que olhe João enquanto vou até o carro buscar minhas coisas. Na volta, faço um percurso diferente, passando pela piscina da casa; era desnecessário dar toda aquela volta, mas, como um ímã, sou atraída àquela direção.

Foi Deus quem me enviou, foi um instinto materno, pois João está a alguns passos de cair na piscina. Se eu gritar para detê-lo, ele pode assustar-se e cair, então tento em silêncio chegar perto, mas falho: ele é mais rápido e cai na água. Instintivamente, pulo na piscina para resgatá-lo, porém descubro da pior forma possível que não sei nadar. A piscina é funda, e faço um esforço descomunal para tirar João dali. Coloco-o na borda, mas perco as forças e volto para o fundo. Escuridão.

Alguns dias depois....

— Será que elA vAi AcorDAr? Meu Deus, eu não posso acreditar que estamos passando por isso de novo, eu não vou aguentar.

Escuto um sussurro ao meu lado e tento abrir os olhos, mas não consigo. Ouço mais vozes, passos, mas meu corpo não me obedece.

— Calma, Karina, nossa filha é forte. Ela vai aguentar. Já passou por coisa pior. Nossa menina tem sete vidas, é nossa gatinha.

São meus pais, mas do que eles estão falando? De repente enlouqueço, lembro-me de João, meu filho. Será sobre isso que eles estão falando? Perdi meu filho? Subitamente, puxo os fios ligados em mim e escuto um estrondo. Abro os olhos. Vejo meus pais assustados em cima de mim, mas minha voz não sai.

Médicos entram e saem. Há muitas pessoas na sala, Tony, Livia, senhor Otávio, meus pais;, não vejo Patrícia, não vejo meu bebê. Debato-me em desespero e de repente todos saem. Silêncio. Escuridão.

— Tem certeza de que ela ficará bem, doutor? Isso pode ter prejudicado ainda mais seu problema? — A voz é de Otávio, ele está aqui.

Meu Deus, ele soube do bebê, mas o que houve? Cadê meu filho? Por que minha voz não sai? Forço-me para abrir os olhos e mexer as mãos, e nada. Será que morri e é minha alma? Por que meu filho não vem aqui?

— Ei, garotão, vem aqui ver sua mamãe. Olha só, ela está dormindo. Já, já ela acorda para pegar você.

Ele está aqui, meu filho. Eu sei, eu sinto. Abro lentamente os olhos e vejo um menino no colo de Otávio, mas não é meu filho. Esse é grande. Eu quero meu bebê.

— Rápido, alguém chame os médicos. Rápido! Marina abriu os olhos.

Olho-o desnorteadada. Otávio pega minhas mãos e se emociona.

— Minha menina, que bom que acordou. Eu sabia, você é forte.

Os médicos examinam minhas pupilas, aferem minha pressão e eu começo a reagir. Silêncio. Medo. Claridade.

— Tenham calma, vocês podem assustá-la. Precisamos ver a reação dela aos poucos. Peço que fique apenas uma pessoa da família — o médico fala.

Existe uma comoção. Internamente, desejo que meu pai fi - que comigo, e, como se lesse meus pensamentos, meu velho se senta ao meu lado. Ele toca minha mão, faz carinho na minha cabeça e começa a chorar. Quero dizer que estou bem, mas nada sai e choro também o ouvindo falar.

— Ei, minha princesa, outro susto desses e seu velho não vai aguentar. Você foi muito corajosa, sempre teve medo de água, nunca quis aprender a nadar, mas teve raça de pular naquela piscina gigante e salvar meu neto. Estou muito orgulhoso. Ah, dona Marina, se você não tivesse me dado aquele neto tão lindo, que eu amo tanto, já teria te dado uma surra de tanta arte. Fico confusa. Então, todos já sabem que tive um filho? Mas como assim o salvei da piscina? Acabei de ter neném, ou não?

Enlouqueci! Meu Deus, estou louca.

Dias se passaram, entre atendimentos médicos, pessoas entrando e saindo, gente falando. Fui absorvendo as conversas e entendi que tenho um filho de um ano, e não um bebê, e que tive uma amnésia psicogênica. E é tudo louco e desesperador.



otávio Vinte DiAs,

vinte mAlDitos dias se passaram desde o infeliz acidente. Acidente não, irresponsabilidade daquela babá, que só não está presa graças à intercessão da minha família. Foi atender ao celular, descuidou-se de João e só se deu conta quando o menino já estava quase chegando à piscina; ao menos teve a inteligência de pegá-lo e gritar por socorro para que alguém tirasse Marina da água, que, se não chegasse a tempo, a essa hora não teríamos mais João conosco. Enfim, meu filho ficou bem, e redobrei os seus cuidados. Além das babás, meu filho tem segurança. Podem me chamar de louco, mas nunca mais quero passar por um susto daquele.

Entre idas e vindas do hospital, foram quinze dias torturantes, nos quais Marina reagia e voltava à estaca zero; abria os olhos e fechava-os de novo. Os médicos já não sabiam o que dizer. Marina engoliu muita água e teve uma hipóxia cerebral após uma parada cardiorrespiratória,

mas os médicos conseguiram reanimá-la. Se voltasse talvez ficaria com alguma sequela, era o que nos diziam, mas felizmente há cinco dias, acordada e lúcida, Marina não só está bem como recuperou a memória, porém apagou completamente o período do parto até hoje. É o que os médicos chamam de amnésia anterógrada.

É uma constante de sensações. A antiga Marina voltou, mas esse borrão de um ano é no mínimo chocante. Logo que ela tiver condições, voltaremos aos Estados Unidos para reavaliar

seu caso. Eu sabia que essa menina era problema na certa, mas não tinha noção do quanto seria.

— Olá, Marina, bom dia. Está pronta para voltarmos para casa? Nosso filho está te esperando com toda a família. Senti sua falta.

Ela me escuta em silêncio e olha desconfiada. Sou repellido quando vou beijá-la, mas não demonstro minha irritação.

— Vamos, estou pronta. Mas eu não entendo por que tenho que ir para sua casa, e não para a casa de meus pais, Otávio.

— Eu te expliquei, Marina. Desde que tudo aconteceu, você foi morar comigo e com João. Talvez quando retornar você recupere esse tempo. Tenha calma.

Quem não tem calma sou eu, estou a ponto de explodir.

— Tudo bem. Que alternativa eu tenho afinal?

A petulante de nariz empinado voltou. Acabo sorrindo. Sei que vai ser difícil, mas pelo menos agora ela reage. Coloco as coisas dela no carro e deixamos enfim o hospital.

Haja paciência! Acho que, para pagar todos os meus pecados, e para me punir por todas as vezes que me neguei a amar alguém, Deus enviou a mulher mais complicada que podia existir e, não contente, a faz perder a memória por duas vezes, ter alterações de humor constante e ser linda e desejável na mesma proporção. Ah, Marina, minha perdição total.



Marina Consigo

ABsorver toDAs As informAções. Para minha sorte, Patrícia está aqui e, como é a única pessoa que esteve comigo desde a hora do parto, foi ela quem me trouxe à tona todos os detalhes. E isso tudo é surreal e, no mínimo, muito louco.

Saber que estive à beira da morte por duas vezes e que Otávio esteve ao meu lado e se preocupou comigo inflou meu ego, e toda a paixão que sentia triplicou. Sinto por não me lembrar desse primeiro ano de João, mas sou loucamente apaixonada por meu filho. Ele é lindo, maravilhoso e sinto-me heroína de mim mesma, por ter conseguido salvá-lo. Os médicos dizem que aos poucos posso ter algumas recordações, ou até mesmo me lembrar de tudo. Isso tudo é no mínimo bizarro.

Agora muitas pendências precisam ser resolvidas. Sei que se passou muito tempo, mas ainda me sinto na obrigação de contar aos meus pais e ao Otávio sobre a gravidez e os meus motivos de ter ido embora. Tenho de me explicar e pedir desculpas. Preciso agradecer a John

pessoalmente por tudo que fez por mim, me desculpar com Livia pela minha irresponsabilidade no trabalho e por minha omissão com meus amigos.

Tenho que batizar João. Aliás, Patrícia não para um minuto de falar sobre isso, de dizer o quanto sentiu saudades e medo de que eu não desse João para ela batizar, ou que nunca me lembrasse dela. Parece que fala de outra pessoa, pois não consigo imaginar esquecendo-me da minha melhor amiga, dos

meus pais. Se não fossem eles contando tudo, as fotos dos momentos vividos e os laudos médicos, eu diria que tudo foi visto em novela.

Agora, a pior sensação é não saber sobre mim e Otávio. Será que nos relacionamos? Será que ficamos juntos? Estou com vergonha e até medo de perguntar. Ele é estranho, fechado e durão, não dá espaço para sentir se há alguma coisa. Meu tolo coração quase sai pela boca quando ele se aproxima, mas não sofri aqueles nove meses à toa, toda minha mudança e perdas. Sobrevivi uma vez, então consigo novamente. Não vou me humilhar nem rastejar. Se ele me quiser, terá que demonstrar. Assim que estiver totalmente recuperada, voltarei para São Paulo e minha antiga vida. Decidi que criarei João sozinha.

— Paty, obrigada por estar ao meu lado mais uma vez. Quero pedir desculpas por todo esse tempo. Deve ter sido horrível para todo mundo, parece que minha vida parou no dia do parto, que dormi um ano e estou acordando agora. Amiga, eu preciso saber o que houve exatamente entre mim e Otávio nesse período. O que faço?

— Marina, não tem que se desculpar, sendo quem mais sofreu. Enquanto cada um resolvia sua ausência particularmente, você sofria por todos; era tão difícil ver seu olhar distante, sua insegurança. Quanto ao Otávio, só ele poderá dizer algo, pois, embora todos desconfiassem, ninguém os viu efetivamente juntos. Segundo a Livia, vocês dormiam juntos, saíam, ficavam com João, porém nunca tiveram intimidade na frente deles, assim como você também nunca disse nada. Seja franca, procure-o e se abra.

— Não tenho coragem. Acho que ele é um cretino bipolar, porque esteve preocupado comigo, cuidou de mim todo esse tempo, como vocês dizem, mas diante de mim é um estranho. Ele me olha com ternura, mas me ignora. No hospital tentou me beijar, mas me assustei e, em vez de falar alguma coisa, ele

fechou a cara e saiu na minha frente. Ele vai me deixar ainda pior do que estou, Paty. Além de tentar saber quem sou de verdade, tenho que ficar o tempo todo desvendando-o, procurando descobrir o que se passa na cabeça dele. Não sei, acho que não dou conta mais desse tipo de relação. Quero segurança, quero me sentir amada. Entende? É pedir muito?

— Vem cá, amiga, me abraça. — Paty me aperta forte e passa a mão em minha cabeça como uma mãe faz com a filha.

— Para um pouquinho de querer explicação e razão para tudo. Espere, que as coisas aos poucos vão se resolvendo.

Que delícia ter minha amiga comigo.

Os dias voaram e aproveitei cada minuto ao lado da Paty. É meio estranho ficar na casa de Otávio, embora todos sejam maravilhosos, pois me sinto uma intrusa aqui. Tenho dormido com Patrícia no quarto de visitas. Quis trazer o berço de João para meu quarto, mas Otávio me persuadiu a não o fazer, alegando que o menino só dormia com ele. Ao mesmo tempo que adoro ver a ligação entre pai e filho, morro de ciúmes, pois João simplesmente me ignora se o pai está por perto. E o pior é ver o sorriso de vitória de Otávio. Sei que isso é infantil e horrível, mas é assim que é.

Patrícia se despede de todos e meu coração já está doendo de ter que levá-la ao aeroporto. Estávamos já na saída quando Otávio chega dando suas ordens: — Olá, meninas. Vou levá-las ao aeroporto.

— Não precisa, Otávio, já estou indo levar a Patrícia.

— Precisa sim, faço questão. Vamos?

Ai, que ódio da sua presunção. Só não o questionei, porque ia com o carro do senhor Otávio e não me sinto à vontade de

dirigir o carro dele; então, aceitei passivamente. Passamos na casa dos meus pais para Paty se despedir e João acabou ficando com eles enquanto seguimos para o aeroporto. Papai fica enlouquecido com o neto, então deixei que aproveitasse um pouquinho.

— Vou sentir sua falta, amiga. Vai com Deus.

— Tchau, Marina. Logo estarei de volta para o batizado do meu afilhado maravilhoso. Preciso ir, senão perco meu voo. Tchau, Otávio, até.

Paty me dá um beijo, acena para Otávio e segue para o embarque. Esperamos até que o avião decole e, no silêncio terrível em que estamos desde então, vamos embora.



otávio Eu sei que A

pAtrícia é AmigA DA mArinA , que está ajudando, mas não via a hora de que fosse embora. Marina não desgruda dela, até dormem juntas, e isso estava me matando. Acabei sendo meio grosseiro, mas o ciúme me dominou de tal forma, que me imaginava arrastando-a dali. Saí da empresa exclusivamente para levá-la ao aeroporto e garantir que não mudaria de ideia. Sei que sou um filho da puta egoísta, mas preciso ter Marina disponível. Desde que saiu do hospital, há uma semana, não tivemos um momento a sós.

— Marina, precisamos conversar, não acha? — fiz essa pergunta depois de um tempão em que estávamos no carro sem falar nada. Sei que chegaríamos logo, então perguntei aleatoriamente para ganhar tempo.

— Precisamos sim, Otávio, mas não é dentro de um carro. Droga, esqueci que com essa chata tem que ter aviso prévio, horário, como

numa maldita reunião de negócios.

— Vamos aproveitar que João está com seus pais e tomar um café? Assim poderemos conversar tranquilos. Pode ser?

Odeio ter que esperar resposta de alguém para fazer qualquer coisa. Sou acostumado a tomar todas as decisões por menores que sejam.

Ela acena que sim com a cabeça, eu coloco uma música e procuro um lugar para irmos. Estaciono em um café afastado, uma casa simples, porém pouco movimentada, propiciando-nos

um pouco de privacidade. Descemos, e é muito esquisita essa distância entre nós. Estou com as mãos próximo à cintura dela quando recuo, sem saber como agir.

Depois de fazermos nossos pedidos e falar banalidades, olhamo-nos silenciosamente. Ela está nervosa, e começa a falar, e fico aliviado por sua iniciativa.

— Otávio, eu preciso me desculpar por ter omitido a gravidez, ter ido embora sem dar nenhuma satisfação. Sei que nada justifica, mas eu estava apavorada, me sentindo irresponsável. Enfim, hoje vejo a tolice que fiz; se eu tivesse morrido, vocês poderiam nem saber de João. Desculpe-me.

— Não fale uma bobagem dessas! Você não morreu, não precisa se desculpar. Passou tanto tempo... já nem importa mais. Eu fiquei muito bravo com você, mas toda sua situação acabou absolvendo-a de culpa.

Os olhos dela estão marejados. Desejo tocá-la, pular essa parte e reatarmos, mas não consigo verbalizar meus sentimentos.

— Só queria entender por que fez isso, Marina?

— Nem eu sei, Otávio. Tive medo, vergonha, foi uma confusão de sentimentos. Nós não tínhamos um relacionamento e no outro dia que ficamos juntos você apareceu com outra e me magoei. Fui embora para São Paulo e nunca mais nos falamos, aí, num susto, descobri a gravidez. Foi um tremendo choque. E, de repente, eu ia ligar e dizer: “Olha, estou grávida, viu?”? O que você iria fazer? Desprezar-me, achar que dei um golpe, sei lá... O pavor me consumiu e resolvi ir embora para pensar.

— Eu não sei o que faria, Marina, honestamente não sei. Mas jamais abandonaria meu filho. Claro que eu faria um teste de paternidade, mas assumiria a criança. O que passou não tem volta, você está aqui e João é a melhor coisa que aconteceu na minha vida; no fim, devo lhe agradecer. Eu quero que more

conosco, assim ele terá uma família. Não quero que ele cresça sentindo falta de nada.

— Acontece, Otávio, que isso não depende de você. E nunca mais diga “EU quero que você faça algo”. Comigo funciona assim: “Marina, você quer fazer algo?”. E não, Otávio, não quero ficar aqui. Vou retomar a minha vida. Você não tem nenhuma obrigação comigo. Sou grata por tudo que fez por mim e pelo meu filho durante esse tempo, mas isso foi porque eu não era dona de minhas razões. Infelizmente, João será privado de algumas coisas sim, mas assim é a vida, meu caro. E, se você quiser fazer um teste de DNA, podemos ir agora mesmo ao laboratório, seu babaca — Marina despeja sua ira em cima de mim.

Embasbacado, fico olhando-a atirar o guardanapo na mesa e sair impetuosamente. Essa mulher é uma louca varrida, só pode. Estávamos conversando civilizadamente, até fiz uma proposta para que fique aqui comigo, e ela faz esse show? Ah, que se dane! Cansei dessa alteração de humor.

Marina sai do café e eu não vou atrás feito um cachorrinho. Se isso é o que ela quer, que se exploda e vá a pé ou de táxi. No entanto, se está pensando que vai levar meu filho, está redondamente enganada. Ninguém o tirará de mim. Eu não preciso de teste de DNA nenhum, falei no passado. Que grande merda isso tudo! Achei que iríamos nos ajeitar, mas agora isso? Por que mulher tem que complicar tudo?

Saio do café e Marina está encostada no meu carro. Tenho vontade de rir, mas mantenho a cara fechada. Entro no carro sem dizer nada e ela entra em seguida.

— Ora, acabou de dizer que não precisa de mim para nada e ainda assim entra no meu carro? — Não vou ignorar que há pouco me ofendeu.

— Você me trouxe a um lugar tão longe, sem acesso a táxis ou qualquer outro meio de transporte intencionalmente, não é? Só

vou para casa com você, depois estará livre de mim. Pode ficar tranquilo, seu idiota.

— Olha, para quem está de carona, longe de casa, te aconselho a ser mais educada, ou paro este carro e te faço descer — provoco-a ainda mais.

A carinha brava dela é linda, e estou louco para prensá-la neste banco e beijá-la até que ela não consiga mais nem falar.

Paro o carro em frente à casa de seus pais e, quando levo a mão à porta para descer, ela me barra. Veio em silêncio, talvez temendo que eu cumprisse o que disse, mas jamais a faria descer. Agora ela ganha toda a força.

— Não precisa descer, Otávio. Ficarei na casa dos meus pais. Amanhã busco minhas coisas e as do meu filho na sua casa. Obrigada por me trazer no SEU carro.

— Ah, mas não mesmo que NOSSO filho ficará aqui. De jeito nenhum, está ouvindo? — altero o tom de voz, o que não é do meu feitio. — Se você quiser ficar, que fique, mas ele vem comigo e vem agora.

Eu me adianto para entrar na casa dela, mas Marina me barra e fala cutucando os dedos no meu peito: — Só entrará aí se passar por cima de mim, Otávio. João ficará comigo SIM! Agora vá embora.

Seguro as mãos dela com o coração acelerado, com vontade de beijá-la e esganá-la ao mesmo tempo, mas tento manter a calma. Não vou ceder.

— Olha, Marina, isso aqui não é sobre o que eu ou você quer, está bem? João está acostumado a dormir comigo e ele vai estranhar. Por favor, deixe-me levá-lo.

— Ah, passou a ter educação agora? Ele ficará bem sem você; aliás, ele precisa acostumar-se, afinal vamos embora para São Paulo e ficarão longe um do outro. Agora me dê licença, estamos fazendo uma cena aqui na frente.

Fico tão aturdido com o que fala que permito que passe por mim. Perco o chão e ando na calçada em voltas. Será que ela seria mesmo capaz de ir embora? Levar meu filho tão longe? Preciso dele comigo, e preciso dela também. Estou com ódio, estou com medo.



Marina DesABo nA

minHA cAmA e cHoro . O filho da mãe desgraçado não sente nada por mim, deixou isso claro quando disse que queria que eu ficasse pelo João. Simplesmente quer a mãe do filho dele aqui para ter controle sobre tudo. E eu? Devo abdicar de tudo que conquistei para posar de família feliz, enquanto ele provavelmente vai andar com mil amantes a tiracolo por aí? Ah, mas não mesmo! Sinto por meu filho, sei que ele vai sofrer, mas tantas crianças vivem com os pais separados... Ele também fi - cará bem. Assim espero, meu Deus.

Foi praga do infeliz do Otávio, porque João não dormiu a noite inteira, chorou, resmungou. E eu fiz de tudo: dei mama - deira, remedinho para dor, cantei, rezei, peguei no colo, mudei de quarto e nada. Ele só dormiu mesmo quando foi vencido pelo cansaço, quase de manhãzinha. Fiquei com remorso, mas ele terá que se acostumar.

Papai foi à casa de Otávio buscar nossas coisas e levou um bilhete

que escrevi ao pai dele, pedindo desculpas e falando sobre a minha decisão. Eles queriam que papai trouxesse as babás e até o segurança, mas, como o bom orgulhoso que é, ele recusou educadamente.

Achei estranho que Otávio não tenha vindo aqui nem telefonado, até que mamãe avisa que alguém, da parte dele, me aguarda na sala. Tinha demorado.

— Olá, em que posso ajudá-la, senhora?

A mulher que está na sala é linda, mais velha, mas muito bonita, e o “senhora” que digo é uma boa alfinetada.

— Boa tarde, Marina, sou Emanuelle, a advogada da MP Videiro e, particularmente, advogada do Senhor Otávio Filho. Vim a pedido dele para esclarecermos algumas questões.

Desgraçada! Falou *particularmente* com um cinismo, e agora tenho vontade de matá-la. Lembrei que, antes de ter João, soube que ele namorava essa tal de Emanuelle. E ele manda justamente essa filha da mãe vir falar comigo?!

— Pode falar.

— Posso sentar?

— Não, não pode. Estou com pressa, então seja breve. — Não costumo ser grosseira, mas estou com sono e no meu pior dia, então ela que não abuse.

— Como quiser. O senhor Otávio quer conversar com a senhora a respeito da guarda de João. Meu cliente está disposto a ir até as últimas consequências para ficar com o filho, e ele vai. Antes que entre com o pedido judicialmente, tem uma proposta para a senhorita neste documento. Você tem até amanhã para entrar em contato com ele ou então irão conversar apenas no tribunal.

— S.A.I.A da minha casa agoraaa, sua desgraçada filha da puta. Não me venha com ameaças que não sou nenhuma idiota, e fale para o seu patrãozinho que estarei no tribunal esperando por ele.

A infeliz sai rebolando e deixa um envelope na mesa da sala. Inconsequentemente, grito e atiro um porta-retratos no chão. Mamãe vem correndo com João no colo, ele se assusta e começa a chorar.

Odeio perder a cabeça assim, mas quem essa piranha pensa que é? Quem Otávio pensa que é se ao menos supôs que vai tirar a guarda do meu filho de mim? Estão redondamente enganados! Eu sou muito boazinha, passiva, mas não sou idiota,

muito menos desinformada. Mas o que mais me mata é a indiferença de Otávio. Encaro a realidade de que ele nunca esteve preocupado comigo, nunca me amou de verdade; tudo sempre foi apenas pela criança. Claro que, como mãe, eu fico feliz, mas como mulher tenho um coração despedaçado.

Acalmo meu filho, converso com mamãe meio por cima sobre a presença da mulher e seu disparate. Não quero falar mal do desgraçado para eles, pois sei que meus pais irão tomar minhas dores e a convivência será insuportável, então, por meu filho, poupo o infeliz do pai dele.

Leio a merda do documento que a mocreia deixou e isso me enfurece o triplo. Peço que mamãe cuide de João, tomo um banho, coloco um vestido azul-clarinho que me deixa mais jovem e segura. Mas não vai ser mesmo em um tribunal que ele vai me ouvir, não mesmo. Aguarde-me, Otávio.

— Senhora, desculpe, mas você não pode entrar sem que eu anuncie. O senhor Otávio está ocupado, por favor.

Estou na empresa dele e essa sonsa da secretária tenta me segurar, mas nada vai me impedir, nem mesmo um exército.

— Olha, querida eu sei que está fazendo seu trabalho, mas poupe seus esforços, pois nem que o Papa venha aqui e me peça eu não deixo de entrar naquela sala. Dá licença. — Empurro a mocronga e abro a porta tempestuosamente. Ele está tão lindo, sério, cabelos jogados para trás, com sua cara de mau, em um terno escuro, que quase dou meia-volta e saio. É difícil ter controle diante de tanta beleza, mas o ódio retorna na mesma proporção de quando cheguei, pois a nojenta da advogada está sentada em sua frente, vira-se e sorri sarcasticamente para mim. Ganho uma força diabólica.

— Senhor Otávio, desculpa, tentei detê-la, mas ela me empurrou e...

— Tudo bem, pode sair — ele dispensa a secretária grosseiramente, com sua voz rouca e divina.

— Seu desgraçado, o que pensa que está fazendo, hein? Quem você pensa que é para mandar essa umazinha aí na minha casa me entregar essa porcaria? — grito com ele e atiro os papéis em sua mesa.

Otávio levanta-se, aproxima-se de mim e encara-me com raiva. A proximidade dele, seu cheiro, sua presença imponente me fazem fraquejar e quase recuo, não fosse pela voz de gralha da insuportável: — Otávio, querido, quer que eu chame os seguranças? Vou matar essa mulher! Juro que eu vou.

— Não, Emanuelle. Pode sair, obrigado — ele dispensa a sonsa.

Meu coração idiota dá um pulinho de alegria, mas temo estar a sós com ele nesta sala, onde fico tão indefesa.

— Ainda não terminamos. Não quer que eu fique para ajudá-lo a resolver esse problema? — ela fala *problema* apon-tando para mim.

Eu não aguento e avanço sobre ela, e só não a deixei careca, porque Otávio me segurou e mandou que ela se retirasse imediatamente. Adorei sua cara de vaca assustada, e mais ainda por ele não tê-la defendido.

— O que você pensa que está fazendo, Marina? Você não pode invadir o trabalho dos outros e agredir os funcionários dessa maneira!

— ele me repreende, mas me olha com paixão. Bem, claro que não...

Sou uma tola mesmo, vendo coisas onde não há. Ele segura meus braços com força e respira próximo ao meu rosto. É impossível conversar com esse homem.

— Você vem me dizer o que estou fazendo? É sério? Você manda aquela piranha com diploma de advogada me entregar essa proposta ridícula, e ainda vem me dizer o que estou fazendo? Se por ao menos um segundo passou por sua cabeça

que eu aceitaria qualquer cláusula daquele contrato infantil e abusivo, você definitivamente não conhece nada sobre mim.

Solto-me das mãos possessivas dele e, a cada palavra, cutuco seu peito com meus dedos, empurrando-o. Cada toque queima minhas mãos, mas eu consigo... tenho que conseguir deixar claro o que vim fazer.



otávio mAnu está

nA minHA frente contando sobre o episódio na casa de Marina, fazendo-se de vítima e jogando charme para cima de mim. Bem, depois resolvo esse problema, pois por dentro estou sorrindo. Minha menina agiu como desejei, não aceitou passivamente a proposta ridícula que eu fiz. Propositalmen - te, elaborei um contrato absurdo e pedi que Emanuelle fosse levá-lo pessoalmente. Desde que terminamos, nunca mais nem tinha solicitado os serviços dela, mas era exatamente o que eu queria. Enquanto ouço a ladainha dela, meu coração está em êxtase.

Marina tem ciúmes de mim, ela ama nosso filho incondicionalmente, não é interesseira e muito menos uma mulher submissa. Acabo de confirmar, embora já soubesse disso tudo. Apenas do fator ciúmes eu queria ter certeza. Agora, para fechar com esmero meu plano, preciso que ela venha até aqui, pois é claro que não haverá

tribunal.

Escuto um barulho na recepção e tenho vontade de pular de alegria. Ela veio. Está aqui. Meu coração bate acelerado, mas mantenho minha postura e não esboço nenhum resquício do prazer que estou sentindo.

Ela adentra minha sala desafiadora, coloca Manu correndo daqui e agora, diante de mim, grita me cutucando. Sua ira deixa seus olhos ainda mais vivos. Ela fala, mas só consigo ver seus lábios rosados e carnudos me atentando a calá-los.

Eu deixo que desabafe, me ofenda, pois no fundo era tudo o que eu queria. Quando percebo que as forças dela se esvaem, agarro seus pulsos.

— Ei, você está me machucando! O que vai fazer, Otávio?

Eu vou gritar, pare!

Ela tenta soltar-se de mim, mas vou arrastando-a até a parede, fingindo não ouvir seus apelos. Marina está assustada e eu, excitado na mesma magnitude.

— Chega, Marina. Você já falou demais.

Prenso-a na parede, enfio as mãos em seus cabelos e a beijo com todo fervor e desejo que possuo. Ela tenta me empurrar, vira a cabeça, mas é vencida por minha força e se entrega ao meu beijo. E nada neste mundo me faria parar agora.

Nosso beijo se intensifica e nosso desejo explode. Toco seu rosto lindo e assustado, e ela apenas me aceita sem forças. Não sou capaz de parar e temo até machucá-la; quero possuir seu corpo, sua alma e seu coração.

— Ah, você me enlouquece com essa boca. — Estou sobre ela na parede, tão grande, abaixo meu rosto para olhar o seu. Estamos ofegantes, e quero apenas sua permissão. — Marina, me diga apenas sim. Diga! — dou uma ordem, mas logo me arrependo, pois essa garota não aceita imposições.

Vou mudar a colocação, quando um sim fraquinho sai de sua boca, e eu viro um monstro.

Pego-a no colo e coloco-a sobre minha mesa. Está divina com esse vestido. O universo não poderia conspirar mais ao meu favor. Ergo-o e meu corpo reage selvagememente ao dela. Não posso ser delicado nem calmo, e tomo Marina com luxúria, força, paixão. Faço amor. Pela primeira vez, tenho certeza absoluta de que é amor.

— M.I.N.H.A M.E.N.I.N.A — digo possessivamente quando o orgasmo me toma.

Ela sussurra meu nome sem forças e totalmente entregue a mim. Não cessamos os beijos. É como se fôssemos morrer se parássemos. Tentamos respirar, até que me sento na cadeira e puxo-a indefesa para meu colo.

— O que foi isso, Otávio? — ela fala baixinho e sua pergunta amedrontada me desarma.

— Isso foi o melhor sexo da minha vida. Venha, vamos tomar um banho e vou levá-la para sua casa.

Desejo cuidar dela, protegê-la, mas me assusto quando ela levanta e me repele.

— NÃO TOQUE EM MIM! Eu vou entrar naquele banheiro para me recompor, sairei por aquela porta, irei até o meu carro e vou sozinha para minha casa. Não me olhe, não fale comigo, entendeu? Não vou permitir mais que me use para sessões de sexo. E, sim, vamos nos ver apenas no tribunal — ela diz tudo com nojo em sua voz, com mágoa, e toda a paixão de minutos atrás se desfaz em uma dor horrível.

Fico sentado feito um babaca vendo-a sair me olhando com desdém. O feitiço virou contra o feiticeiro e não tenho a menor ideia de como desfazê-lo. Essas coisas de amor são complicadas mesmo. Tô ferrado.



Marina poDeriA me

xingAr DAs piores coisAs possíveis , mas estou com tanta pena de mim mesma... Como pude ser tão fraca, tão entregue daquela maneira? Eu me dei inteira naquela mesa, não somente meu corpo. Ele poderia fazer o que quisesse co- migo e eu permitiria. Senti paixão quando fui beijada, ele me transmitiu essa sensação, mas é um bom sedutor; no final queria me usar para assinar aquele maldito contrato e ainda gozou gostoso. Como ele disse: “Isso foi o melhor sexo da mi- nha vida”.

Burra e fraca, essa sou eu, mas em tempo resgatei minha dignidade e saí sem olhar para trás. Estou destroçada e sem forças para chorar, então paro em um bar para me recompor. Não tenho condições de chegar em casa assim. No desespero, ligo para Livia e peço que me encontre; preciso de colo, de ajuda. Não queria envolver ninguém, mas já não consigo lidar com Otávio sozinha.

— Oi, minha amiga, vim o mais rápido que pude. Ainda bem que

estava na cidade; da vinícola até aqui demoraria um tempo. O que foi? Está chorando, Marina?

Lívia vem assim que telefono. É inestimável ter amigas verdadeiras e leais. Ela senta-se ao meu lado, me abraça e eu desabo em seu ombro. Sem dizer nada, ela apenas acaricia minha cabeça esperando que me acalme.

Da mesma forma paciente, ela escuta a história, desde a discussão até o meu último momento. Mostro o contrato que peguei quando saí do escritório e espero Livia ler.

Acordo de guarda definitiva

Vimos por meio deste contrato formal, registrado, assinado e presenciado por duas testemunhas, firmar o seguinte acordo.

De um lado, Otávio Videiro Filho, e, do outro, Mari-na Bacheli, pais verdadeiros de João Bacheli Videiro, conforme consta em certidão de nascimento em anexo, concordam que: A guarda definitiva de João Bacheli Videiro será de total responsabilidade de Otávio Videiro Filho (o pai). A criança irá morar com ele e será criada de acordo com sua vontade. O pai arcará com todas as despesas e cuidados, exonerando assim a senhora Marina Bacheli de qualquer culpabilidade e dolo. Esta, por sua vez, poderá visitar o filho sempre que desejado, mas com aviso prévio para que não cause nenhum transtorno ao responsável senhor Otávio.

Senhor Otávio Videiro assume o seguinte dever: Diante desse acordo irá remunerar a senhora Ma-rina com um salário mensal de R\$ 100.000,00 reais (cem mil reais), mais todas as despesas para que esta resida em Caxias do Sul, no valor de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais). O pagamento deve ser realizado até o quinto dia útil de cada mês, ocasionando multa de 5% ao dia caso haja atraso, e com prejuízo de perder a validade deste, caso haja descumprimento por mais de um mês.

Senhora Marina Bacheli aSSume oS SeguinteS devereS: Estar perto do filho e disponível sempre que ele desejar estar com a mãe.

Nunca sair da cidade sem o consentimento de Otávio Videiro Filho.

Não ter nenhum relacionamento afetivo com qualquer pessoa sem aprovação do Senhor Otávio.

O não cumprimento das regras, por parte de ambos, anulará os deveres do outro e até a suspensão deste contrato, levando à possível perda de direitos do filho.

Sendo verdade e de vontade de ambas as partes, confirmamos o acordo.

OTÁVIO VIDEIRO FILHO MARINA BACHELI

TESTEMUNHA TESTEMUNHA

— Desgraçado! Otávio é meu cunhado, eu gosto muito dele, mas ele foi longe demais com sua arrogância e prepotência, extrapolou os limites do bom senso. Isso não pode ficar assim, é uma palhaçada, Marina, não tem valor legal. Uma grande presunção dele. Um grande amadorismo.

— Ele fez isso para me afrontar, Lívia. Ele sabe que isso é uma grande merda de provocação, e eu, como uma patinha, caí na dele. Fui lá toda bravinha brigar por algo que eu simplesmente podia ter rasgado. Sou uma tonta.

— Não é tonta, Marina. Na hora ficou com raiva e agiu impulsivamente. Vou ligar para o advogado da LUNEX e pedir que ele te ampare; dificilmente, você perdera a guarda de João. Só pense bem antes de ir embora, pense em seus pais, no pai de

Otávio, na tia Marta, em nós e, principalmente, no seu filho. Ele ficaria solitário em São Paulo enquanto você trabalha. Aqui ele terá toda a família. Claro, é você quem tem que decidir, mas pense bem. Não tome nenhuma atitude precipitada.

— Mas eu preciso trabalhar, Livia. Não posso ficar morando na casa de meus pais, nem dependendo de Otávio. O que faço?

— Então, eu queria falar com você em um momento mais propício e de outra forma, porém, já que chegamos a este ponto, vou adiantar. Você sabe que desde que me casei tenho realizado minhas funções na LUNEX a distância. Mas o trabalho é até maior do que se eu estivesse lá. E, por incrível que pareça, a demanda nesta região é grande, então, com meu tio, decidi abrir uma filial aqui. Será pequena, claro, apenas um ponto. E gostaria muito que você aceitasse tocar esse empreendimento junto comigo. Pense a respeito com calma. Não é válvula de escape, realmente eu iria lhe fazer essa proposta, mas, diante de todos os acontecimentos, deixei de lado.

— Se eu aceito? Nossa, Livia, isso seria perfeito. O que mais desejo na minha vida, desde que papai quase morreu, é me mudar para Caxias. E agora, com meu filho e trabalhando, será o ápice. Não tenho palavras para agradecer. Mas, por enquanto, deixe o idiota do Otávio pensar que estou indo para São Paulo. Quero ver do que ele é capaz. Aquele cretino me paga.

“Se eu resistir...”, penso.



otávio estou

DespeDAÇADo. Realmente não imaginei que seria assim o desfecho da minha ideia. Depois de provar, por este sexo quen- te, que quero Marina para mim, pensei que iríamos reatar e ela voltaria para casa. Ledo engano... Por que é tão difícil as- sim lidar com mulheres? Por que tudo precisa ser falado? As atitudes não servem de parâmetro? Estou cansando desse jogo de gato e rato. Minha personalidade não aceita que eu seja o rato por nem um milésimo de segundo, provei isso minha vida toda. Agora, porém, estou preso na minha própria ratoeira. Eu preciso sair daqui, e só Marina pode me salvar.

Faz dois dias que ela saiu despedaçada do meu escritório. Não falei com ela, nem mesmo fui ver meu filho. Estou demo - lido, com uma saudade que chega a doer de vontade de pegar meu menino, e com um brasão queimando meu peito de dor por ter visto no rosto da Marina aquela expressão de vazio e dor. No entanto, eu não sei o que fazer para

consertar minha burrice. Papai está me cobrando uma satisfação. Ele me olha acusadoramente, e eu não preciso desse lembrete para saber que ferrei com tudo.

Marina estava perdida, confusa, e eu, em vez de resgatá-la para mim, afastei-a ainda mais. E também meu filho. Grande babaca! Sou um dos maiores administradores deste país, dono de uma fortuna ímpar, e simplesmente um zero à esquerda em questões do coração.

Vou ler as cartas de mamãe, procurar uma resposta, uma ajuda, alguém que não vá me censurar ou apontar minha falha. Preciso urgentemente encontrar um meio de trazer Marina de volta para minha vida. Pego a caixa com as cartas de mamãe e sinto-me um cretino por simplesmente já não ter lido todas elas. Sei que parece frio da minha parte, mas é como se eu pudesse falar com ela em cada momento específico. Sua letra tão linda nestes envelopes amarelados me faz, por um segundo, sentir seu toque suave, seu carinho de mãe. Eu sei que perdê-

-la me tornou um homem solitário e vazio de amor.

“Para quando estiver triste...

Quando estamos tristes é sempre bom um colo de mãe, um chá quentinho ou só um cafuné mesmo. Desculpe por não poder te dar nenhum deles agora. Desculpe, filho.

A única coisa que me restou foi deixar minhas palavras. Que elas sirvam de consolo e amparo, que te direcionem de alguma maneira.

Chore, meu querido, chore muito, não tenha vergonha nem medo. As lágrimas lavam a alma e purificam o espírito. Elas são como um desabafo, vão dar alívio ao seu peito angustiado. Eu não sei o que o deixa triste hoje, mas, seja o que for, não pode e não deve ser maior que você.

Sua força, seu caráter, seu coração devem se sobrepor a ela; vença-a, nem que seja pelo cansaço. Buscar a felicidade exige esforço da

nossa parte. Ela não se dá só por respirarmos. Então, meu filho, você, que é tão determinado, coloque essa tristeza de lado e cure aquilo que a trouxe. Vá à causa e resolva.

Fale, grite, brigue, faça-se ser ouvido. Busque ajuda se não conseguir sozinho, mas vença a tristeza que lhe acomete. Lembre-se de que estar triste é um momento, e isso vai passar. Não faça disso seu mantra. Vamos, rapaz, agora que já chorou e aliviou o peito, levanta daí e vá ao encontro da sua felicidade, seja um amor, um sonho ou um desejo. Agora estou lhe dando um beijo na cabeça, um tapinha na sua bunda e dizendo: Vá lá, Otávio, meu menino forte, lute. Com todo amor do meu peito, Mamãe”

Chorei tudo de novo. Se cada carta de mamãe me fizer chorar assim, será difícil continuar. Ela sabia o que eu ia viver? Como mãe pode ter um sentimento tão forte assim que ultrapassa o limite do tempo e da ausência? Sinto como se ela estivesse aqui mesmo, pude até sentir o toque das mãos dela em minha cabeça. Mesmo sabendo que ia morrer, ela se preocupou comigo e deixou um pouco de si para mim. Amor maior do mundo.

Já perdi minha mãe, e não vou perder a mulher que eu amo, muito menos o meu filho, para o orgulho. Mamãe está certa, se preciso for, vou gritar para o mundo que eu quero e amo Marina, e somente ela pode me libertar dessa tristeza.

— Tony, tudo bem? Eu preciso de você. Poderia sair para tomar algo comigo em algum bar? — Ligo para o meu irmão.

— Oi, Otávio, posso, mas vou encontrá-lo para socar essa sua cara de pau. Como você teve coragem de fazer o que fez, hein? Só não te arrebentei ainda, porque tenho ficado com as meninas para Livia cuidar da Marina, seu desgraçado.

— Me encontre, Tony, eu posso explicar. Sei que parece feio demais, mas não é bem assim. Por favor, me encontre e ouça o que tenho para dizer.

— Ok. Você pode vir até a vinícola? Livia saiu e eu estou com as meninas. Aliás, por sua causa estou deixando minhas coisas de lado. Livia me intima a ficar com as meninas, e nem pisco, porque parece que vai me matar com o olhar como se eu tivesse culpa.

— Claro estou a caminho. E, Tony, obrigado.

Se até Tony está bravo comigo, é que a coisa está feia mesmo. Primeiro passo dos conselhos de dona Maria Clara: buscar ajuda. Meu irmão é um mole bobão para essas coisas de coração, e só ele pode me dar uma luz.



Marina Meu tolo

corAção ainda nutria alguma esperança de que Otávio me ligaria ou bateria no meu portão esbravejando, o que quer que fosse, mas sou uma burra mesmo. Ele fez o que fez, estou magoada e ainda achei que ele consertaria tudo de alguma maneira. Acorda, Marina! Acorda e cresça, doce sonhadora. ELE NÃO TE AMA! Quer mais que tipo de prova?? Mas aí vem aquele lado imaturo buzinar no meu ouvido: “Se ele não sentisse nada, não teria se preocupado com você”. E o sensato, então, me acorda: “Era com o seu filho a preocupação, sua idiota”.

Enfim, preciso readaptar minha vida sem Otávio, como sem - pre foi. Estou feliz por continuar na empresa, ganhando bem e morando perto dos meus pais. Meu filho dormiu essa noite sem chorar e sei que aos poucos tudo vai se ajustar. O vínculo entre mim e Otávio nunca vai deixar de existir, então tenho a obrigação de saber lidar com a

presença dele. Aliás, consciência é o que tenho, sei agir, falar e me posicionar. Teoricamente seria perfeito, até ele aparecer, lindo, alto, forte e cheiroso na minha frente; aí, eu ferro com tudo.

Lívia tem sido minha grande companheira, e estou até me sentindo um pouco culpada por tirá-la de sua casa, de perto das meninas. Então, depois de muita insistência dela e da garantia de que Otávio não iria aparecer por lá, resolvi passar o fim de semana na vinícola.

— Marina, as meninas vão ficar tão felizes que o priminho ficará com elas. No domingo, podemos ligar para o senhor Otá - vio e pedir que vá com a tia Marta curtir as crianças e almoçar conosco, o que acha?

— Claro, por mim tudo bem. Afinal, terei que aprender a me relacionar com todos eles.

Colocamos minhas coisas no carro e acomodo João na cadei- rinha. Antes de irmos definitivamente, passamos no mercado e compramos todas as guloseimas necessárias para um mês em uma ilha deserta. Tomei a decisão certa em ficar com eles, e já me sinto mais feliz.

No caminho, falamos de banalidades; percebi que Livia que- ria me distrair. João dormiu o caminho todo, ou seja, estarei ferrada. A novidade de estar com as primas provavelmente o fará dormir bem tarde.

Minha alegria dura pouco, porque, assim que chegamos à vinícola, vejo o carro de Otávio estacionado.

— Livia, diga que não fez isso de propósito, pelo amor de Deus! Eu não estou preparada para encontrá-lo ainda.

— Assim você me ofende, Marina. Eu não sabia que ele es- taria aqui, juro. Ele e Tony não se falam há dias, e nem mesmo Tony sabia que você viria. Talvez ele esteja aqui a negócios. Vamos apenas cumprimentá-los e ir para os fundos da casa até que ele se vá, está bem?

— Desculpa, Livia. Tudo bem, claro.

Tudo bem nada! Estou suando frio, as pernas parecem gela- tinas e sinto que meu coração vai saltar do meu peito a qualquer momento. Por que não consigo sentir ódio dele? Por quê?

Descemos e, para minha surpresa e alívio, nenhum dos dois está aqui. Os empregados informam à Livia que ele e Tony fo- ram à vinícola com as meninas. O quarto já está arrumado, pois, no caminho, Livia ligou para que as funcionárias deixassem

tudo pronto. Há até um bercinho para João. Minha comadre é fantástica e tem sido uma irmã para mim.

Como havia previsto, João desperta e corre para todos os cantos da mansão e eu, esgotada, tenho que segui-lo por todo lado. O bom é que me distrai e já nem penso mais em Otávio... Até que ouço a voz grave dele conversando com Tony. À medida que eles vêm se aproximando da sala, o som da voz vai aumentando. Justo agora Livia subiu para tomar banho! Viro-me no exato momento em que eles entram e João sai correndo desesperado. Sinto-me culpada por essa saudade dele.

— Papá, papá! — João corre para os braços do pai.

Otávio se abaixa para abraçá-lo e a cena me comove; o amor deles é demais. Entre as poucas palavras que meu filho fala, “papá” é a principal e a primeira que falou. Levanto-me e, com toda coragem, aproximo-me deles. Tony me olha querendo pedir desculpas, mas eu o conforto sinalizando que está tudo bem. Otávio, que está ajoelhado, ergue o olhar para mim e sorri. Eu, hipnotizada, sorrio de volta com empatia. Sónsa deveria ser meu nome do meio.

— Mamá, papá! Papá — João me chama e fica apontando para o pai.

Ah, como vai ser difícil, meu senhor!

Otávio se levanta com João agarrado em seu pescoço, me cumprimenta e sussurra um obrigado.

“Ei? Como? Ele acha que eu vim aqui para vê-lo? Por que está sendo educado? É mais uma tática?”. Fico sozinha com minhas perguntas quando as meninas chamam o primo para brincar. Os pais babões saem atrás das crianças e é muito engraçado: dois homens tão altos e fortes, absolutamente suscetíveis a três serezinhas tão pequenos.

Essa noite promete, mal começou e eu já mudei mil vezes de opinião, já perdi várias batidas do coração e estou com mais perguntas que uma prova de vestibular.



otávio tony é o

melHor irmão Do munDo. Além de me ouvir, aconselhou-me sobre como agir. O problema será eu conse- guir fazer qualquer coisa que ele sugeriu: pedir desculpas, falar que eu gosto dela, pedir que ela fique, dizer que o con- trato foi um teste. Ah, ele só pode estar brincando! Eu sei que lá no fundo é isso que tenho que fazer, mas parece huma- namente impossível para mim. Passei a tarde brigando com meus conflitos, o orgulho e a saudade me dilacerando.

— Otávio, a Lívia chegou. Vamos voltar? Preciso levar essas gatinhas para tomar banho e jantar. Meninas, venham.

As pequenas vêm correndo com o rostinho todo suquinho. Elas são lindas! Pego Luiza e Maria Clara vai no colo de Tony. Dá uma saudade do meu filho.

Quando entramos, as meninas vão correndo para dentro da casa, mas a cena que eu vejo me deixa estático e um lampejo de alegria me

toma: Marina e meu filho estão brincando no chão. Ela para e me olha. Está tão linda! Seus olhos grandes, arregalados, olham assustados para João, que vem em minha direção correndo e me chamando de “papá”. Sinto-me o homem mais importante do mundo e só não choro por vergonha.

— Meu filho, vem cá, querido. Papai está com muita saudade, sabia?

Ele acena com a cabecinha que sim e não desgruda do meu pescoço. Pelo bater do meu coração, percebo que Marina está

se aproximando. Ela nos cumprimenta e olha com ternura. Tenho vontade de abraçá-la, mas me contenho e apenas sorrio e sussurro um obrigado.

Nosso momento é cortado pelas meninas, que chamam o primo e os três saem correndo. Vou atrás deles, na verdade, ganhando tempo para pensar. Não imaginava encontrá-la aqui. Eu queria pensar a melhor maneira de conversarmos, mas também não posso ir embora sem falar nada. Vou ter que me virar.

Livia surge depois de colocar ordem em tudo, mandando que as babás levem as crianças para tomar banho e nos servindo bebidas e aperitivos. Como sempre, ela é uma excelente anfitriã e educada, mas me trata com hostilidade. Tony já havia me avisado que minha cunhada tinha tomado as dores da amiga, então tento ser o mais cauteloso possível.

— Não sabia que viria aqui hoje, Otávio. Veio a negócios? Já vai embora? — Quando quer ser cruel, Livia consegue.

Eu me vejo um pouco na atitude dela e me repreendo internamente. Mal tenho tempo de responder e Tony me salva: — Sim, querida, ele veio a negócios porque eu não pude sair por causa das meninas. E ainda temos uns assuntos a tratar, então Otávio jantará conosco, tudo bem? — Tony fala e já beija a esposa para não receber nenhum olhar de recriminação.

De bobo ele não tem nada, viu? Minha vontade é aplaudir meu irmão. Sinto-me feliz em ficar, assim encontro uma maneira de conversar com Marina, pois já sei que ela vai passar o final de semana aqui.

Tento disfarçar o nervosismo, mas minhas pernas não obedecem e não param quietas, e não consigo racionalizar nenhuma maneira de chamar Marina para uma conversa. O tempo vai passando e ficamos falando trivialidades, bebendo. Tony é o único que fala tentando ser cordial e imparcial; Livia não diminui sua antipatia e sua cara hostil; Marina olha para qualquer lugar menos para mim, e não abriu a boca nem mesmo para

responder às perguntas bestas de Tony. Tudo é no mínimo im- pessoal e estranho.

O jantar é servido. Meu tempo está acabando e temo por isso. À mesa, eles conversam animadamente e quase engasgo com a comida quando Marina diz a Tony que voltará para São Paulo. Eu olho-a aturdido.

— Mas já, Marina? Por que não fica definitivamente em Caxias? — Tony pergunta a ela, mas olhando para mim, com uma grande interrogação na cara.

— “Já” não, Tony... Ainda. Estou há muito tempo afastada da empresa. Eu até temia que a Livia não fosse mais me aceitar, mas hoje, quando conversamos, tive meu emprego de volta. Então, vou apenas resolver umas pendências judiciais quanto à guarda de João e irei o mais rápido possível — ela fala arrogante e desafiadoramente, e me encara quando termina.

Sustento seu olhar e no silêncio que surge, sem me con- ter, digo: — Nem tão rápido assim.



Marina Esse cArA é

um otário mesmo! O que eu vi nele? Ok, deleta o cabelo loiro, os olhos azuis, o rosto firme, os músculos bem distribuído no seu 1,90 metro e seu sorriso p-e-r-f-e-i-t-o. De- letou? Sobra o quê? Inteligência, masculinidade, autoridade, presença e muito dinheiro? Tá, ele é quase perfeito, se não fosse por sua grosseria e sua autossuficiência. Queria dar uma resposta bem marcante, mas, como as palavras não vêm, res- pondo monossilabicamente e saio da mesa. Se não pode com ele, fuja dele.

— Veremos! — finalizo, atiro meu guardanapo na mesa e saio triunfante. Ainda bem que não trombo em nada.

Mal entro no quarto e Tony vem falar comigo. Ah, claro, ele vai ficar do lado do irmãozinho dele.

— Marina, eu posso falar com você um pouquinho?

— Se for para defender aquele lá, nem perca seu tempo. Tô muito

puta com seu irmão, Tony, ele é um verdadeiro babaca. O que ele quer? Que você me convença a deixar João com ele?

— Não, ele nem sabe que estou aqui. Deixei-o lá na sala para encarar a Livia como castigo. Vim até aqui, porque vocês são dois cabeças-duras e, se ninguém interferir, irão acabar com algo lindo em nome de um orgulho infundado. Sente-se aqui, Marina. Tudo que vou te falar agora deveria ser dito por Tavi-nho, mas sei que você estará longe quando ele criar coragem para dizer, e talvez seja tarde demais. Tudo que vou te dizer

são palavras dele, que desabafou comigo. Sei que estou sendo duas caras e traindo meu irmão, mas é pro bem dele e um dia ainda vai me agradecer. Eu acho que ele tem que vir sim falar com você, só queria que soubesse antes de ir embora. Tavinho é louco por você e está totalmente apaixonado. Desde que você ganhou o João, ele nunca mais teve outra mulher. Ele ia te procurar antes de tudo, mas achava que você e John estavam em um relacionamento; depois, você perdeu a memória, e Otávio lutou para reconquistá-la, mas, nesse meio-tempo, você voltou ao normal e o desprezou de novo. Então ele ficou perdido, e o medo de não ter mais vocês o fez agir infantilmente. Aquele contrato foi proposital, para que você fosse até ele, pois esperava que rissem de tudo após provar que te amava, só que o jeito de ele provar isso é meio estranho e a afastou. Marina, ele está apavorado, com medo de você partir.

— Tony, valeu a tentativa, mas não consigo acreditar em nada do que falou. E o medo dele é de ficar longe do filho, não de mim, só isso.

— Marina, eu vou deixá-la com essas informações; no fundo, você sabe que é verdade. Agora que tem conhecimento dos sentimentos dele, pense bem nas suas decisões. Eu sei que ele tem que te dizer tudo isso, mas só adiantei o assunto antes que seja tarde demais. Eu jamais o defenderia se ele não tivesse sido sincero. Ele é meu irmão, mas você é minha melhor amiga, e estou aqui sendo o advogado do diabo, porque quero o bem de vocês todos, principalmente o do meu sobrinho. Conte comigo sempre. Eu te amo, viu, cunhada?

Tony beija minha cabeça e me deixa perdida em pensamentos. Puta que pariu, Otávio me ama? Será mesmo? Tenho vontade de chorar e rir ao mesmo tempo. Se existe alguém mais fácil que eu, desconheço. No entanto, não vou facilitar as coisas para ele não. Sim, eu acreditei em tudo que Tony me disse e a esperança me assolou de tal maneira, que um pouquinho mais

e iria correndo agarrá-lo. Que plano mais idiota do contrato! Só por Deus! Tamanha criatividade.

Desde que nos conhecemos temos vividos desencontros, e passamos mais tempo brigando do que de bem, não temos uma história, tampouco momentos. Só que Otávio está impregnado em mim de um jeito que não consigo me lembrar de como era antes nem imaginar como poderia ser depois dele. De um lado me parece tão errado nós dois; do outro, porém, penso que fomos feitos um para o outro.

Uma batida à porta me traz à realidade. É Livia, que entra com João aos prantos.

— Ei, meu amor, o que foi? Por que está chorando? — Pego meu filho e tento acalmá-lo, mas ele está desesperado, falando “papá” sem parar. — O que houve, Livia?

— Bem, eu discuti com Otávio enquanto você e Tony conversavam e ele decidiu ir embora, mas, bem na hora que estava se levantando, João veio correndo e não queria soltar o pai. Então, eu o peguei no colo na marra para ver se você consegue acalmá-lo. Ou isso, ou Otávio terá que ficar. Ele está lá embaixo xingando e dizendo que estamos cometendo um crime de tirar o filho dele.

— Shhsh, meu filho, calma. A mamãe tá aqui, tá bom? O que você quer?

— Qué papá... Mimi papá.

Meu coração amolece e penso em descer para pedir que Otávio fique, mas, mais rápido que eu, ele entra no quarto intempestivamente.

João se joga no colo de Otávio, que abraça o filho com tanto amor, que não posso privá-los disso. Livia sai do quarto e encosta a porta. Meu coração dispara e fico feito boba olhando pai e filho se abraçando.

— Calma, meu filho, o papai vai ficar aqui com você, está bem? Claro, se a mamãe deixar. — Otávio joga sujo: fala para o

menino e me olha erguendo a sobrancelha, deixando-o com a maior cara de arrogante.

Mostro a língua para ele sem que João veja.

— Claro que a mamãe deixa. Pode dormir com seu papai, tá bem, filho? — falo por entre os dentes.

Otávio sorri vitorioso, presunçoso (e lindo, viu?). Então ele tira os sapatos sem deixar João, que está agarrado a seu pescoço, e se deita na minha cama. É lindo ver os dois, tão parecidos e com uma ligação surpreendente.

— O que pensa que está fazendo, Otávio?

— Ora, deitando com meu filho para dormir. Você não vem?

Apague a luz.

— Até parece que vou dormir com você na mesma cama, só pode estar louco! Mas pode ficar aqui, vou deitar em outro lugar.

Cara mais presunçoso, Senhor.

— Você quem sabe. Nós vamos ficar aqui, né, filhão?

Eles se beijam e deitam abraçadinhos, e eu morro de ciúmes. João quase nem me deixa beijá-lo.

— Boa noite, Marina. Quando sair, encoste a porta.

Ai, que ódio! Estou quase chegando à porta quando meu filho me chama:

— Mamá, vem mimi. Mamá, vem.

— Não, meu amor, hoje você vai nanar com o papai, tá bom?

A mamãe vai dormir em outro lugar.

Volto para lhe dar um beijo de boa noite e ele abraça o meu pescoço, pedindo para que eu fique também. Ai, menino, se não fosse tão pequeno e inocente, ia dizer que é armação. Faço menção de sair e ele chora. Ai, meu Deus, é hoje!

— É, Marina, acho que ele quer o papai e a mamãe com ele — Otávio diz, com a maior cara de cínico, desafiando-me.

E eu, claro, deito na cama com eles...

João abre os bracinhos e segura a mão de Otávio e a minha. Inegavelmente, ele é um elo muito forte entre nós e que,

independentemente de qualquer coisa, sempre nos unirá em favor dele. Simultaneamente, eu e Otávio nos viramos de lado e ficamos de frente um para o outro com nosso bebê no meio. Sustentamos o olhar, até que euzinha aqui, claro, não resisto e baixo o olhar. Parece que se passam horas, mas em alguns minutos João adormece. Eu tento me desvencilhar, mas ele me puxa, então desisto, vou dormir aqui mesmo. Ou seja, deitarei aqui, pois dormir será impossível.

Estou excitadíssima, ansiosa e com o coração aos pulos. Estou tão próxima do homem que eu amo e ao mesmo tempo tão longe. Tantas palavras para serem ditas e o silêncio nos consome. Sinto que ele também não é imune a mim, pois seu peito sobe e desce rapidamente, resultado de uma respiração pesada. De repente, sua voz grossa ressoa no quarto: — Marina, eu quero dizer que... — ele começa, mas para de repente.

— O quê? — sussurro, desesperada para saber o que ele vai dizer.

Mal sabe ele que precisa apenas dizer que me quer e serei dele.

— Obrigado por me deixar ficar.

E só?

Ele respira ofegante, mas não diz mais nada. E eu, frustrada, fecho os olhos para tentar dormir.



otávio Burro!

porrA, como sou Burro! Estou deitado ao lado de Marina, consegui algo que há alguns minutos seria impossível, tenho uma grande chance, talvez minha única chance, e o que eu digo?
“Obrigado.”

O suspiro que ela dá me prova que fui um imbecil. Pensei em falar tantas coisas, pedir desculpa pelo contrato, dizer que me importo, que amo e que quero que ela fique. Matutei tudo isso, ensaiei mentalmente enquanto João adormecia, esperei o momento adequado, suspirei forte e... nada. Passou meu momento. Não sei por que travo quando estou com Marina.

O dia amanhece e não dormi nada. Preciso tomar dois banhos para conter minha excitação diante de Marina. Olho para os dois naquela cama e vejo que não há lugar nenhum do mundo em que eu prefira estar, não há ninguém no mundo que eu deseje que esteja aqui além dos dois. Eu preciso ter você, Marina. Mas como? Sou bem mais velho que você, porém mais imaturo.

— Oi, bom dia. Faz tempo que acordou? — Ela senta-se na cama e me pega no pulo observando-os.

Mesmo descabelada, espremendo os olhos, ela é a imagem mais linda. E eu sorrio de volta.

— Bom dia. Dormiu bem?

João desperta e vem correndo até mim. Pego meu moleque no colo e ganho meu dia com o abraço dele. Que vontade de envolver Marina nele também.

— Dormi bem, sim. Ei, João, e a mamãe não ganha abraço?

Coloco-o na cama para ir com Marina, mas ele me puxa. Eu me desequilibro e caio sobre a perna dela. Nós dois levamos um choque.

— Desculpa, Marina, esse menino está muito levado. Vamos descer e tomar café?

— Sim, vou me arrumar e já desço. Se puder ir na frente com ele... —
As bochechas dela ficam vermelhas.

Pego meu menino e desço com um sorriso bobo no rosto. Foi uma típica cena de família feliz, e eu a quero para minha vida toda. Resolvo então que, após o café da manhã, falarei com Marina.

Assim que desço, descubro que papai e tia Marta virão al- moçar conosco; assim, preciso ser rápido e tentar falar com ela antes do alvoroço. A cara da Livia está melhor. Ontem, eu achei que ela fosse me matar. Tentei me explicar, mas ela nem me deu ouvidos, então pedi a Tony que explicasse por mim, e presumo que ele o tenha feito. Essas mulheres unidas são mais fortes que um exército.

O café da manhã acontece surpreendentemente tranquilo. Falamos banalidades, somos distraídos pelas crianças e suas pé- rolas e vejo que meu tempo está se esvaindo. Tenho que agir rápido. Estou suando frio e não consigo formular um jeito de chamar Marina. Olho para Tony, que entende meu olhar de sú- plica e mais uma vez me salva: — Livia, vamos ficar na varanda esperando papai com as crianças?

— Vamos. Marina, você pode, por favor, retirar as coisas do café com Otávio?

Que mulher mais inteligente. Obrigado, Deus!

Marina olha com cara feia para Livia, percebendo a armação. Depois, preciso pensar em uma forma de agradecer à minha cunhada. Pronto, essa é minha chance. Não posso agir feito um maldito adolescente toda vez que fico a sós com Marina. Essa situação tem que ter fim, pois já está ficando ridículo.



Marina filha De

uma mãe essa lúvia, me deixou em uma enrascada. Depois acerto com essa engraçadinha. Para disfarçar a tensão, começo a tirar as coisas da mesa apressadamente, deixo as louças sujas na pia, mas, quando me viro, levo um susto. Otávio está parado atrás de mim e ficamos frente a frente.

— Marina, eu quero falar com você. Ah, não consigo fazer isso! — Ele está com a respiração entrecortada, começa a falar, mas interrompe com um beijo ardente.

Sem reação, eu deixo que ele me beije, e é uma loucura.

Quando enfim conseguimos nos separar, nos encaramos ofegantes. É tudo muito louco, uma relação de amor e ódio, contenção e entrega, calma e explosão, tudo na mesma proporção.

— Desculpa, Marina. Eu simplesmente não consigo me conter na sua presença, mas sei que precisamos conversar. Podemos ir até o escritório do Tony?

Aceno que sim com a cabeça e ele me puxa pelas mãos. Vou

seguindo-o feito a marionete que sou quando fico ao lado dele.

Otávio espera que eu entre. Enquanto me sento, ele tranca a porta com a chave e a tensão é pungente. Meu lado irracional queria, sim, esquecer qualquer conversa polida e dizer tudo por meio dos nossos beijos e dos nossos corpos. Meu lado racional, porém, me faz perceber o quanto é necessária essa conversa que será nosso divisor de águas.

— Marina... Bem, pra mim, é muito difícil falar sobre sentimentos, então, mesmo se eu for um imbecil, escute até o fim. Primeiro, desculpe-me por ter feito aquele contrato idiota. Eu quis desafiá-la e testá-la, mas acabei criando uma situação des - necessária. Por mais que eu ame nosso filho, não seria capaz de tirá-lo de você, nem mesmo posso impedir que tome suas decisões. Desde que nos envolvemos, vivemos situações inusitadas, começamos de trás para a frente. Foram inúmeros desencontros, brigas, mas eu quero muito mudar nossa história, Marina. Nunca tive um relacionamento, sempre me bastou ser sozinho, não sentia falta de ter alguém, e pensei que seria sempre assim, até que te conheci. No começo, não admitia que pudesse sentir algo por você e confesso que lutei contra os meus sentimentos, mas perdi. Enlouqueci de ciúmes quando você foi para os Estados Unidos com aquele americano imbecil, depois senti uma dor imensa ao vê-la correr risco de vida, e em seguida senti a maior alegria ao ter João em meus braços. Você despertou todos esses sentimentos em mim, e fiquei perdido na confusão que eles fizeram no meu coração. Senti medo de assumi-los, mas o medo de perdê-la foi maior. Tentei me afastar, porém a saudade e o desejo colocavam você na minha cabeça e eu podia ir para qualquer lugar que você estava lá. Então, Marina, se isso não for amor, eu não sei o que é. Você aceita ficar comigo? Aceita ser minha, não por ser a mãe do meu filho, mas por ser a mulher que me ensinou a amar? Sei que sou velho pra você, sou imaturo nas questões do coração, sei que não te mereço, mas sou também egoísta o bastante para te pedir. Marina, casa comigo? Ah? Estou zozza. Amor, casamento, quero você, tudo de uma vez, para mim, dito por esse homem maravilhoso. Não sei se simulo um desmaio ou se saio correndo. Ele me olha suplicante. Eu queria ser durona, difícil, e dar muito trabalho para ele me conquistar, mas esse seria um castigo contra mim mesma. E agora? Pensa, Marina, pensa. Quero esse homem

mais que tudo, mas também não posso ser tão entregue assim. Suspiro fundo.

— Otávio, e-eu... eu n-não sei — gaguejo.

O olhar sofrido dele quase me faz beijá-lo, mandando o orgulho para o espaço, mas recupero a sanidade e olho para baixo para não ceder.

— Eu não vou negar que gosto de você, mas também não posso negar que estou magoada. E casamento? Nós nunca nem namoramos, Otávio, não temos nem mesmo um relacionamen- to. E outra, isso é jeito de pedir a mão de alguém?

— Não precisa de nada. — Otávio sorri. — Já que come- çamos de trás pra frente, já que tudo foi uma bagunça, vamos pular esses estereótipos e partir logo para o “felizes para sem- pre”? Eu sei que sou um grosseirão, mas vou me esforçar para mudar. Vou refazer esse pedido de casamento se ao menos hou- ver a possibilidade de você dizer que sim. Pense o tanto que tiver para pensar, só não me afaste. Me adiante: há uma chance de você ficar em Caxias, há uma chance de tentarmos?

— Vou pensar, Otávio, vamos conversar. E, sim, há uma chance de tentarmos, mas no meu tempo, ok? Quanto à minha mudan- ça, já tomei minha decisão, e vou reassumir meu emprego.

— Por favor, fique aqui, Marina. Eu compro a empresa que você quiser, monto o negócio que você desejar. Essa distância vai me matar, e João ficará sozinho. Fique...

— Otávio, essa distância vai ser importante para pensarmos e analisarmos o quanto fazemos ou não falta um para o ou- tro. Também preciso do meu trabalho e nunca dependeria do seu dinheiro ou da sua influência. Quero trabalhar pela minha capacidade. Eu pensei bem também e resolvi que vou deixar João com você até que me organize e esteja pronta para levá-lo comigo, pode ser?

— Eu não acho que precisa de distância para saber o que sentimos. Pelo menos para mim está claro que gosto de você e

te quero. E eu nunca montaria algo que não fosse lucrativo, ou seja, você trabalharia por sua conta em um negócio que seria bom para nós. Pense direito, Marina, não sei se sou capaz de assumir uma relação a distância. Quanto a João, se dependesse apenas de mim ele jamais iria embora.

Fico louca para contar que o emprego é aqui em Caxias, que não vou embora e que esse tempo é curto, mas é bom para o meu ego ver esse homem angustiado, implorando um pouquinho. Será um bom teste: realmente ele me quer por mim ou por nosso filho? Porque ele estará com João; se sentir falta, terei a certeza de que me ama de fato. Na hora certa eu conto a verdade.

— Otávio, há muita coisa em jogo e muita coisa pela frente. Se resolvermos ficar juntos, futuramente veremos a melhor maneira de dar certo. Por enquanto, não vou mudar minha decisão.

— Tudo bem, vamos tentar desse seu jeito aí, só não sei se consigo.

Ele deita sobre mim no sofá e trocamos beijos e toques sedutores, bem como juras de amor não ditas com nossas respirações entrecortadas. Seríamos capazes de nos amar aqui mesmo se não tivéssemos sido interrompidos por Livia, que veio nos avisar de que as visitas haviam chegado.

— Otávio, você precisa parar com essa mania de me agarrar a hora que quer! Já disse que vou pensar — falo sem nenhuma convicção, enquanto nos recompomos para sair.

— A senhora que manda, dona Marina. Mas, se fosse tão ruim assim, com certeza eu não seria retribuído. — Ele me pisca de maneira sexy como o diabo e sai da sala na minha frente.

Claro, né? Eu sou a evidência pura de que ele mexe com todos os meus sentidos.

A tarde é muito agradável, as crianças brincam, todos nós conversamos animadamente, o clima é leve e parece que toda a tensão pela qual passei esse dia sequer existiu. Enquanto eu

e Livia preparamos a sobremesa e o café para servir, conto a ela o episódio da sala e a proposta de Otávio.

— Marina, estou surpresa com você, por ter conseguido esconder dele o fato de que já está decidida a ficar aqui. No fundo, porém, fez a coisa certa. Deixa ele lutar um pouquinho por você. Vou avisar o Tony para ficar de bico fechado, pois o irmãozinho dele terá que suar a camisa para trazer minha cunhada de volta. — Livia me abraça.

Eu começo a acreditar que enfim serei feliz.

Está tarde e estou muito cansada, porém não consigo dormir. Parece que assisti a um filme de amor, mas a história é comigo e o romance é meu. Está difícil assimilar tudo isso e acreditar que enfim tudo está dando certo. Otávio ficou o dia todo amigá - vel, porém não conversamos a sós e nem mesmo nos tocamos. Ele fez questão de me levar para casa e não disse absolutamente nada. É muito ponderado, achei que fosse esbravejar e pedir que eu não viajasse, mas seu silêncio me previne a ter cautela. Ou ele é muito frio ou não sente esse amor todo que diz sentir. Despedimo-nos em frente à casa dos meus pais apenas com um tchau. Depois que João acalmou o escândalo e deixou que o pai fosse embora, Otávio se foi sem olhar para trás. Vai ser barra sustentar essa mentira, mas tenho que fazer isso para pôr fim a todas as minhas dúvidas e inseguranças.



otávio Hoje fAz um

mês que Marina foi para São Paulo. Ela liga todos os dias para falar com João e comigo, e nossa conversa é des- contraída; parecemos dois amigos. Cada vez que desligamos, fico duro de tanto tesão. Essa mulher desperta o melhor de mim, mesmo ao telefone. Ser paciente é a última de minhas qualidades e suportar essa decisão de Marina está me testando de todas as formas.

Quando me declarei, pensei que na hora ela diria sim, que a essa altura já estaríamos casados e tudo bem; afinal, não é isso o que as mulheres querem? Casar, ter filhos, toda essa coisa? Mas não, eu tinha que gostar de uma feminista independente, que quer ter a porra do próprio emprego e ainda pensar se quer ou não uma relação. E eu tenho que ficar feito um babaca es - perando. Só que isso está me consumindo.

Às vezes olho por uma boa perspectiva: realmente será bom, e se ela deixou João comigo é porque voltará; além disso, acre- dito que

esse tempo nos trará certezas. No entanto, ao vê-la naquela tela do computador gostosa para cacete, enlouqueço de abstinência aqui, surto e penso que essa distância é uma desculpinha para me deixar, que estou sendo feito de bobo, me guardando e cuidando do nosso filho enquanto ela se esbalda solteirinha lá em São Paulo.

Só sei de uma coisa, estou puto e isso não é para mim não.
O pior é que não tem um filho da mãe a meu favor. Parece

conspiração! Meu pai, minha tia, meu irmão, a Lívia, todo mundo concorda que Marina tem razão, e toda vez que penso em ir até São Paulo alguém impede. Sério mesmo, se eu não gostasse tanto dessa menina, já teria mandado todo mundo para o inferno e desistido dela.

Eu, que sempre fui um homem de tantas mulheres, estou como pai solteiro e castro. Caramba, não me reconheço. Hoje despedi a Emanuelle das minhas empresas. A mulher virou uma sarna depois que lhe dei aquele serviço e sua insistência estava me irritando. Sem contar que não quero dar nenhum motivo para Marina ficar chateada.

Meu limite extrapolou. Aproveito que estou bravo com essa situação da Manu e com todo o tesão recolhido e resolvo pôr um ponto final nessa situação. Não tenho tempo nem disposição para joguinhos.

Mando meu piloto organizar um voo para São Paulo para hoje à tarde, ligo e aviso tia Marta que estarei ausente por dois dias, invento uma desculpa sobre os negócios e pronto. Nem vou à minha casa pegar mala. Se eles souberem da minha decisão, vão se intrometer e criar vários empecilhos. Organizo umas pendências na empresa e, resolvido, vou buscar aquela marrenta de vez.

Nunca imaginei na minha vida ter um relacionamento, o que dirá, então, um tão complicado?! Basta, dona Marina. As coisas agora serão do meu jeito.



Marina BurrA.

BurrA. BurrA, mil vezes. Sabe quando uma pessoa me- rece um troféu de tapada? Tantos diplomas, independência... o que adianta tudo isso se a pessoa é burra? Nada. Estou atônita olhando este teste de gravidez, que parece um outdoor de neon piscando na minha frente. Positivo. Positivo. Deslizes aconte- cem, erros, mas duas vezes? Não é possível. Essa coisa de sexo casual definitivamente não é pra mim. Foram duas ÚNICAS vezes que não me preveni e nas duas engravidei.

— Calma, Marina, não adianta você ficar chorando e blasfe- mando. Aconteceu. Tudo bem que você é uma lesada mesmo. Onde já se viu não tomar anticoncepcional, não usar preserva- tivos? — Patrícia está aqui na porta do banheiro me olhando com vontade de rir.

E eu estou prestes a desabar. Não conseguiria olhar esse resultado sozinha, então eis aqui minha amiga, como sempre, ao meu lado.

— Paty, depois que recuperei a memória foi tudo muito louco, eu estava num processo de autoconhecimento tentando organizar minha vida... foi um turbilhão de episódios. Eu estava indo à psicóloga, fazendo acompanhamento em neurologistas, psiquiatras, mas nem passou pela minha cabeça ir a um ginecologista. E também estava sozinha e aconteceu uma vez. UMA vez, amiga. No dia em que fui ao escritório de Otávio brigar por aquele contrato idiota, transamos loucamente e não

deu sequer tempo de nos prevenirmos. E agora? Vai começar tudo de novo? Vergonha de contar, medo, insegurança de Otávio só me querer pelo bebê? E se eu morrer? E se perder a consciência ou acontecer algo pior comigo? Estou ferrada.

Paty me puxa para um abraço e, como sempre, me acalenta.

— Não vai acontecer nada, para de ser pessimista! Primeiro, os médicos já disseram que foi um caso inusitado e que você não tem nada, que você poderia seguir sua vida normalmente e até engravidar se quisesse. Segundo, eu não vou permitir que você cometa o mesmo erro de omitir essa gravidez, entendeu? Agora deita aqui que vou fazer um chá.

Vim para São Paulo apenas para organizar todas as minhas coisas e dar um gelo no Otávio. Já estou pronta para voltar, só não fui ainda, pois há dias comecei a passar mal, e, como suspeitei, fiz esse teste e estou grávida. Agora que eu teria a certeza de que Otávio realmente gosta ou não de mim, vou pôr tudo a perder. Se ele tinha mudado de ideia, vai voltar atrás quando souber do bebê. Ai, o que eu faço, meu Deus?

— Aqui o chazinho da minha amiga. Ei, Marina, chorando de novo? Já deu, né? Tome esse chá, vamos conversar e a senhorita terá que tomar uma atitude.

— Que atitude, por exemplo, Patrícia?

— Ligar para o pai da criança seria uma, amiga?

— Ai, detesto quando você fala irônica comigo. Eu não queria contar até ter certeza de que ele realmente me quer. Faz um mês que estou aqui, Paty, e juro que cada dia imaginei que ele arrombaria a porta deste apartamento e me levaria à força, mas ele não questionou mais sobre o meu trabalho, e a sensação que tenho é a de que se o João estiver com ele está tudo bem.

— Marina, como você é complicada. Ele apenas está resmungando sua decisão. Quando ele quis se impor, você surtou. Decida-se, garota. Dessa vez não vou deixar você cometer aquela sandice. Está na hora de crescer, ok?

— Minha melhor amiga me chamando de criança, o homem que eu amo a milhares de distância com meu filho. Sou a pior mãe do mundo, deixei ele só para fazer um teste em Otávio. Que mãe faz isso? Agora mais uma criança vindo sem ser planejada. Ok, dona Patrícia, como sempre você tem toda razão do mundo, sou uma criança.

— Vem cá, minha criança preferida.

Deito no colo da Paty para mais uma vez chorar o leite derramado. Conversamos mais um pouco, tomo quase uma garrafa inteira de chá e decido que amanhã irei até Caxias contar toda a verdade para Otávio, desde o trabalho, o teste, e essa criança, e ele que decida o que fazer com toda informação.

— Ué? A campainha está tocando, Marina. Está esperando alguém? Para subir sem tocar o interfone deve ser o Paulo. Será que o delícia do seu irmão veio de surpresa? Vejo lá pra que você fique aí deitada.

— Acho que o bocó do porteiro deve ter saído de novo. Ficamos tão vulneráveis aqui... O Paulo tem chave, Patrícia, desfaz esse sorriso aí. Abre, por favor, mas vou levantar de qualquer maneira.

A porta está sendo esmurrada com força. Quem quer que seja, está bravo. Ouço Patrícia impaciente gritando que já vai e de repente meu mundo para de girar. Apoio-me na porta para não cair. Otávio está aqui. Ele veio até mim. Não poderia ser em pior momento.

Bem, vou antecipar minhas revelações. Meu coração está aos pulos. Esse homem me desestabiliza incrivelmente. Eu me ajeito em frente ao espelho da cama e vou ao encontro dele na sala.



otávio BrAvo é

eufemismo para o que estou sentindo, isso é bem mais perto de ódio. Quem aquela menina pensa que é para brincar com meus sentimentos assim? Será que todos sabiam dessa pa-lhaçada e somente esse tonto aqui nutria esperança? Ah, mas ela vai me pagar caro, muito caro. Bendita hora que decidi vir a São Paulo e bendito meu *timing* de ir direto à empresa em vez de vir ao apartamento dela. Agora que sei de tudo, quero ver a desculpa esfarrapada que vai me dar.

Meu ódio eleva a graus consideráveis quando subo ao apartamento dela livremente, sem nenhuma segurança. Se ela pensa que meu filho vai morar aqui, está redondamen - te enganada! Temo por ela também, mas não vou sucumbir. Para piorar tudo, a porta demora a ser aberta. Juro que mais alguns segundos e eu a colocaria no chão. Estou preparado para esbravejar quando Patrícia abre a porta. Merda! O que essa intrometida está fazendo aqui? Mais essa. Respiro fundo para não

ser grosseiro.

— Oi, quero falar com Marina. Ela está? — digo e vou entrando no apartamento, olhando em volta para encontrar algum vestígio da presença dela.

— Oi, Otávio, tudo bem? Sim, tudo bem comigo também. Vou chamá-la.

— Não precisa, Patrícia, estou aqui. Oi, Otávio.

Minha raiva se dissipa na hora em que coloco os olhos nos dela. Eles estão suplicantes e vermelhos. Ela estava chorando e isso me afeta mais que desejo. Tento acalmar os ânimos.

— Oi, Marina. Quero falar com você. A sós. — Olho para a amiguinha enxerida, e sei que não sou nada educado.

— Tudo bem, Marina, já estava de saída. Qualquer coisa me liga que volto na hora.

Patrícia beija Marina, fuzila-me com o olhar e sai. Assim que ela fecha a porta, eu esbravejo: — O que você pensa que eu sou, Marina? Algum moleque que você estava acostumada a “pegar” por aí?

— Otávio, eu não sei o que quer dizer com essa acusação, mas ou você abaixa o seu tom comigo ou pode sair agora mesmo. — Ela cruza os braços e me desafia.

Adoro essa sua força e atitude. Tenho vontade de esquecer tudo e beijá-la; a boca dela é um convite, uma tentação.

— Desculpe, só estou muito bravo com você. Por que me enganou assim, Marina? E nem tente negar, fui até a LUNEX e fui informado de que você nunca mais voltou a trabalhar lá. O que veio fazer em São Paulo? Uma despedida de solteira, enquanto o palhaço ficava de babá esperando você se esbaldar na farra?

Quase não completo a frase, pois sua mão voa no meu rosto. Ela tem força e sinto meu rosto arder. Seguro as mãos dela firmemente; não vou agredi-la, mas também não vou aceitar que ela me bata.

— Está louco, Otávio? Solte-me agora mesmo ou vou gritar. Chega aqui na minha casa me acusando e o quê? Vai bater em mulher?

Agora sou eu quem não a deixa terminar de falar e beijo-a enlouquecidamente. Sei que isso é imaturo, nunca consigo terminar um diálogo sem agarrá-la e despejar meu desejo em meus toques e beijos.

Marina me empurra e, ofegante, puxa-me pelas mãos até o sofá. Nós nos sentamos, mas meu corpo a deseja. Minha ira ainda está aflorada. Ficar parado será praticamente impossível, mas ela toca minhas mãos com suavidade e calma e seus olhos azuis me encaram me silenciando.

— Otávio, vamos tentar conversar como dois adultos que somos. Nossas conversas ou acabam em ofensas e gritos ou fu- gimos para sexo. Não dá mais. Chegamos ao limite. Quero dizer tudo o que sinto e quero ouvir tudo de você. Vamos respeitar o momento em que cada um estiver falando, tudo bem?

— Sim, Marina, eu quero ouvir de você por que me fez de idiota.

— Não fiz você de idiota. Aliás, você pode ser tudo, menos bobo, Otávio. Sim, eu vim até aqui para testá-lo, mas não tive a intenção de subjugá-lo; queria apenas ter certeza de que você me queria por mim, e não apenas por nosso filho. Eu já havia decidido ficar em Caxias muito antes de você me propor. Livia me ofereceu um emprego lá. Eu ia falar para acertamos amiga- velmente a guarda de João, porque não os queria afastar, mas aí você me procurou e fez todas aquelas promessas... Então, su- cumbi e quis me entregar na hora e contar toda a verdade. Mas meu ego falou mais forte, e quis ter certeza de que você não queria apenas João, por isso o deixei com você e vim até aqui. Já era para eu ir embora, mas outras coisas aconteceram — ela revela. — Bem, eu também tinha que resolver pendências do apartamento, do meu carro, tudo é financiado, e Paulo que vem pagando as prestações. Depois, eu voltaria para ter minha res- posta. É isso. Não o quis enganar ou fazer você de bobo, queria que nós dois tivéssemos certeza do que sentíamos. Esse tempo também foi para você.

— Eu já tinha certeza do que queria, Marina, você pode- ria ter dito a verdade. Eu daria espaço suficiente a você para pensar. Detesto mentiras. E João? Você deixou nosso filho por um mês? Você foi uma egoísta filha da mãe, não pensou nem

por um minuto em como nós nos sentiríamos sem você, só em como você se sentiria.

— Tudo bem, Otávio, talvez eu tenha tomado a decisão de forma errada, mas isso não me faz pior que você ou aquele contrato imbecil. Suas alterações de humor, nossa relação con- turbada, de repente um pedido de casamento... Eu também tive medo, ok? Agora, se esse sentimento que você diz sentir não puder superar esse desacerto, então fico convicta de que fiz a coisa certa. — Marina agora me desafia com sua boquinha petulante.

Eu só quero tirar a roupa dela e sentir seu gosto divino, acal- mar toda a excitação que tenho sentido, mas, como ela mesma disse, não dá para terminar a conversa assim. E também não quero dizer que aceito tudo facilmente e pronto. Sei que sou um orgulhoso e que isso só tem me ferrado, mas sou vencido por ele novamente.

— Agora estou muito puto para resolver qualquer coisa.
Conversamos amanhã. Vou embora.

Não era isso que queria dizer! Droga, me salve, Marina.

— Vai para onde, Otávio? Não tem cabimento ficar em hotel.
Durma aqui e amanhã conversaremos.

Graças a Deus ela me salva. Que vontade de abraçá-la. Por que meu corpo é tão teimoso?

— Tudo bem, só não quero atrapalhar. Vamos jantar aqui ou podemos sair, se quiser. Eu não cozinho como Tony, então é sair ou pedir.

Fico ansioso pela resposta dela. Se Marina for amável, tenho chances de reverter as coisas ainda hoje.

— Vamos pedir, estou cansada. Como pode ver, as caixas estão prontas; eu estava me organizando para ir amanhã. Não conseguiria dirigir até Caxias, então vendi meu céu, e iria de ônibus, mas também precisava pagar meu irmão por todas as despesas que ele teve aqui. Tudo isso me consumiu.

— Por isso estava chorando? Porque teve que vender seu carro?

Droga, a primeira coisa que farei em Caxias é comprar o melhor carro para ela. Como não pensei nisso antes? Burro! Ela adora veículos, velocidade. Poxa, vou providenciar urgentemente isso.

— Ah, sim, era — ela fala tímida.

Pronto, essa menina me tem nas mãos dela. Já estou entregue. Quero abraçá-la e dizer que nunca mais sentirá vontade de ter alguma coisa, pois eu darei a ela o que desejar.

— Vou me trocar, Otávio. Enquanto isso, ligue no número ali daquela mesinha e escolha o que quiser.

Marina se trocando na porta ao lado? Que comida, que nada! Espero um tempo e abro a porta do quarto com tudo, a tempo de vê-la nua de costas. DIVINA. PERFEITA. Ela vira e tenta protestar com minha invasão, mas sou mais rápido. Pego-

-a no colo e coloco-a delicadamente na cama. Ela me deseja tanto quanto eu a desejo, seu olhar inocente a denuncia e ela se entrega.

Porra, chega de brigas, chega de desencontros, de orgulho, de qualquer outra porcaria que me separe dela. Eu amo essa mulher com todas as minhas forças e beijo-a como se dependesse minha vida. Nossos corpos se reconhecem na hora e se encaixam perfeitamente. Ela, como sempre, está pronta para mim e penetro-a forte, com desejo, com saudade, com amor.

— VOCÊ. É. MINHA. MENINA. ENTENDEU? M.I.N.H.A.

Depois de nos sentirmos e nos saciarmos de diversas formas, perdidos no tempo e na paixão, resolvemos enfim jantar. Tudo fica para trás. Nasce hoje nosso relacionamento. Vou fazê-la feliz, assim como ela me faz.



Marina Até que

enfim Há normAliDADe entre mim e Otávio. Paz. Enquanto peço a nossa comida e arrumo a mesa, ele entra para tomar um banho. Estou leve e feliz. Agora sim estou pronta para contar sobre a gravidez. Sei que ele me ama, eu sinto. Seremos felizes, uma família feliz, eu, ele, João e esse novo ser. Minha família, meu amor. Estou tão absorta nessa minha bolha de felicidade que não percebo Otávio sentado atrás de mim. Viro-me sorrindo e ele está sentado com cara feia. Mas o que foi agora, senhor?

— O. Que. É. Isso. Marina? — ele diz pausadamente, com muita raiva na voz.

Reconheço nas mãos dele o meu teste de gravidez. Droga, droga. Mil vezes não! Esqueci na pia do banheiro. Mais uma mentira, mais uma omissão, ele não vai entender.

— Me diz que não é o que estou pensando. Mais uma men-

tira? É meu esse filho?

— Não é da forma que está pensando, Otávio, é...

— É de que forma, PORRA? — ele grita.

Eu me assusto. Agora, coloquei tudo a perder, mas ele me magoa quando pergunta se o filho é dele.

— Não grita, já disse que não admito que grite comigo. Eu não sabia. — Começo a chorar e não consigo falar.

— Não adianta chorar, Marina, só vou te escutar e ir embora. Aos soluços e com a voz falhando, tento me explicar:

— NÃO! Por favor, não! Eu comecei a passar mal esta semana e, desconfiada, comprei hoje esse teste de gravidez. Quando você chegou, eu tinha acabado de descobrir, por isso meus olhos estavam vermelhos de chorar. Foi um choque, eu..

— Você ia me dizer quando? No hospital, quando fosse ganhar a criança? Suas mentiras de novo? O tonto aqui ia descobrir que tinha um filho só quando ele nascesse? Ou não é meu?

— Eu não tive tempo, não esperava que você viesse aqui, ainda não absorvi a ideia. E também preciso ter certeza com um teste mais profundo. Não me magoe, Otávio, duvidando da paternidade. Não faça isso, pois não terá volta.

— Ah, agora não posso nem duvidar? Você teve todo tempo para falar, Marina, acabamos de ter a conversa definitiva em que VOCÊ propôs sinceridade. Não posso acreditar que ia me enganar de novo. Não dá. Estou indo embora daqui e da sua vida.

— Por favor, fique, Otávio — suplico segurando seus braços fortes e musculosos, que estavam me abraçando havia apenas alguns instantes. — Não me deixe aqui sozinha com nosso filho. Desculpa.

— Não se humilhe, Marina. Não consigo, não agora.

Ele me deixa chorando, sai sem se importar comigo ou com a criança. Eu vou escorregando no chão e, apoiada na parede, choro descontroladamente.

Não vejo o tempo passar. Choro tanto, que adormeço no chão. Sinto mãos me levando ao quarto, abro levemente os olhos na esperança de ser Otávio, mas é Patrícia. Eu, então, deito na cama e desejo dormir para sempre. Sou apenas dor e solidão.



otávio Apesar DA

rAivA , não posso deixá-la chorando nesse estado. Ligo para Patrícia e, depois de ouvir vários desaforos de que sou um canalha, fico aliviado de saber que ela vai acudir Marina. Vou para o hotel confuso nesse turbilhão de sentimentos.

Estava bravo havia poucas horas, depois amando, em seguida magoado. Estar com Marina é uma montanha-russa sem fim. Um filho. Porra, outro filho! Para quem nem imaginava um dia ser pai, dois já está demais. Sorrio ao destino. Sei que a magoei duvidando da paternidade, mas só falei aquilo como uma defesa da minha decepção, pois sei que é meu. Na hora que peguei o teste, lembrei-me da nossa loucura naquele dia no meu escritório. Dois irresponsáveis. Dois apaixonados.

Quero Marina, e essa mágoa vai passar, mas, se me amar e quiser, ela terá que vir até mim. Não serei idiota de perdê-la, mas vou esperar sua redenção, sua iniciativa.

Sinto-me culpado por vir de avião sozinho, sabendo que Ma- rina

irá de ônibus, mas não resistiria ao seu olhar penetrante ficando sozinho com ela. Assim que chego em Caxias, vou dire - to à vinícola e conto toda a história ao Tony.

Depois que li aquela carta de mamãe, dizendo que nos momentos de tristeza precisaria de ajuda, vou sempre ao encontro dele, que prontamente me recebe. No entanto, como sempre, ele defende Marina e nós discutimos por ele ter omitido de mim os motivos reais da ida dela a São Paulo e porque ele me

chamou de irresponsável em deixá-la grávida e sozinha. Vou embora puto da vida, mas agradecido internamente, por ele ter imediatamente enviado o avião para buscá-la. Não sei como nem pensei nisso.

Em casa não é diferente. Depois de contar a papai, sou novamente acusado e brigamos também. Poxa, ninguém me entende? Ninguém fica do meu lado? E com o que eu sinto, ninguém se importa? Abraço meu pequeno João, que me devolve imediatamente o sentido da vida. Que saudades eu estava dele! Brincamos um pouco e subo para tomar um banho e tentar relaxar.

Vou à caixa de cartas de mamãe e busco mais um consolo daquela que saberia o que me dizer. Deixo de lado as cartas com conselhos para formatura, casamento, filhos; já li sobre amor, sobre tristeza, e penso em abrir todas de uma vez e encontrar alento quando encontro os seguintes dizeres em sua caligrafia majestosa:

“Para quando estiver desesperado...

Ah, meu querido Otávio.

Está no limite, não é mesmo? Passou o estágio da dor, do medo, e agora o desespero o tomou? Já adianto que não é o fim do mundo, menino. Só não há solução para a morte; o resto se ajeita.

Mas acredito que as coisas só se ajeitam com paciência e amor.

Se for motivo de saúde, financeiro ou coisas do coração, não importa, tenha paciência e amor.

Paciência para aceitar as coisas que não podem ser mudadas e amor para as que podem. Diante de um turbilhão,

o mais comum é esbravejarmos, nos revoltarmos, mas isso irá piorar tudo, pois falamos o que não devemos, magoa- mos e somos magoados.

Meu filho, peça discernimento a Deus, pense e vá re- solver o que quer que seja com calma. Nem peça conselhos a seu pai, pois ele irá deixá-lo mais nervoso, se bem o conheço. Sua tia Marta poderá aconselhá-lo com mais amor se ainda a tiver. Quando você resolver tudo, leia a carta que deixei para momentos felizes.

Te amo, querido, e queria imensamente que esta carta nunca fosse aberta, mas, se assim for, o meu desejo era estar aí para ajudá-lo.

Lembre-se: amor e
paciência. Com carinho,
Mamãe”.

Mamãe era vidente? Bruxa? Dessa vez não choro. Tomo ba- nho e vou procurar tia Marta, que, assim como mamãe, me aconselha a ter paciência.

— Te falo como mulher, somos diferentes, mais complexas. Vocês, homens, são muito razão e resolvem as coisas com mais facilidade. Pense um pouco pelo lado da Marina. Não estou desprezando seus sentimentos, querido, entenda. Mas olhe só. Ela passou por poucas e boas, perdeu a memória, recuperou parcialmente, é tão jovem e com tantas coisas para absorver. Um homem difícil, um filho, mudanças, conflitos por tudo que passou... Marina pode ter errado de várias formas, mas ela o ama, e isso está estampado na maneira como ela te olha. E mulher nenhuma dá um filho a alguém que não ama. Vá

dormir, pois amanhã é outro dia e você verá as coisas com clareza. Não perca momentos felizes se apegando ao ego, Otávio. A vida é muito preciosa para desperdiçá-la. Seja feliz, o orgulho não traz felicidade. Te amo como se fosse meu filho e quero apenas o seu bem.

Ela me beija e sinto a paz retornando. Durmo abraçado com João pensando em como recomeçar a maratona de pedidos de desculpa para a mãe dele. Marina veio ao mundo com um único propósito: fazer-me rastejar aos pés dela.



Marina Estou Há

três DiAs em CAXiAs . Sinto-me mais protegida com o apoio de meus pais, que nem mesmo me recriminaram com a gravidez e estão me paparicando até demais. No primeiro dia em que cheguei, já contei a eles e pedi que papai buscasse meu filho. Claro que novamente houve briga para que as babás viessem junto, mas não aceitei. Mais uma vez, ele deu trabalho pedindo o pai e sinto-me mal por isso, mas também fico morren - do de ciúmes de ver o quanto ele prefere o pai a mim.

Não encontrei Otávio ainda, sei que mais cedo ou mais tarde iremos nos confrontar. Já não estou mais brava com ele, enten- di que falou aquilo no calor do momento, mas temos o mesmo defeito: ORGULHO.

Não posso ignorar o fato de ele ter pedido a Patrícia que ficasse comigo, de ter pedido ao Tony que mandasse o avião me buscar; de certa maneira, preocupou-se conosco. É uma loucura, é insa- no tudo que diz

respeito a mim e Otávio. Nem nos romances de filmes e livros é possível um casal como nós, e sorrio de pensar na história que teremos para contar aos nossos filhos.

Hoje, irei até a vinícola ver minhas princesas e conversar com Livia sobre o trabalho, sobre minha nova gravidez. Eles já sabem da criança, mas me sinto no dever de explicar-lhes tudo. Acho estranho papai insistir em me levar; aliás, estranho é apelido para ele e mamãe. Eles estão confabulando alguma coisa, pois os peguei cochichando várias vezes. Insisto em ir com

o carro, mas sou vencida quando ele diz que vai precisar. Sei que é mentira, mas o carro é dele afinal de contas. Será difícil dividirmos o único carro da família e nem tão cedo poderei comprar um.

Papai me deixa na entrada e não desce nem para cumprimentar a Livia. Receio, pois ele é sempre muito educado. Entro de mãos dadas com João, que já quer sair correndo atrás das priminhas. Ninguém vem nos receber, a porta está entreaberta, mas há um silêncio total. Será que errei o dia? Ou Livia esqueceu? Não pode ser. Vou entrando ressabiada.

— Livia? Tony? Ei, há alguém em casa? — chamo-os e levo um susto quando a porta bate e quase desmaio quando João grita papai.

Demoro uma eternidade para virar-me e encontrar com o homem mais lindo do mundo, aquele que é dono do meu coração. O olhar penetrante dele me bambeia as pernas. Ele abraça o filho sorrindo sem deixar de me olhar. Minhas mãos suam frio e meu coração sapateia em meu peito. Eu o quero, quero muito.

— Oi, Otávio.

— Oi, Marina.

Nós nos cumprimentos secamente, porém com um olhar que nos desnuda. João quebra o clima quando olha de um para o outro e inocentemente grita: — Papá, mamá.

Rimos da situação. Otávio se aproxima de mim lentamente, sem deixar de me olhar.

— Marina, eu vim até aqui porque lhe devo um pedido de desculpa e também porque quero tentar fazer as coisas certas de uma vez. Venha comigo. — Ele me puxa pelas mãos e com o outro braço carrega João.

Meu coração está quase parando de ansiedade. Derrubo todas as barreiras; definitivamente, minha felicidade depende dele.

Seguimos até a entrada e, quando ele abre a porta, há um Audi A7 azul estacionado com um laço gigante e as luzes piscando. Já entendi o que está acontecendo e quase desmaio de emoção, mas aguardo com cautela.

— É seu, Marina. Um presente meu e dos nossos filhos. Entre, há outro presente dentro dele.

Olho-o assustada e incrédula. Sério que estou ganhando um dos carros mais potentes e lindos que já vi? E azul? Ah, Otávio. Entro no carro e fico inebriada com o cheiro de couro, de carro novo. A sensação é extraordinária, estou com as emoções à flor da pele. Há um buquê de rosas amarelas e lírios brancos no banco do lado e um envelope sobre ele. Trêmula, abro-o e encontro a caligrafia linda de Otávio. Até a letra dele é forte, decidida.

“Marina,

Desejo que este presente represente um pedacinho do céu para você, embora não seja uma retribuição justa ao céu que você me dá cada vez que me olha.

Sou um ‘ogro’ (como você diz) em matéria de romantismo, por isso resolvi escrever para que eu não cometa nenhum deslize; assim, consigo expressar o que sinto sem me perder nas palavras ou na distração dos seus lábios. Tenha paciência comigo, foram centenas de folhas rasgadas até eu conseguir.

Quando te conheci naquela festa, algo dentro de mim mudou na hora, pois desde então não tirei mais você da cabeça. Juro que tentei, não quis pensar nem amar, mas descobri tardiamente e louco de paixão que sobre as coisas do coração não temos domínio algum. E, de todas as mulheres do mundo, eu tinha que me apaixonar pela mais complicada, a mais briguenta, porém, na mesma proporção, a mais bonita, inteligente, bem-humorada, aquela que despertou o melhor de mim.

Sei que ainda vamos discordar e brigar muito, eu sei que vou ficar puto da vida quando você não me obedecer, que vou morrer de ciúmes quando algum filho da mãe chegar perto de você. Mas também sei que vou me perder nos seus braços e que seus beijos vão me salvar de qual-quer dor. Que você estará ao meu lado nas lutas do dia a dia e terá sentido voltar para casa.

Uma vez eu disse a você que rosas amarelas signifi- cavam amizade, mas omiti que também representavam desejo. Agora, unidas aos lírios brancos, que simbolizam amor, casamento e maternidade, retratam tudo que eu quero de você.

Não sei se foi romântico desta vez, mas juro que tentei...

Aceita se casar comigo, Marina?"

A folha está molhada de tanto que chorei. Foi a coisa mais linda, especialmente por eu saber o quanto foi difícil pra ele. Olho pela janela e o vejo parado com nosso filho no colo, me esperando. Que homem lindo, e, claro, eu tinha que me apaix- onar pelo mais bravo, dominador e gostoso do planeta. Desço do carro e vou em sua direção enxugando as lágrimas. João estende uma caixinha para mim e abro-a trêmula.

— Então, Marina, aceita se casar comigo?

Nela há uma aliança de safira tão linda e recomeço a chorar pela sutileza da escolha. Ele enxuga minhas lágrimas com as cos- tas das mãos e eu fico nas pontas dos pés para alcançar seus lábios. Beijando-o, sussurro o “sim” mais importante da minha vida.

Ele põe João no chão, coloca a aliança em meu dedo, me pega no colo e me roda, beijando meu pescoço e meu rosto. As lágri- mas dele se misturam com as minhas. Em uníssono, dizemos: — Eu te amo.

De repente começa a tocar “Exagerado”, do Cazuza, e vá- rias pessoas saem de dentro da casa. Meus pais, Livia, Tony,

as meninas, senhor Otávio e dona Marta, até Paulo e Patrícia estão aqui. Todos vêm ao nosso encontro nos abraçando, reclamando da demora e dando parabéns. É tudo muito louco.

— Ei, o que significa tudo isso?

— Nossa festa de noivado, princesa.

— Ah, é, Senhor Presunçoso? E se eu dissesse não?

— Seria impossível, vim armado. Já disse que te amo?

— Não, não disse.

— Acho que tem alguém mentindo aqui.

— Foi romântico dessa vez?

— Hum, diria que foi exagerado.

— “... jogado aos seus pés, eu sou mesmo exagerado”, mocinha — ele diz cantando e me agarra.

— Ei, ei! Vamos parar com essa agarrção? Afinal, você ainda não se casou com minha filha, rapaz! — papai diz brincando.

Todos caem na gargalhada.

Vamos para o quintal, onde está organizado um belíssimo almoço. Essas pessoas são demais, aqui está todo o amor que possuo. Sou a mulher mais feliz do mundo.



otávio estou

plAntADo e suAnDo frio , quase desabando com meu filho no colo, esperando Marina sair de dentro desse carro. Por que fui dar ouvido ao babaca do Tony? Sabia que não iria dar certo. Não sou para essas coisas de romance. E se ela não aceitar? Vou ficar com a maior cara de tacho... Bendita hora que escu - tei, você meu irmão.

De repente a porta se abre e Marina vem tão linda em mi- nha direção, que resolvo agradecer agora. Ela chorou e não sei o que isso significa; em matéria de amor, sou mesmo aprendiz. Espero por seu sim e quando ele vem respiro novamente. Sai um peso de mim e tenho vontade de possuí-la nesse mo- mento. Não merecia tanta felicidade, mas, já que sou egoísta, aproveito tudo que estou recebendo.

Ao final da festa, vou até meu irmão para agradecê-lo. Abraçamo-nos forte e sou grato a ele por simplesmente tudo. Sempre fomos afastados, mas, depois que nos tornamos bobos apaixonados,

viramos também dois maricas sentimentais.

— Valeu, Tony, obrigado pela ajuda, pelo almoço, por ficar com João hoje à noite. Sempre que precisar, estarei aqui.

— Obrigado nada! No próximo fim de semana, você fica com as gêmeas para compensar. Vai lá, aproveita esse tempo perdido. Seja feliz.

Despedimo-nos e chamo Marina para irmos.

— Tem certeza de que vamos deixar João? E se ele chorar?

— Se ele chorar, a gente volta para buscar — eu digo. — Mas tia Marta e papai também irão dormir aqui, e tem as priminhas. Acho que é mais provável que ele chore na hora de ir embora. Não pense em nada. Vamos de carro novo. Venha — eu falo. — Não, senhora, mocinha. Quem vai dirigir é você. O carro é seu! — digo, devolvendo a chave que Marina me entrega.

— Ah, Otávio, estou nervosa. Dirige você, só hoje... — Ela faz sua famosa carinha de garotinha chorona.

— De jeito nenhum, você é a melhor motorista que conheço além de mim, a única em quem eu confio. Sinta o poder desse motor. E você não disse nada, gostou do carro?

— Além de você, é? Presunçoso. Se eu gostei? Eu amei, Otávio, nem nos meus melhores sonhos imaginei ter um carro assim. Agora, Audi? E não precisava ser azul, ele já chama atenção por si só.

— Não gostou? Quer trocar a cor? — Fico apavorado, pois pensei que estava agradando.

— Não, seu bobo, imagina. Eu amei, amei. Estou de volta em meu céu particular, digamos que, agora, um céu mais espaçoso, mais potente. Aperte os cintos, garotão.

Sorrio com seu jeito de menina e inclino o corpo para trás com a acelerada. Marina realmente está curtindo o carro; de hoje em diante, darei tudo que ela quiser. Instruo-a pelo caminho até o hotel que deixei preparado. Durante o trajeto admiro sua beleza e sua segurança em dirigir. Ela não para de sorrir e é contagiante, somos pura felicidade.

— Chegamos, motorista, estacione aqui. Hoje iremos recuperar todo o tempo perdido, será nossa lua de mel.

— Lua de mel é depois do casamento, Otávio, mas aceito um adiantamento. Aiii! Está maluco? — Ela se assusta quando a carrego no colo, parece uma pluma em meus braços.

Como já havia deixado tudo organizado e estou com as chaves, subo direto ao quarto, que está todo arrumado com flores e velas. Deposito delicadamente Marina na cama e ela me diz: — Otávio, que lindo o quarto. Você está se saindo um perfeito romântico, acho que estava fingindo esse tempo todo. Vem cá, meu ogro.

Pronto, seu convite me transforma num louco. Deito-me sobre ela, beijando-a com todo amor do mundo. O medo de perdê-la me torna irracional; se pudesse, grudaria o corpo dela ao meu. Com toda paixão e vontade, tomo Marina de todas as maneiras. Começo beijando seu corpo maravilhoso. Estamos excitados demais para preliminares, então a penetro com todo o desejo guardado em mim. Temo machucá-la, mas é mais forte que eu. Sou forte. Sou possessivo.

Fizemos sexo de todas as maneiras possíveis, insaciáveis um do outro, como se fôssemos nos perder se parássemos; afinal, foram meses de espera, separação e vontade reprimida. Foi fantástico, encontramos disposição e prazer em cada vez, em cada posição. Poderia morrer agora. Nem percebemos a noite cair e o dia amanhecer. Preciso alimentá-la, afinal ela está grávida, fato esse de que nos esquecemos durante esse tempo.

Depois que comemos, desabamos num sono profundo. Ela se deita sobre mim, nua, com seus cabelos loiros caindo no meu peito, tão serena e linda. Sou um felizardo, essa foi sem dúvidas a maior conquista da minha vida. Jamais vou deixá-la partir.



Marina Otávio

está levAnDo Bem a sério esse negócio de antecipar a lua de mel. Não que eu esteja reclamando, mas esse homem é insaciável, uma máquina de sexo. Nem em meus mais remotos delírios imaginei que acabaria em braços tão fortes, de um homem tão lindo e, ainda, apaixonado por mim. Nunca estive mais feliz, realizada e apaixonada. Parece muito para ser verdade, mas é real. A tal história de contos de fadas aconteceu e comigo? Sério mesmo? Cinderela e tantas outras princesas perderam feio para Marina.

Aproveitamos que Patrícia e Paulo estão aqui e organizamos o batizado de João. A princípio, John seria padrinho, mas Otávio foi irredutível. Foi difícil explicar a John que ele foi substituído, mas, como sempre, entendeu e disse que, se fosse ele, agiria como Otávio. Fiquei aliviada por sua compreensão, porém não menos magoada.

Na minha família, para organizarmos uma festa sempre dependíamos de meses guardando dinheiro, limitando a lista, mas fazer festa era primordial. Então, diante das circunstâncias propícias, deixei que mamãe organizasse o batizado. Queria algo simples, porém, como o sonho dela sempre foi fazer uma festa grande, deixei que aproveitasse. Ela contou com a ajuda da Lívia para a organização. Convidou todos os parentes de que se lembrou, as vizinhas e amigas. Nunca vi mamãe tão feliz e empenhada em algo. Otávio ainda dá corda para ela, então já viu.

Como dinheiro faz acontecer as coisas, três dias bastaram para termos uma festa lindíssima de batizado. Optamos por fazer no jardim da casa de Otávio. O padre veio até aqui realizar a cerimônia no pequeno altar que foi montado. Próximo a ele, estavam as mesas organizadas para o almoço.

De São Paulo vieram Lipe e tio Luís (forma carinhosa pela qual ele me obrigou a chamá-lo), meus amigos Fábio e Carla. Daqui, alguns amigos da empresa de Otávio e o restante da família de mamãe, que, claro, não perderia a oportunidade de desfrutar uma boa festa e bisbilhotar minha vida.

Tudo é mágico e o universo conspira a meu favor. Não tenho passado mal, às vezes nem me lembro de que estou grávida. A cerimônia é singela e linda, Otávio se emociona e eu sei que sente falta da mãe. Estamos felizes e mais apaixonados do que nunca.

No meio da festa, procuro Patrícia. Ela vai embora daqui a pouco, mas antes preciso lhe dizer algo.

— Ei, comadre, tem um minutinho para sua amiga aqui?

— Até dois. Para você sempre, sabe disso.

— Obrigada, Paty. Obrigada por estar presente sempre em minha vida, por cuidar de mim, me dar bronca, chocolate e café quando preciso. Obrigada, você é a melhor amiga que alguém pode ter, e ainda por cima agora é minha cunhada e comadre. Eu te amo e vou sentir tanto a sua falta.

— Xi, pode parar, eu sou sua única amiga, Marina, então não vale esse título de melhor amiga aí não. Eu te amo também, obrigada por confiar João a mim. Saiba que eu estarei pronta sempre que ele precisar.

Mesmo relutante, Patrícia me abraça e choramos, pois sabemos que a nossa despedida é definitiva. Vai ser duro ficar longe dela.

— Para de chorar, sua mole, e vê se não me troca pela Livia, hein? Sou ciumenta e possessiva, sabe disso.

Não queria desgrudar dela, mas o momento passa e Otávio nos chama para as fotografias. Ainda bem que tudo foi dito.



otávio Como A

impaciência é uma das minhas maiores características, não demorei nem um mês para me casar com Marina. Minha sorte foi que ela não quis nada de festa ou extravagância. Casamos no cartório e logo após fomos à igreja receber a bênção de Deus em uma simples celebração, em que estavam presentes apenas nossas famílias. Claro que a lua de mel foi concretizada com direito a viagem, passeios e muito luxo para minha rainha. Como Marina estava limitada pela gravidez, optamos por uma viagem ao Brasil mesmo. Visitamos várias praias do Nordeste e aproveitamos cada momento.

Eu morro de ciúmes da minha mulher, sou possessivo e nossa única briga é esta: ela resmunga que eu a sufoco, mas, porra, sou viciado no cheiro e no corpo dela. E eu, que sempre fui blindado a essa coisa de romance, fui castigado me tornando um daqueles príncipes

babacas de historinhas. Eu sou durão e tento manter minha postura, mas no fundo ela sabe que me ganha com seu sorriso. Eu simplesmente faria tudo por ela.

Alguns meses depois...

— Otávio, você vai ter um infarto se continuar assim, meu filho. Tenha calma que vai dar tudo certo. Se fosse para ficar nessa agonia, devia ter entrado na sala de cirurgia.

— Não tenho estômago para ver um parto, papai, mas, droga, é minha esposa lá dentro. E meu filho está nascendo! Queria ser o primeiro a vê-lo, porém não suportaria ver Marina sofrendo. E se acontecer tudo de novo, papai? Ela pode morrer e eu não vou aguentar, eu não posso perdê-la.

— Pare, Otávio. Os médicos lhe garantiram que o que ocorreu no parto de João foi um caso isolado. Ela ficará bem, logo Pedro estará aqui conosco, seu sogro está lá dentro. Agora, se não se acalmar, quem vai ter um treco será você.

Marina entrou em trabalho de parto, antecipando quase uma semana a cesariana que já estava marcada. Quase morri quando me ligaram dizendo que ela estava a caminho do hospital em uma ambulância; senti-me impotente e tive vontade de socar alguém. Já fiz o maior rebuliço aqui no hospital, ameacei os médicos e enfermeiras, e só fui contido quando um policial disse que iria me retirar daqui. Tenho dificuldades de lidar com situações difíceis, mas, porra, minha felicidade está dentro daquela sala, suscetível a qualquer perigo.

Logo depois que nos casamos, levei Marina aos Estados Unidos e procurei os médicos que já conheciam o caso dela, os quais me asseguraram de que ela poderia ter filhos normalmente, mas fica uma insegurança pairando sobre meu peito.

Eu, que nem fumo, desejo fumar uma caixa de cigarros. Tento rezar, mas não consigo; penso em mamãe, mas nada me acalma. Quando acho que não vou mais aguentar, meu sogro vem da sala cirúrgica com um sorriso enorme no rosto. O alívio me toma e não contenho o choro.

— Vá conhecer seu filho, Otávio, é um grande menino e tão lindo quanto João. Sua esposa não parou de chamá-lo um só minuto.

Meu sogro me abraça, e deixo-o com papai e corro para ver Marina.

— Vou até a maternidade e eles estão preparando o bebê. Espero um tempão e enfim permitem minha entrada; coloco todos os aparatos necessários e pego meu filho no colo. A emoção é a mesma de quando segurei João, é um amor desmedido que nasce de repente com apenas um olhar. Ele é lindo, e eu, que pensava que não poderia amar ninguém mais do que amo meu primogênito, já tenho loucura por esse ser tão pequenino e indefeso. Deixo-o nos braços da minha sogra e sou avisado de que Marina já está no quarto. Meu coração bate forte, parece um novo encontro.

— Ei, menina, tudo bem? — digo ao me aproximar da cama. Ela, mesmo debilitada, está linda, seu sorriso me fascina, é um convite a amá-la cada vez mais. Beijo a testa dela e me declaro: — Eu sabia que me casar com mulher bonita tinha certa vantagem, viu? Você é uma máquina em fazer filho bonito. Obrigado, Marina, por mais esse presente, por fazer de mim um homem completo.

— Quem é você? — Ela me fita com olhos arregalados, e sua pergunta põe minha felicidade por terra.

Apoio-me na cama para não cair. Não é possível. NÃO É POSSÍVEL.

— Ei, calma, foi só uma brincadeira.

— Ah, Marina, de muito mau gosto por sinal. Como consegue fazer piada depois de passar por um parto, hein?

Ela está rindo de mim e confesso que acreditei. Mas essa danadinha me paga. Beijo-a com todo o amor que sinto.

Algum tempo depois...

Ainda otávio...

Nossa vida voltou ao normal: cuidados com nossos meninos, trabalho e cotidiano. Eu sempre critiquei uma vida monogâmica, sempre pensei que os casais viviam de fachada, que ninguém suportaria ficar anos a fio ao lado de uma única pessoa; para mim isso tudo era fantasioso demais. Pensando assim, havia decidido nunca me casar, mas me apaixonar foi mais forte que a minha decisão.

Hoje, assumo que só consegui ser desprendido por não ter encontrado a pessoa certa. Hoje me importo, sinto saudades, preocupação, desejo, ciúmes, e esse sentir me enlouquece porque tenho tanto medo de perdê-la. Sou feliz a cada segundo, sou realizado. Sinto vontade de ir para casa só para vê-la. Quando ela me dá bronca, sua carinha de brava me anima. E o desejo por ela é sem fim, basta um toque e me acendo inteiro, basta um beijo e quero possuí-la. No seu sorriso me encontrei. Vi que não só é possível viver com uma única pessoa, como tive e tenho cada dia a certeza de que é possível ser muito feliz. Agradeço por ter sido um babaca por bastante tempo, pois pude esperar por Marina. Nossa relação nunca será perfeita, começou de trás para frente e estamos sempre divergindo em algo, mas nosso ponto de equilíbrio e concordância é surreal.

Ela me completa.

Sou um filho da puta sortudo, tenho tudo que um homem precisa para ser afortunado. As cartas de mamãe ficaram esquecidas, mas há uma especial que desejo ler todos os dias de minha vida, apenas ela até o fim.



Marina Otávio

está nervoso , parece um menino acuado andando de um lado para o outro aqui no quarto. Está com o terno escuro que eu adoro, e reprimo um desejo ardente na hora; aliás, de- sejo e vontade por ele e por sexo não me faltam.

— Ei! Você vai furar esse chão daqui a pouco, sabia? Calma, meu amor, é só uma apresentação do Dia dos Pais, vai dar tudo certo. Você vai se orgulhar do nosso menino.

Hoje João fará sua primeira apresentação na escolinha. Ele é um menino tímido e muito fechado, é como o pai em aparên- cia e modo de ser, então estamos apreensivos.

— Marina, e se ele não conseguir? E se ele desistir? Ou ficar com vergonha? Não quero que ele se sinta humilhado. Vocês deram tanta importância nisso tudo, que ele está se sentindo na obrigação de me agradar.

— Ah, chega! Você está fazendo uma tempestade em copo d'água. Se ele desistir ou não conseguir, estaremos lá para dar for- ças a ele. E a vida

é assim, meu amor, não tem como poupá-los e protegê-los de tudo. E guarde suas energias, você ainda tem mais dois para se preocupar e uma mulher insaciável para agradar.

Bastou isso para ele me abraçar e beijar meu pescoço.

— Vamos, senão chegaremos atrasados, nem comece a me provocar. Chame os garotos, eu já desço.

Ele dá sua piscadinha sexy e sai. Nunca vou me cansar de suspirar por sua beleza.

Estou terminando de me maquiar e tentando ficar bonita com estes quilos a mais. Otávio diz que fico linda grávida, mas pareço uma baleia desajeitada. João está com cinco anos e Pedro com três, e estou esperando Otávio Neto, meu terceiro menino. Como diz meu sogro: “Vocês são piores que coelho e logo farão um time de futebol”.

Depois de casados, eu e Otávio decidimos morar na casa do seu pai, afinal é imensa e, como trabalhamos muito, temos dois leões de guarda sobre os meninos, ele e tia Marta, que também mora conosco. Os dois são bem protetores com as crianças. É uma paz viver aqui, a única dificuldade é driblar o ciúmes deles quando meus pais vêm buscar as crianças. É uma hilária disputa de posse.

Nenhuma das minhas gravidezes foi planejada; as duas primeiras, bem, já contei como aconteceram. Tínhamos optado por ficar apenas com os dois, mas um belo dia Otávio fez uma surpresa e viajamos a Veneza de supetão, onde ficamos apenas cinco dias, por conta dos meninos, que ficaram, e das empresas. No entanto, obviamente foi o suficiente para eu, embasbacada com a beleza daquele lugar e apaixonada pela atitude do meu lindo maridinho, nem lembrar que existia anticoncepcional. Após algumas semanas do nosso retorno, comecei a passar mal. Vamos ter o terceiro menino. Meu sogro pediu que colocássemos o nome dele e não resisti ao seu pedido carinhoso. Decidimos que vou operar, assim evitamos uma seleção de futebol.

João é o pai em tudo, físico e personalidade, é um bom menino, mas vive calado, carrancudo, briguento e mandão. Já Pedro se parece apenas fisicamente com Otávio, porque é espirituoso e alegre, falante, tem cada tirada, muito bonzinho, sempre está sorrindo, é carinhoso e solícito. Outro dia, brincando apenas ele e o irmão, escutei João gritando: “Primeirooo”. E Pedro em seguida respondeu: “Segundooo”. Ele aceita tudo feliz.

Sou uma mulher realizada, tenho tudo que alguém pode desejar: uma família linda, filhos perfeitos, moro perto dos meus pais, tenho um trabalho maravilhoso. Ah, logo após o casamento, Otávio montou uma empresa de Publicidade para mim. Fiquei arrasada em abandonar a Livia, que, por sua vez, me apoiou totalmente. No entanto, me realizei profissional - mente fazendo aquilo que sempre desejei, e em apenas um ano minha empresa cresceu mais de 50% e hoje já triplicou. Conto com uma enorme equipe de colaboradores, é uma verdadeira loucura.

É... minha vida realmente supera qualquer conto de fadas.

Chegamos à escolinha e encontramos papai e mamãe, que já estão prontos para prestigiar o netinho. Livia e Tony também estão com as gêmeas. Elas farão uma dança, são meninas lindas, inteligentes e apaixonadas pelos priminhos. Somos unidos e estamos sempre juntos em almoços, datas comemorativas, passeios ou mesmo um simples café da tarde. A única coisa que me falta são Patrícia e meu irmão Paulo, que ainda moram em São Paulo, e em razão da vida conturbada de cada um nos vemos apenas em festas de final de ano. Ainda bem que existe essa gama de meios de comunicação, que amenizam um pouco a saudade.

João nos surpreende com sua desinibição, sua apresentação é linda, e Otávio faz um esforço descomunal para segurar o choro, mas eu, que o conheço muito bem, sei que está emotivo. As meninas se apresentam lindamente, e a família toda ovaciona e aplaude de pé. Em meio a abraços e felicitações, saímos para comer uma pizza. É uma algazarra até que todos estejam acomodados. Uma grande família unida pelo amor.

Mesmo que eu tivesse escolhido esta vida, não teria acertado tanto. Tenho meu céu particular nos olhos azuis de cada um dos meus meninos e do meu homem, e no sorriso fascinante deles encontro a minha paz e a minha felicidade.



Epílogo “Para

Otávio, sempre que estiver feliz...

Filho amado, meu desejo de mãe era escrever apenas esta carta, e que as outras nunca fossem abertas, mas, como sei que nem tudo são *fl*ores, para tudo um pouco deixei meus conselhos.

Ao começar a escrever esta carta, desejei de todo o meu coração que você a decorasse para que um dia nem mesmo precisasse ser lida, apenas recordada.

Para a felicidade não existe conselho, apenas uma dica: aproveite. É um estado sublime de júbilo, e se você a possui é porque é merecedor

dela. Nunca se sinta menor que a felicidade, ou a tema.

Ela é sua enquanto existir, viva intensamente esses momentos. Muitos dizem que a felicidade nos é tirada, mas isso não é verdade, porque enquanto somos felizes ela é nossa e jamais será esquecida. Há momentos em que não desfrutamos isso, mas não significa que não seremos mais. Entendeu?

Amo-te, meu amor...

Meu desejo mais profundo é de que seja feliz,
feliz e feliz. Mamãe”



Paulo eu e

pAtríciA estAmos BêBADos , chorando e infelizes.
Caímos no sofá da sala da Marina e amargamos
uma grande autopiedade. Ambos enganados e
dilacerados pelos amores de nossa vida. A cena
é patética, digna de um grande circo.

Marina chega com uma bandeja para comermos macarrão instantâneo, desliga a música de “corno” e dá uma baita bronca na gente: — Masoquismo tem limite, não acham? Foram enganados, traídos e ainda permitem-se chorar por eles. Chega. Ao menos por esta noite vamos fingir que somos todos blindados a senti - mentalismos. Agora provem meu prato gourmet.

Nós sorrimos e nos olhamos de maneira cúmplice. Paramos de chorar, jantamos aquela gororoba e depois de um tempo estávamos os três dormindo na sala, parecendo indigentes es- parramados. Quando acordei, já era tarde e Marina não estava mais na sala. Meu braço doía e entendi ao ver Patrícia deitada sobre ele. Como ela veio parar tão perto de mim eu não sei, ou se fui eu a me acomodar tão perto dela.

Fico intrigado.

Puxo meu braço lentamente e vou para o banheiro sem acordá-la. Minha cara no espelho denuncia meu estado de resaca. A embriaguez de ontem foi foda, mas valeu. Decidi que não quero pensar mais em Marcela (minha ex, traidora e filha de uma mãe) e que agora terei vida nova de solteiro. Hora de me esbaldar um pouco, afinal desde sempre namorei.

Passo o domingo na casa da minha irmã e sua amiga Patrícia também fica conosco. Acho que quando namorava eu era cego ou muito tapado, sei lá, porque simplesmente nunca tinha notado o quanto Patrícia é linda. Havia tempos não passava uma tarde descontraída e leve como esta. Comemos pra burro e esgotamos as vistas vendo filme.

Esta é minha última noite aqui no apartamento da Marina, pós-trauma de corno (como minha amada irmãzinha chama meu “caso”). Fica tarde e Patrícia resolve dormir aqui de novo. Minha irmã some de repente e nós dois ficamos sozinhos na sala. A princípio, há um desconforto estranho, que nunca existiu, falta de assunto, ou sei lá o quê, mas aos poucos percebo que “esse sei lá o quê” é um formigamento no estômago, aquela coisa de paquera que havia anos eu nem ao menos cogitava sentir.

Na manhã seguinte eu vou embora, após um café da manhã delicioso e da despedida dramática da Marina, e da despedida cheia de promessas não veladas e olhares profundos trocados com a Patrícia.

Na volta vou pensando em toda a minha vida, nos meus sonhos, em tudo que me aconteceu. Havia optado por curtir um pouco e ficar solteiro uma temporada, azarar a mulherada, mas percebo que não sou assim. Sou feliz com segurança, em estar com quem eu gosto, num relacionamento estável. Mesmo agora, ferido e magoado, é o que eu realmente quero, e não é porque tive o azar de me envolver com uma pilantra que devo generalizar. Sim, pelo visto, minha vida de solteiro vai durar bem pouco. Quero uma mulher e acho que nem vou precisar procurar muito...



John Sou filHo De

um Dos mAiores nomes da música *country* mundial. Todos os meus amigos sempre acharam isso o máximo, as meninas viviam atrás de mim, mas não é esse glamour como todos pensam. Só eu sei das inúmeras brigas de ciúmes entre os meus pais, dos natais que passei sozinho com mamãe, dos meus aniversários que ele nunca chegava e eu ia dormir na esperança de um abraço. Sempre fui solitário, sempre desejei ter irmãos.

Eu cresci vendo minha mãe tomando calmantes para su- perar a fama e a ausência do meu pai. Não que ele fosse uma má pessoa, ou que não nos amasse, mas a carreira dele vinha em primeiro lugar. Eu tinha tudo com que um menino pudesse sonhar, menos o convívio familiar. As coisas começaram a me- lhorar quando meus pais se separaram; por incrível que pareça foi bom, mamãe saiu ao mundo em viagens intermináveis, fi - quei com papai, que, como não tinha com

quem me deixar, me levava por onde ia.

Passei a admirá-lo e não mais o critiquei. Sua vida também não era fácil, e nos tornamos amigos e virei seu agente. Éramos unidos e víamos mamãe esporadicamente. Há dois anos, descobri ter uma irmã, filha apenas do meu pai, a Lívia, empresária, brasileira e uma pessoa maravilhosa. Sua vinda mudou nossa vida, dando uma guinada de 180 graus, mas para melhor. Nossa empatia foi imediata, somos muito parecidos tanto no físico

quanto no jeito de ser. Desde que nos encontramos, criamos um laço forte e sempre que podemos estamos juntos.

Minha ponte aérea agora é Estados Unidos-Brasil. Tenho duas sobrinhas gatinhas, que se tornaram meu amor maior. Pa- pai é um avô coruja, e hoje nossa pequena família aumentou um pouquinho.

Além delas, porém, há outra pessoa que me atrai no Brasil. Uma loira linda de olhos azuis, carismática, querida e de um astral formidável. Ela roubou meu coração desde a primeira vez que a vi. Marina é a melhor amiga da minha irmã, a mulher com quem me casaria na hora, se ela me quisesse.

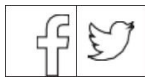
Nunca tinha sido arrebatado por uma mulher, jamais me interessei por ninguém assim. Foi amor à primeira vista sem sombra de dúvidas, mas infelizmente (para mim) somos apenas amigos. Quando me apaixonei, o coração dela já tinha outro dono e eu venho sofrendo pra caralho para tentar esquecê-la.

fonte: Century751 No2 BT

Pimenta Doce

Semi-jóias finas

pAtrocínio  @pimentadoceacessorios



#Talentos da
Literatura Brasileira nas redes
sociais